

CIXIN LIU

•

O FIM
DA MORTE

TRADUÇÃO
Leonardo Alves



PERSONAGENS DE *O PROBLEMA DOS TRÊS CORPOS* E *A FLORESTA SOMBRIA*

Os nomes chineses são escritos com o sobrenome na frente.

Ye Wenjie

Física cuja família foi perseguida durante a Revolução Cultural. Ela iniciou contato com Trissolaris e precipitou a Crise Trissolariana.

Yang Dong

Física; filha de Ye Wenjie.

Ding Yi

Pesquisador de física teórica e o primeiro ser humano a fazer contato com as gotas trissolarianas; namorado de Yang Dong.

Zhang Beihai

Oficial da Frota Asiática que roubou a nave *Seleção Natural* durante a Batalha do Fim dos Tempos e, assim, preservou uma centelha de esperança para a humanidade em sua hora mais sombria. Talvez um dos primeiros oficiais a compreender a natureza das batalhas sombrias.

Say

Secretária-geral da ONU durante a Crise Trissolariana.

Manuel Rey Diaz

Barreira; propôs o plano da bomba de hidrogênio gigante como defesa contra os trissolarianos.

Luo Ji

Barreira, descobridor da teoria da floresta sombria; criador da dissuasão por floresta sombria.

TABELA DE ERAS

Era Comum

Dias atuais-201X E.C.

Era da Crise

201X-2208

Era da Dissuasão

2208-2270

Era Pós-Dissuasão

2270-2272

Era da Transmissão

2272-2332

Era da Casamata

2333-2400

Era da Galáxia

2273-indeterminado

Era do Domínio Negro para o Sistema DX3906

2687-18906416

Cronologia para o Universo 647

18906416-...

TRECHO EXTRAÍDO DO PREFÁCIO DE *UM PASSADO ALÉM DO TEMPO*

Creio que este relato devesse ser chamado de *história*; mas, como só posso contar com minhas lembranças, ele carece de rigor.

Nem mesmo seria certo chamá-lo de *passado*, pois os acontecimentos descritos nestas páginas não ocorreram no passado, não estão acontecendo agora nem acontecerão no futuro.

Não quero registrar os detalhes. Apenas um quadro, para um conto ou uma recordação do passado. Uma quantidade abundante de detalhes já foi preservada. Encerrados em garrafas flutuantes, espero que alcancem o novo universo e persistam nele.

Por isso escrevi apenas um quadro; algum dia, pode ser que com este quadro seja mais fácil preencher todas as lacunas. Evidentemente, essa tarefa não caberá a nós. Só espero que um dia ela chegue para alguém.

Lamento que esse dia não tenha acontecido no passado, não exista no presente nem vá existir no futuro.

Desloco o sol a oeste, e, à medida que o ângulo da luz se altera, as gotas de orvalho nas mudas do campo brilham como se incontáveis olhos se abrissem de repente. Sombreio o sol para que o crepúsculo chegue mais cedo; depois, fico olhando para a minha silhueta no horizonte distante, diante do pôr do sol.

Aceno para a silhueta; a silhueta retribui. Olhando para a minha sombra, sinto-me jovem de novo.

Que época deliciosa, perfeita para recordar.

PARTE I

MAIO DE 1453 E.C.

A MORTE DO MAGO

Parando para se recompor, Constantino XI afastou a pilha de mapas da defesa da cidade colocada à sua frente, apertou o roupão roxo em volta do corpo e esperou.

Foi bem a tempo: o tremor aconteceu no momento em que ele imaginou, um terremoto poderoso e violento que parecia brotar das profundezas da terra. Os candelabros de prata vibraram e ressoaram, e flocos de poeira que por mil anos haviam coberto o Grande Palácio se agitaram e caíram na direção das chamas das velas, onde explodiram em pequenas faíscas.

A cada três horas — o tempo necessário para os otomanos recarregarem uma das bombardas monstruosas projetadas pelo engenheiro Orban —, bolas de pedra de quinhentos quilos sacudiam os muros de Constantinopla. Aqueles eram os muros mais fortes do mundo: construídos por Teodósio II no século V, tinham sido reforçados e ampliados em várias ocasiões, e eram o principal motivo por que a corte de Bizâncio sobrevivera a tantos inimigos poderosos.

Mas cada golpe das imensas bolas de pedra cravava buracos na barreira, como mordidas de um gigante invisível. O imperador conseguia imaginar a cena: enquanto os destroços da explosão se espalhavam pelo ar, centenas de soldados e cidadãos corriam até a nova ferida nos muros como um exército de formigas valentes debaixo de um céu coberto de poeira. Preenchiam o vão com o que encontrassem: pedaços retirados de outras construções na cidade,

sacas de linho cheias de terra, valiosos tapetes árabes... Ele até imaginava a nuvem de poeira, embebida da luz do pôr do sol, pairando lentamente sobre Constantinopla como um manto dourado.

Nas cinco semanas em que a cidade permanecera sitiada, tais tremores aconteciam sete vezes por dia, a intervalos tão regulares quanto as batidas de um relógio colossal. Era o tempo e o ritmo de outro mundo, o tempo dos pagãos. Comparado a esses tremores, o soar do relógio com a água de duas cabeças ali no canto, uma representação do tempo da Cristandade, parecia débil.

Os tremores pararam. Depois de um tempo, e com esforço, o imperador Constantino voltou a pensar na realidade à sua frente. Fez um gesto para avisar ao guarda que estava pronto para receber o visitante.

Frantzes, um dos ministros de maior confiança do imperador, entrou seguido por uma figura esbelta e frágil.

— Esta é Helena. — Frantzes deu um passo para o lado, revelando a mulher.

O imperador olhou-a. As nobres de Constantinopla tinham preferência por roupas ornamentadas com elementos decorativos elaborados, mas as plebeias usavam trajes brancos de corte simples e indistinto que cobriam o corpo até os tornozelos. Essa Helena parecia uma mistura das duas coisas. Em vez de uma túnica bordada com filigranas de ouro, ela usava um vestido branco de plebeia coberto por um luxuoso manto; no entanto, em vez do roxo e do vermelho reservados para a nobreza, o manto era tingido de amarelo. Seu rosto era encantador e sensual, trazendo à memória a imagem de uma flor que preferiria apodrecer diante de olhares adoradores a definhar em solidão.

Uma prostituta, provavelmente bastante bem-sucedida.

Ela estava trêmula. Seus olhos permaneceram baixos, mas o imperador percebeu que traziam um brilho fervoroso, indicando um

entusiasmo e uma devoção raros para sua classe.

— Você alega ter poderes mágicos? — perguntou o imperador.

Ele queria terminar aquilo o mais rápido possível. Frantzes costumava ser meticuloso. Dos cerca de oito mil soldados encarregados da defesa de Constantinopla naquele momento, só uma pequena parcela vinha do exército regulamentar, e cerca de dois mil eram mercenários genoveses. Frantzes tinha sido o responsável por recrutar o restante, aos poucos, entre a população da cidade. Embora o imperador não tivesse nenhum interesse especial por essa sua nova ideia, o histórico do competente ministro lhe garantira pelo menos uma audiência.

— Sim, posso matar o sultão. — A voz plácida de Helena tremulou como fios de seda soprados pela brisa.

Cinco dias antes, diante do palácio, ela exigira ver o imperador. Quando os guardas tentaram dispensá-la, a mulher apresentara um pequeno pacote que os abalou. Não sabiam ao certo o que estavam vendo, mas sabiam que não era algo que ela devesse ter. Em vez de a levarem ao imperador, eles a detiveram e interrogaram a fim de descobrir como havia conseguido o objeto. Sua confissão se confirmara, e então ela fora levada diante de Frantzes.

Frantzes sacou um pequeno embrulho, afastou o tecido de linho e depositou o conteúdo na mesa do imperador.

O olhar do soberano foi tão estupefato quanto o dos soldados cinco dias antes. Mas ele reconheceu imediatamente o que estava diante de seus olhos.

Mais de nove séculos antes, durante o reinado de Justiniano, o Grande, artesãos habilidosos tinham forjado dois cálices de ouro puro, cravejados de pedras preciosas e dotados de um brilho tão fulgurante que era capaz de capturar a alma. Os dois cálices eram idênticos, salvo pela disposição e pelo formato das pedras. Um deles ficara em posse de vários imperadores bizantinos, e o outro fora escondido com outros

tesouros em uma câmara secreta entre os alicerces da Hagia Sophia em 537 E.C., quando a grande igreja foi reconstruída.

O brilho do cálice que o imperador conhecia no Grande Palácio havia diminuído com o passar do tempo, mas o que se encontrava à sua frente agora brilhava tão intensamente que parecia ter sido forjado no dia anterior.

A princípio, ninguém acreditara na confissão de Helena, imaginando que ela provavelmente roubara o cálice de um de seus clientes ricos. Embora muitos conhecessem a câmara secreta sob a grande igreja, poucos sabiam sua localização exata. De resto, a câmara estava abrigada em meio a pedras gigantescas nas profundezas dos alicerces, sem acesso por nenhuma porta ou túnel. Devia ser impossível entrar lá sem um esforço de engenharia colossal.

Quatro dias antes, no entanto, o imperador ordenara que os artefatos preciosos da cidade fossem recolhidos para o caso de Constantinopla cair. Na verdade, foi uma medida desesperada, já que ele sabia muito bem que os turcos haviam bloqueado todas as rotas para a cidade, e não seria possível fugir com os tesouros.

Trinta homens precisaram trabalhar sem parar por três dias para entrar na câmara secreta, protegida por pedras tão imensas quanto as das paredes da Grande Pirâmide de Quéops. No meio da câmara havia um enorme sarcófago de pedra lacrado com doze argolas grossas de ferro entrecruzadas. Foi preciso mais um dia para serrar as argolas, até que cinco homens vigiados por muitos guardas finalmente conseguiram levantar a tampa do sarcófago.

Os olhares foram de espanto, não pelos tesouros e objetos sagrados que haviam passado quase mil anos escondidos, mas pelo cacho de uvas, ainda fresco, que tinha sido colocado no alto da pilha.

Cinco dias antes, Helena alegara ter deixado um cacho de uvas no sarcófago, e, tal como ela declarara, metade das uvas tinha sido comida, restando apenas sete.

Os trabalhadores conferiram os tesouros recuperados pela lista encontrada no interior da tampa do sarcófago; estava tudo ali, exceto o cálice. Se o objeto já não tivesse sido apresentado por Helena, e por sua vez ela não tivesse dado aquela declaração, todas as pessoas dentro da câmara teriam sido executadas, ainda que jurassem que a câmara secreta e o sarcófago estavam intactos.

— Como você o retirou? — perguntou o imperador.

O corpo de Helena estremeceu ainda mais. Aparentemente, a magia não lhe proporcionava uma sensação de segurança. Ela encarou o imperador com um olhar aterrorizado e se obrigou a dar uma resposta.

— Aqueles lugares... Eu vejo... Eu vejo... — ela penou para encontrar a palavra certa. — ... abertos...

— Pode fazer uma demonstração? Tire algo de dentro de um recipiente fechado.

Helena balançou a cabeça, silenciada pelo pavor; ela lançou um olhar de súplica para Frantzes.

— Ela disse que só pode exercitar sua magia em um lugar específico — declarou Frantzes. — Mas não pode revelar o local, e ninguém pode segui-la. Caso contrário, a magia perderá o poder para sempre.

Helena fez um gesto afirmativo com a cabeça, vigorosamente.

— Na Europa, você já teria sido queimada na fogueira — disse o imperador.

Helena se jogou ao chão e abraçou os joelhos. A pequena silhueta parecia a de uma criança.

— Você sabe matar? — insistiu o imperador.

Mas Helena apenas tremia. Após pedidos persistentes de Frantzes, ela por fim assentiu.

— Certo — disse o imperador para Frantzes. — Teste-a.

Frantzes conduziu Helena por uma longa escadaria. Tochas lançavam fracos círculos de luz de seus suportes nas paredes. Debaixo de cada uma delas havia dois soldados armados, e suas armaduras refletiam a luz e formavam desenhos tremulantes nas paredes.

Os dois enfim chegaram a um porão escuro. Helena apertou o manto com força em volta do corpo. Era ali que o palácio armazenava gelo para o verão.

O porão estava sem gelo agora. Um prisioneiro se encolheu sob a tocha no canto; pelas suas vestimentas, era um oficial anatoliano. Seus olhos ferozes como os de um lobo encararam Frantzes e Helena por trás das grades de ferro.

— Vê esse homem? — perguntou Frantzes.

Helena assentiu.

Frantzes lhe entregou uma bolsa de couro de carneiro.

— Pode ir agora. Volte com a cabeça dele antes do amanhecer.

Helena retirou da bolsa uma cimitarra, que cintilou à luz das tochas como a lua crescente. Devolveu-a a Frantzes.

— Não preciso disso.

Depois, ela subiu a escadaria com passos silenciosos. Conforme passava pelos círculos de luz das tochas, pareceu mudar de forma — às vezes uma mulher, às vezes um gato —, até que sua sombra desapareceu.

Frantzes se virou para um dos oficiais.

— Aumente a segurança. — Ele apontou para o prisioneiro. — Mantenha-o sob observação constante.

Assim que o oficial saiu, Frantzes acenou com a mão, e um homem emergiu da escuridão, vestido com um manto negro de frade.

— Não chegue perto demais — disse Frantzes. — Ainda que você a perca de vista, não permita em hipótese alguma que ela o descubra.

O frade assentiu e subiu a escada tão silenciosamente quanto Helena.

Naquela noite, Constantino dormiu tão mal quanto nos outros dias do cerco a Constantinopla: os solavancos das bombardas pesadas o acordavam a cada disparo, no momento em que estava prestes a adormecer. Antes do raiar do sol, ele foi para seu gabinete, onde Frantzes o esperava.

O imperador já havia esquecido a bruxa. Ao contrário de seu pai, Manuel II, e do irmão mais velho, João VIII, Constantino era pragmático e entendia que líderes que investiam toda a fé em milagres tendiam a sofrer fins prematuros.

Frantzes gesticulou junto à porta, e Helena entrou sem fazer ruído. Ela parecia tão assustada quanto em seu primeiro encontro com o imperador, e sua mão tremia quando ela ergueu a bolsa de couro de carneiro.

Assim que Constantino viu a bolsa, soube que fora uma perda de tempo. A bolsa estava murcha, e não pingava sangue. Era óbvio que não continha a cabeça do prisioneiro.

Mas a expressão no rosto de Frantzes não era de decepção. Na verdade, ele parecia distraído, confuso, como se atordoado por um sonho.

— Ela não obteve o que queríamos, não foi? — perguntou o imperador.

Frantzes pegou a bolsa de Helena, colocou-a sobre a mesa do imperador e a abriu. Ele encarou o soberano como se visse um fantasma.

— Quase.

O imperador olhou dentro da bolsa. No fundo, havia algo cinzento e macio, como um pedaço velho de sebo. Frantzes aproximou um candelabro.

— É o cérebro do anatoliano.

— Ela abriu o crânio dele? — Constantino lançou um olhar para Helena. Ela tremia sob o manto como um ratinho assustado.

— Não, o cadáver do prisioneiro parecia intacto. Vinte homens se alternaram em grupos de cinco para vigiá-lo, observando-o sempre de ângulos diferentes. Os guardas do porão também estavam em alerta total; nem um mosquito teria conseguido entrar. — Frantzes se calou, como se a própria lembrança o abalasse.

Assentindo, o imperador lhe pediu para continuar.

— Duas horas depois que ela saiu, o prisioneiro começou a sofrer convulsões e caiu morto. Entre os guardas que presenciaram a cena havia um médico grego experiente, e soldados veteranos de muitas batalhas... ninguém se lembrava de ter visto alguém morrer daquele jeito. Uma hora depois, ela voltou e lhes mostrou esta bolsa. Só então o médico grego abriu o crânio do cadáver. Estava vazio.

Constantino observou o cérebro na bolsa: estava completo, sem qualquer sinal de dano. Aquele órgão frágil devia ter sido retirado com extremo cuidado. Constantino observou os dedos de Helena, que remexiam na gola do manto. Ele imaginou aqueles dedos finos se estendendo, colhendo um cogumelo no meio do mato, uma flor fresca da ponta de um galho...

O imperador ergueu os olhos para a parede, como se observasse algo se erguer no horizonte do outro lado. O palácio se sacudiu com um novo impacto das bombardas gigantescas, mas, pela primeira vez, ele não sentiu os tremores.

Se realmente existem milagres, agora é hora de vê-los se manifestarem.

Constantinopla estava em uma situação desesperada, mas ainda havia esperança. Depois de cinco semanas de guerra sangrenta, o inimigo também havia sofrido grandes baixas. Em alguns lugares, os corpos dos turcos formavam montes tão altos quanto as muralhas, e os atacantes estavam tão exaustos quanto os defensores. Dias antes, uma frota corajosa de Gênova conseguira atravessar o bloqueio no Bósforo e entrara no Corno de Ouro, trazendo preciosos recursos e auxílio. Todos

acreditaram que aquela seria a vanguarda de mais reforços do resto da Cristandade.

O moral estava baixo nos acampamentos otomanos. A maioria dos comandantes nutria o desejo secreto de aceitar a trégua oferecida pela corte bizantina e recuar. Um único homem impedia os otomanos de recuarem.

Ele era fluente em latim, conhecia arte e ciência, tinha habilidade para a guerra; não hesitara ao afogar o irmão em uma banheira para garantir o próprio acesso ao trono; decapitara uma bela e jovem escrava diante das tropas para demonstrar que mulheres não o tentariam... O sultão Mehmed II era o eixo em torno do qual giravam as engrenagens da máquina de guerra otomana. Se ele caísse, a máquina ruiria.

Talvez um milagre realmente tenha se manifestado.

— Qual o seu preço? — perguntou o imperador. Ele continuou olhando para a parede.

— Quero ser lembrada. — Helena estava preparada para essa pergunta.

Constantino assentiu. Dinheiro ou tesouros não exerciam nenhuma atração sobre aquela mulher; nenhum cofre, nenhuma tranca poderia impedi-la de obter o que desejasse. Ainda assim, uma prostituta queria honra.

— Você é descendente dos cruzados?

— Sou. — Ela se calou por um instante, e então acrescentou com cuidado: — Não da quarta.

O imperador colocou a mão sobre a cabeça de Helena, e ela se ajoelhou.

— Vá, criança. Se você matar Mehmed II, será a salvadora de Constantinopla, para sempre lembrada como santa. Uma mulher sagrada da Cidade Sagrada.

Ao entardecer, Frantzes levou Helena para as muralhas perto do Portão de São Romano.

Próximo à muralha, a areia do chão enegrecia com o sangue dos mortos; havia cadáveres espalhados por toda parte, como se tivessem caído do céu. Pouco mais ao longe, a fumaça branca dos canhões imensos flutuava sobre o campo de batalha, com leveza e graça incongruentes. Mais distantes, os acampamentos otomanos se estendiam a perder de vista, uma floresta cerrada de estandartes tremulando na brisa úmida do mar sob um céu de chumbo.

Na direção oposta, navios de guerra otomanos cobriam o Bósforo como um campo de cravos pretos de ferro que fixavam a superfície azul do mar.

Helena fechou os olhos. *Este é o meu campo de batalha; esta é a minha guerra.*

Lendas de sua infância, histórias de seus ancestrais contadas por seu pai emergiram em sua mente: na Europa, do outro lado do Bósforo, havia um povoado na Provença. Um dia, uma nuvem baixou sobre o povoado e liberou um exército de crianças com cruces vermelhas brilhando em sua armadura. Elas eram lideradas por um anjo. O ancestral de Helena, um homem do povoado, havia respondido ao chamado e navegara pelo Mediterrâneo para lutar por Deus na Terra Santa. Ele havia progredido na hierarquia e se tornara cavaleiro templário. Mais tarde, viera para Constantinopla e conhecera uma bela mulher, uma guerreira santa; eles se apaixonaram e geraram aquela família gloriosa...

Depois, mais velha, ela descobriu a verdade. As linhas gerais da história estavam certas: seu ancestral de fato havia participado da Cruzada das Crianças. Foi logo depois que a peste devastou os povoados, e ele se alistara na esperança de encher a barriga. Quando o homem saiu do navio, viu-se no Egito, onde, com mais de dez mil crianças, foi vendido como escravo. Depois de muitos anos cativo, ele

fugiu e acabou chegando a Constantinopla, onde de fato conheceu uma guerreira, uma cavaleira santa. No entanto, o destino dela não foi muito melhor. O Império Bizantino nutria a esperança de que as forças da Cristandade combatessem os infiéis. Porém, o que eles receberam foi um exército de mulheres fracas e pobres como mendigos. A corte bizantina se recusou a equipar essas “guerreiras santas”, e as cavaleiras se tornaram prostitutas.

Por mais de cem anos, a família “gloriosa” de Helena mal conseguira se sustentar. Na geração do pai dela, a pobreza da família tornara-se ainda mais extrema. Faminta, Helena retomara o ofício de sua ancestral ilustre, mas, quando seu pai descobriu, espancou-a e disse que a mataria se a flagrasse mais uma vez... a menos que ela trouxesse seus clientes para casa a fim de que ele pudesse negociar um preço melhor e guardar o dinheiro “para ela”.

Helena saiu de casa e começou a se sustentar e seguir na vida por conta própria. Ela estivera em Jerusalém e Trebizonda, e chegara até a visitar Veneza. Não tinha mais fome e usava belas roupas. Mas sabia que não era diferente de uma folha de grama em meio à lama da estrada: impossível de distinguir da sujeira, e pisoteada pelos viajantes.

Mas então Deus lhe concedeu um milagre.

Mesmo assim, ela não obteve o mesmo que Joana d’Arc, outra mulher dotada de inspiração divina. O que a Donzela de Orleans recebera de Deus? Apenas uma espada. Mas Deus dera a Helena algo que faria dela a mulher mais santa de todas, exceto por Maria...

— Veja, ali está o acampamento de *el-Fatih*, o Conquistador. — Frantzes apontou para longe, do alto do Portão de São Romano.

Helena seguiu o gesto com o olhar e assentiu.

Frantzes lhe entregou outra bolsa de couro de carneiro.

— Aí dentro há três retratos dele, em ângulos e roupas diferentes. Também coloquei uma faca, e será necessária. Vamos precisar da

cabeça inteira, não só do cérebro. É melhor você esperar até o anoitecer. Ele não estará na barraca durante o dia.

Helena aceitou a bolsa.

— Não esqueça o meu aviso.

— Claro.

Não me siga. Não entre no lugar aonde devo ir. Caso contrário, a magia deixará de funcionar, para sempre.

O espião que a seguira da primeira vez, disfarçado de frade, dissera a Frantzes que Helena havia sido muito cuidadosa, fazendo várias curvas e dando voltas até chegar ao bairro de Blaquerna, a parte da cidade que sofria o maior peso do bombardeio dos canhões turcos.

O espião a observara entrar nas ruínas de um minarete que antigamente fazia parte de uma mesquita. Quando Constantino dera a ordem para destruir as mesquitas da cidade, aquela torre específica fora deixada de lado porque, durante a última epidemia da peste, alguns homens doentes tinham corrido para dentro dela e morrido, e ninguém queria chegar muito perto. Durante o cerco, um balaço perdido de canhão destruíra a metade superior do minarete.

Seguindo a exigência de Frantzes, o espião não entrou no local. Mas conversou com dois soldados que haviam estado lá antes que a torre fosse atingida pelo projétil. Eles disseram ao espião que pretendiam instalar um posto de vigia no topo da estrutura, mas desistiram ao constatar que ela não tinha altura suficiente. Conforme relataram, lá dentro não havia nada além de alguns corpos decompostos que já eram praticamente esqueletos.

Dessa vez, Frantzes não mandou ninguém atrás de Helena. Observou-a abrir caminho por entre os soldados apinhados no alto da muralha. Em meio às armaduras incrustadas de sujeira e sangue, o manto colorido da mulher sobressaía. Mas os soldados exaustos a ignoraram. Ela desceu da muralha e, sem fazer qualquer esforço óbvio de despistar um possível seguidor, seguiu para Blaquerna.

A noite caiu.

Constantino fitava a poça de água que evaporava no chão, uma metáfora para sua esperança minguante.

A poça fora deixada por uma dúzia de espiões. Na segunda-feira anterior, trajando uniformes e turbantes das forças otomanas, eles haviam se esgueirado com um veleiro minúsculo pelo bloqueio para dar as boas-vindas à frota europeia que estaria a caminho a fim de romper o cerco a Constantinopla. Mas seus homens viram apenas o vazio do mar Egeu, sem sequer uma sombra da suposta frota. Decepcionados, atravessaram de volta o bloqueio para trazer ao imperador a notícia terrível.

Constantino afinal entendeu que o prometido auxílio da Europa não passava de um sonho. Os reis da Cristandade haviam decidido abandonar friamente Constantinopla aos infiéis depois que a cidade sagrada resistira às ondas de maometanos por tantos séculos.

Gritos ansiosos do lado de fora alcançaram seus ouvidos. Um guarda entrou e anunciou um eclipse lunar: péssimo augúrio. Dizia-se que Constantinopla jamais cairia enquanto a lua brilhasse.

Pela fresta estreita da janela, Constantino observou a lua desaparecer nas sombras, como se entrasse em uma sepultura celeste. Ele tinha certeza, sem saber exatamente a razão, que Helena não voltaria, e que nunca veria a cabeça de seu inimigo.

Um dia se passou; e uma noite. Não houve notícia de Helena.

Frantzes e seus homens desmontaram dos cavalos diante do minarete em Blaquerna.

Estavam todos em choque.

Sob a luz fria e branca da lua nascente, o minarete parecia inteiro: o topo pontudo se erguia para o céu estrelado.

O espião jurou que o minarete não tinha a parte superior quando estivera ali antes. Outros oficiais e soldados, que conheciam a região, corroboraram a informação.

Mas Frantzes encarava o espião com fúria gélida. Por maior que fosse a quantidade de testemunhas dispostas a jurar em contrário, ele sem dúvida estava mentindo: o minarete inteiro era prova irrefutável. No entanto, Frantzes não tinha tempo para aplicar punições; agora que a cidade estava prestes a cair, ninguém escaparia da fúria do Conquistador.

Um soldado que se mantinha afastado sabia que o topo do minarete não fora destruído por um tiro de canhão. Duas semanas antes, em uma manhã, ele encontrara o pedaço desaparecido. Não houvera disparos de canhão na noite anterior, e ele se lembrava de não ter visto destroços no chão em volta do minarete. Os dois soldados que estavam com ele naquela manhã haviam morrido em batalha. No entanto, ao ver a expressão no rosto de Frantzes, ele preferiu não falar nada.

Frantzes e seus homens entraram pela parte inferior do minarete. Até o espião que Frantzes tinha certeza de ser um mentiroso foi junto. Eles viram os restos dos corpos das vítimas da peste que tinham sido espalhados por cachorros selvagens nas ruínas, mas não havia sinal de vida.

Subiram a escada. Sob a luz bruxuleante das tochas no segundo andar, viram Helena encolhida debaixo de uma janela. Ela parecia dormir, mas seus olhos semicerrados refletiam a luz das tochas. As roupas estavam rasgadas e sujas, e o cabelo, desgrenhado; havia alguns arranhões ensanguentados no rosto, talvez provocados por ela mesma.

Frantzes olhou os arredores. Estavam no topo do minarete, um espaço cônico vazio. Ele observou a camada grossa de poeira que cobria tudo, mas havia algumas falhas na poeira, como se Helena, assim como eles, tivesse acabado de chegar.

Ela acordou e, agarrando-se às paredes com as mãos, se levantou. O luar que entrava pela janela transformava o emaranhado de cabelo em volta de seu rosto em uma auréola de prata. Ela arregalou os olhos e pareceu se esforçar para retornar ao presente. Mas então voltou a fechar os olhos, como se tentasse permanecer em um sonho.

— O que você está fazendo aqui? — gritou Frantzes para ela.

— Eu... eu não consigo ir *lá*.

— Onde?

Com os olhos ainda semicerrados, como se tentasse saborear a memória tal qual uma criança que se agarra a um brinquedo adorado que não quer perder, Helena respondeu:

— É tão grande o espaço lá. Tão confortável... — Ela abriu os olhos e observou o entorno, horrorizada. — Mas aqui parece o lado de dentro de um caixão, tanto no minarete quanto lá fora. Tenho que ir para *lá*!

— E sua missão?

— Espere! — Helena fez o sinal da cruz. — Espere!

Frantzes apontou para fora da janela.

— É tarde demais para esperar.

Ondas de barulho os atingiam. Para o ouvido atento, era possível distinguir duas origens.

Uma vinha do lado de fora da cidade. Mehmed II havia decidido lançar a última ofensiva contra Constantinopla no dia seguinte. Naquele momento, o jovem sultão estava cavalgando pelos acampamentos otomanos, prometendo aos soldados que só queria dominar Constantinopla — o tesouro e as mulheres pertenceriam a seu exército, e, depois da queda da cidade, os soldados teriam três dias para saquear à vontade. Todos os soldados festejaram a promessa do sultão, e o som de trombetas e tambores completaram a alegria. Esse barulho de celebração, combinado com a fumaça e as faíscas saltando das fogueiras na frente dos acampamentos, cobriu Constantinopla como uma onda opressora de morte.

O ruído que vinha de dentro de Constantinopla, no entanto, era lúgubre e contido. Todos os cidadãos tinham percorrido a cidade e se reunido na Hagia Sophia para uma última missa. Esta cena jamais acontecera e nunca voltaria a acontecer em toda a história do cristianismo: acompanhados de hinos solenes, à luz de velas fracas, o imperador bizantino, o patriarca de Constantinopla, cristãos ortodoxos do Oriente e católicos da Itália, soldados com armadura completa, comerciantes e marinheiros de Veneza e Gênova e uma multidão de cidadãos comuns se congregaram diante de Deus para se preparar para a batalha final de suas vidas.

Frantzes sabia que seu plano havia fracassado. Talvez Helena não passasse de uma farsa habilidosa e não fosse dotada de magia — essa possibilidade era a mais promissora, de longe. Mas havia uma alternativa, mais perigosa: ela de fato era dotada de magia e havia alcançado Mehmed II, que lhe dera outra missão.

Afinal, o que o Império Bizantino, cambaleando à beira da ruína, poderia oferecer a ela? A promessa do imperador de transformá-la em santa não tinha grandes chances de ser cumprida: tanto Constantinopla quanto Roma dificilmente canonizariam uma bruxa e prostituta. O mais provável era que ela tivesse voltado com dois alvos novos. Constantino e ele próprio.

Orban, o engenheiro húngaro, não era um bom exemplo disso? Ele viera antes a Constantinopla com o projeto de seus canhões gigantes, mas o imperador não tinha dinheiro para pagar seu salário, e muito menos para financiar a construção de máquinas tão monstruosas. Então ele fora a Mehmed II, e o bombardeio diário servia como um lembrete constante de sua traição.

Frantzes olhou para o espião, que imediatamente sacou a espada e cravou-a no peito de Helena. A espada atravessou o corpo e ficou presa em uma rachadura na parede atrás dela. O espião tentou puxá-la, mas

não conseguiu. Helena apoiou as mãos no cabo. O espião soltou a arma, sem querer encostar nas mãos dela.

Frantzes saiu com seus homens.

Helena não emitiu ruído algum ao ser executada. Aos poucos, sua cabeça pendeu, e a auréola prateada formada pelo luar em suas mechas mergulhou em escuridão. O brilho da lua iluminou uma pequena área do chão no interior escuro do minarete, onde um fio de sangue corria como uma serpente fina e negra.

Nos instantes que precederam a grande batalha, todos os sons, dentro ou fora da cidade, se extinguíram. O Império Romano do Oriente viveu seu último dia neste planeta, na interseção da Europa com a Ásia, da terra com o mar.

No segundo andar do minarete, a maga morreu cravada na parede. Ela talvez tenha sido a única maga de verdade em toda a história da humanidade. Infelizmente, dez horas antes, a era da magia, por mais breve que tenha sido, também havia chegado ao fim.

A era da magia começou às quatro da tarde do dia 3 de maio de 1453, quando o fragmento pluridimensional cruzou com a Terra pela primeira vez. E acabou às nove da noite de 28 de maio de 1453, quando o fragmento abandonou a Terra. Depois de vinte e cinco dias e cinco horas, o mundo voltou à órbita normal.

Na noite de 29 de maio, Constantinopla caiu.

Quando a chacina terrível daquele dia estava chegando ao inevitável fim, Constantino, diante das massas de otomanos que avançavam, gritou:

— A cidade caiu e ainda estou vivo.

Então, ele arrancou o manto imperial e sacou a espada para enfrentar as hordas que se aproximavam. Sua armadura prateada brilhou por um instante como um pedaço de papel-alumínio jogado em uma bacia de ácido sulfúrico vermelho-escuro, depois desapareceu.

Só muitos anos depois a importância histórica da queda de Constantinopla ficaria evidente. Para a maioria das pessoas, a associação mais óbvia era que o evento marcou o último suspiro do Império Romano. Bizâncio era uma ranhura de mil anos deixada na terra pelas rodas da Roma Antiga e, embora tenha desfrutado de esplendor por algum tempo, finalmente evaporou como uma poça de água ao sol. Antigamente, os romanos relaxavam e assobiavam em suas termas grandiosas e magníficas, acreditando que seu império, como o granito nas paredes das piscinas em que eles boiavam, duraria para sempre.

Nenhum banquete era eterno. Tudo tinha fim. Tudo.

ERA DA CRISE, ANO 1

A ESCOLHA PELA VIDA

Yang Dong queria se salvar, mas ela sabia que havia pouca esperança.

Estava na sacada do andar mais alto do centro de controle, observando o acelerador de partículas desativado. Dali, podia enxergar toda a circunferência de vinte quilômetros do colisor. Ao contrário da prática mais comum, o aro do colisor não era um túnel subterrâneo; ficava inserido em um tubo de concreto acima da superfície. O complexo parecia um ponto final gigantesco ao pôr do sol.*

Ele fica no fim de que frase? Espero que só no fim da física.

Antes, Yang Dong tinha uma crença básica: a vida e o mundo talvez fossem feios, mas, no limite das escalas micro e macro, tudo era harmonioso e belo. O mundo da vida cotidiana nada mais era que espuma flutuando no oceano perfeito da realidade profunda. Agora, contudo, parecia que o mundo cotidiano era uma bela concha: as microrrealidades que ele continha e as macrorrealidades que o continham eram muito mais feias e caóticas que a própria concha.

Assustadoras demais.

Seria melhor se ela conseguisse parar de pensar nessas coisas. Podia escolher uma carreira que não tivesse nada a ver com física, podia se casar, ter filhos e levar uma vida pacata e conformada como inúmeras outras pessoas. É claro que, para ela, uma vida assim seria apenas meia vida.

Algo mais perturbava Yang Dong: sua mãe, Ye Wenjie. Sem querer, ela descobrira no computador da mãe algumas mensagens codificadas

com criptografia pesada. Isso provocou uma intensa curiosidade em Yang.

Como muitos idosos, a mãe de Yang não estava familiarizada com os detalhes da web e de seu próprio computador, por isso só havia deletado os documentos criptografados em vez de destruí-los digitalmente. Ela não sabia que seria fácil recuperar os dados mesmo se o disco rígido fosse reformatado.

Pela primeira vez na vida, Yang Dong escondeu um segredo da mãe e recuperou a informação dos documentos deletados. Foram dias até conseguir ler tudo, e nesse tempo Yang Dong descobriu uma quantidade espantosa de detalhes sobre o mundo de Trissolaris e o segredo entre sua mãe e os extraterrestres.

Yang Dong ficou chocada. A mãe com quem havia contado durante quase a vida inteira na verdade era uma mulher que ela não conhecia, alguém que sequer acreditava que existisse no mundo. Ela não se atrevia a confrontá-la, jamais, porque, assim que tocasse no assunto, a transformação da mãe dentro de sua mente estaria completa, irreversível. Era melhor fingir que a mãe ainda era a pessoa que ela sempre conhecera e continuar a vida do mesmo jeito. É claro que, para Yang, uma vida assim seria apenas meia vida.

Será que era mesmo tão ruim viver só meia vida? Por onde quer que olhasse, ela via uma quantidade considerável de pessoas à sua volta que viviam apenas meias vidas. Se a pessoa fosse boa em esquecer e se adaptar, era possível se contentar com meia vida, e até ser feliz.

Mas, com o fim da física e o segredo da mãe, Yang havia perdido duas meias vidas, o que totalizava uma vida inteira. O que lhe restava?

Yang Dong se apoiou no guarda-corpo e olhou para o abismo abaixo, apavorada e atraída ao mesmo tempo. Ela sentiu o guarda-corpo tremer ao suportar mais de seu peso, e deu um passo para trás como se tivesse levado um choque. Não se atrevia a ficar mais tempo ali. Virou-se para voltar pela sala do terminal.

Era ali que o centro mantinha os terminais do supercomputador usado para analisar os dados produzidos no colisor. Alguns dias antes, todos os terminais haviam sido desativados, mas agora alguns estavam ligados. Era um pequeno consolo para Yang Dong, mas ela sabia que aquilo já não tinha nenhuma relação com o acelerador de partículas — o supercomputador passara a ser usado para outros projetos.

Só um jovem estava na sala, e ele se levantou quando Yang Dong entrou. Usava óculos de armação grossa bem verde, uma aparência diferente. Yang explicou que só estava ali para buscar alguns objetos pessoais, mas assim que Óculos Verdes ouviu seu nome, animou-se e explicou o programa que estava sendo executado nos terminais.

Era um modelo matemático da Terra. Ao contrário de projetos semelhantes do passado, esse modelo combinava fatores de biologia, geologia, astronomia, ciências atmosféricas e oceanografia, entre outras áreas de conhecimento, para simular a evolução da superfície terrestre do passado ao futuro.

Óculos Verdes chamou a atenção dela para algumas telas grandes, que não exibiam colunas de números subindo sem parar nem curvas rastejando em um diagrama; mostravam retratos luminosos, cheios de cor, como uma vista do alto para continentes e oceanos. Óculos Verdes manipulou o mouse e aproximou a imagem em alguns lugares para mostrar detalhes de um rio ou bosque.

Yang Dong sentiu o sopro da natureza se infiltrar naquele lugar que antes fora dominado por números abstratos e teorias. Sentiu como se estivesse sendo libertada do cativeiro.

Depois da explicação de Óculos Verdes, Yang Dong recolheu seus pertences, despediu-se com educação e se virou para ir embora. Sentiu Óculos Verdes observá-la por trás, mas estava acostumada a isso nos homens, então, em vez de se irritar, sentiu-se reconfortada, como se o olhar dele fosse a luz do sol no inverno. Ela foi dominada por um desejo súbito de se comunicar com outras pessoas.

Virou-se para Óculos Verdes.

— Você acredita em Deus?

Yang Dong ficou chocada com a própria pergunta. Mas, considerando o modelo exibido nos terminais, não era uma questão totalmente fora de propósito.

Óculos Verdes também parecia espantado. Depois de um tempo, ele enfim conseguiu fechar a boca e perguntar, com cuidado:

— A que tipo de “Deus” você se refere?

— Só Deus. — Aquela sensação avassaladora de exaustão tinha voltado. Ela não tinha paciência para explicar mais.

— Não.

Yang apontou para as telas grandes.

— Mas os parâmetros físicos que regem a existência da vida são absolutamente impiedosos. Veja o exemplo da água em estado líquido: ela só pode existir em uma faixa estreita de temperaturas. Considerando o universo como um todo, fica ainda mais evidente: se os parâmetros do Big Bang tivessem sido sequer um milhão de bilionésimo diferentes, nós não teríamos elementos pesados e, portanto, não teríamos vida. Isso não é uma prova nítida de design inteligente?

Óculos Verdes balançou a cabeça.

— Não sei o suficiente sobre o Big Bang para comentar, mas você se engana quanto ao ambiente na Terra. A Terra gerou a vida, mas a vida também transformou a Terra. O ambiente atual em nosso planeta é resultado das interações entre as duas. — Ele pegou o mouse e começou a clicar. — Vamos fazer uma simulação.

Ele abriu um painel de configurações em uma das telas grandes, uma janela cheia de campos densos de números. Desmarcou uma caixa perto do topo, e todos os campos ficaram cinza.

— Vamos desmarcar a opção de “vida” e observar como a Terra teria evoluído sem ela. Vou ajustar a simulação para resolução baixa, para

não perder muito tempo com o processamento.

Yang Dong olhou para outro terminal e viu que o supercomputador estava funcionando em capacidade máxima. Uma máquina como aquela consumia tanta eletricidade quanto uma pequena cidade, mas ela não mandou Óculos Verdes parar.

Um planeta recém-formado surgiu na tela grande. A superfície ainda estava incandescente, como se fosse um pedaço de carvão saído da fornalha. O tempo passou no ritmo das eras geológicas, e o planeta se resfriou gradualmente. A cor e as formas na superfície se deslocaram devagar em um movimento hipnótico. Alguns minutos depois, a tela foi ocupada por um planeta alaranjado, indicando o fim do processo de simulação.

— As computações foram feitas na resolução mais baixa; para fazer com mais precisão, demoraria mais de um mês.

Óculos Verdes mexeu o mouse e ampliou a superfície do planeta. A imagem flutuou por cima de um vasto deserto, por cima de um grupo de montanhas imensas com formato estranho, por cima de uma depressão redonda que parecia uma cratera.

— O que estamos olhando? — perguntou Yang Dong.

— A Terra. Sem vida, é assim que a superfície do planeta seria agora.

— Mas... cadê os oceanos?

— Não existem oceanos. Nem rios. A superfície toda é seca.

— Você está dizendo que, sem vida, a água não existiria na Terra em estado líquido?

— A realidade provavelmente seria ainda mais chocante. Lembre que esta é uma simulação em baixa resolução, mas pelo menos dá para ver o tamanho do impacto que a vida teve na condição atual da Terra.

— Mas...

— Você acha que a vida é apenas uma concha frágil, fina e macia pendurada na superfície deste planeta?

— Não é?

— Só se você ignorar o poder do tempo. Se uma colônia de formigas mover constantemente detritos do tamanho de grãos de arroz, em um bilhão de anos elas removeriam todo o monte Tai. Considerando uma quantidade suficiente de tempo, a vida é mais forte do que metal e pedra, mais poderosa que ciclones e vulcões.

— Mas a formação de montanhas depende de forças geológicas!

— Não necessariamente. A vida pode não ser capaz de erguer montanhas, mas pode alterar a distribuição de cordilheiras. Digamos que existem três montanhas, e que duas delas são cobertas de vegetação. A que não tem cobertura logo será aplainada pela erosão. Esse “logo” significa algo na ordem de milhões de anos, um piscar de olhos em termos geológicos.

— Então como os oceanos desapareceram?

— Nós teríamos que examinar os arquivos da simulação, o que daria muito trabalho. No entanto, posso fazer um palpite aproximado: plantas, animais e bactérias desempenharam papéis importantes na composição atual da nossa atmosfera. Sem a vida, a atmosfera teria sido muito diferente. É possível que essa atmosfera não fosse capaz de proteger a superfície da Terra contra os ventos solares e raios ultravioleta, e os oceanos evaporariam. Em pouco tempo, o efeito estufa transformaria a atmosfera terrestre em uma cópia da de Vênus, e depois, com o tempo, o vapor de água se dissiparia no espaço. Depois de bilhões de anos, a Terra secaria.

Yang Dong não disse nada enquanto contemplava aquela casca amarela do planeta.

— Portanto, a Terra em que vivemos hoje é um lar que a vida construiu para si mesma. Não tem nada a ver com Deus.

Óculos Verdes abriu os braços como se quisesse abraçar a tela grande, nitidamente satisfeito com sua própria eloquência.

Yang Dong não estava muito disposta a discutir o assunto, mas, assim que Óculos Verdes desmarcou a opção de vida no painel de

configurações, uma ideia passou por sua cabeça.

Ela fez a segunda pergunta assustadora:

— E o universo?

— O universo?

— Se usarmos um modelo matemático semelhante para simular o universo inteiro e desmarcarmos a opção de vida, qual seria o resultado para a aparência do universo?

Óculos Verdes pensou por um instante.

— Seria igual. Quando falei dos efeitos da vida no ambiente, eram limitados à Terra. Mas, falando do universo, a vida é excepcionalmente rara, e seu impacto na evolução do universo não é significativo.

Yang Dong se conteve. Ela se despediu de novo e se esforçou para abrir um sorriso educado. Saiu do edifício e levantou a cabeça para observar o céu noturno cravejado de estrelas.

Por causa dos documentos secretos de sua mãe, ela sabia que a vida não era tão rara no universo. Na verdade, o universo estava abarrotado.

Quanto o universo foi transformado pela vida?

Uma onda de terror ameaçou tomar conta dela.

Yang Dong sabia que não podia mais se salvar. Ela tentou parar de pensar, tentou dirigir a mente para uma escuridão vazia, mas uma nova pergunta insistia em atormentá-la: *a Natureza é mesmo natural?*

* O ponto final chinês é assim: °

ERA DA CRISE, ANO 4

YUN TIANMING

Depois de sua visita regular a Yun Tianming, o dr. Zhang deixou-lhe um jornal com a justificativa de que, após tanto tempo internado, ele precisava saber o que estava acontecendo no mundo. O quarto de Tianming tinha uma televisão, então ele ficou confuso, pensando que talvez o médico estivesse se referindo a alguma outra coisa.

Tianming leu o jornal e chegou à seguinte conclusão: comparando com a época anterior à sua internação, as notícias sobre Trissolaris e a Organização Terra-Trissolaris (OTT) já não dominavam tudo. Havia pelo menos algumas matérias que não tinham nada a ver com a crise. A tendência da humanidade a se concentrar no aqui e agora se estabeleceu, e as preocupações com circunstâncias que só aconteceriam dali a quatro séculos cederam espaço para pensamentos sobre a vida no presente.

Não era nenhuma surpresa. Ele tentou lembrar o que estava acontecendo quatrocentos anos antes: a China estava sob a Dinastia Ming, e ele achava — não tinha certeza — que Nurhaci havia acabado de fundar o império que substituiria os Ming depois de matar milhões de pessoas. A Idade das Trevas havia terminado pouco antes no Ocidente; a máquina a vapor ainda levaria mais de um século para surgir; e, quanto à eletricidade, seria preciso esperar trezentos anos. Se alguém na época tivesse se preocupado com a vida dali a quatrocentos anos, seria motivo de piada. Era tão ridículo se preocupar com o futuro quanto lamentar o passado.

Quanto ao próprio Tianming, com base na evolução de sua doença, ele nem teria que se preocupar com o ano seguinte.

Mas uma notícia chamou sua atenção. Estava na primeira página:

Sessão especial da Terceira Comissão Permanente do Congresso Nacional Popular aprova Lei da Eutanásia

Tianming ficou confuso. A sessão legislativa especial tinha sido convocada para lidar com a Crise Trissolariana, mas essa lei parecia não ter relação com a crise.

Por que o dr. Zhang queria que eu visse essa notícia?

Um ataque de tosse o obrigou a deixar o jornal de lado e tentar dormir um pouco.

No dia seguinte, a TV também mostrava entrevistas e reportagens sobre a lei da eutanásia, mas o público não parecia muito interessado.

Tianming não conseguiu dormir direito naquela noite: ele tossiu, teve dificuldade para respirar, sentiu fraqueza e náusea por causa da quimioterapia. O paciente que estava no leito vizinho se sentou na beira da cama de Tianming e segurou a máscara de oxigênio para ele. Seu sobrenome era Li, e todo mundo o chamava de “Lao Li”, *Velho Li*.

Lao Li olhou para os outros dois pacientes internados no mesmo quarto para conferir se eles estavam dormindo e disse:

— Tianming, vou sair mais cedo.

— Você teve alta?

— Não. É aquela lei.

Tianming se sentou.

— Mas por quê? Seus filhos são tão solícitos e preocupados...

— É exatamente por isso que decidi fazer. Se esta situação se arrastar por muito mais tempo, eles vão ter que vender suas casas. Para quê? No fim, não há cura. Preciso ser responsável em nome dos meus filhos e dos filhos deles.

Lao Li deu um suspiro, tocou de leve o braço de Tianming e voltou para sua cama.

Olhando para a sombra das árvores balançando projetada na cortina, aos poucos Tianming pegou no sono. Pela primeira vez desde que ficou doente, ele teve um sonho tranquilo.

Estava sentado em um pequeno barco de origami que flutuava em uma água plácida, sem remos. O céu era cinza-escuro e enevoadado. Uma garoa fresca caía, mas a chuva não parecia chegar à superfície da água, que se mantinha lisa como um espelho. A água, também cinza, se fundia com o céu em todas as direções. Não havia horizonte, nem margem...

Quando acordou, de manhã, Tianming ficou impressionado por que, em seu sonho, ele tinha certeza absoluta de que *ali* sempre estaria garoando, a superfície sempre seria lisa, e o céu sempre seria cinza-escuro e enevoadado.

O hospital estava prestes a realizar o procedimento que Lao Li solicitara.

Houve muitos debates internos até os jornais e noticiários se decidirem pelo verbo “realizar”. “Executar” obviamente era inadequado; “cumprir” também soava mal; “concluir” parecia dar a entender que a morte já era uma certeza, o que também não era exatamente verdade.

O dr. Zhang perguntou se Tianming se sentia forte o bastante para comparecer à cerimônia de eutanásia de Lao Li. O médico se apressou a acrescentar que, como aquele seria o primeiro caso de eutanásia na cidade, era melhor que estivessem presentes representantes de diversos grupos de interesse, incluindo alguém em nome de outros pacientes. Não havia nenhuma outra intenção.

Mas Tianming não conseguiu ignorar a sensação de que o pedido trazia, sim, uma mensagem oculta. Apesar disso, como o dr. Zhang sempre cuidara bem dele, Tianming aceitou.

Depois, de repente ele se deu conta de que o rosto e o nome do dr. Zhang eram familiares — será que ele já conhecia o médico antes de ser internado? —, mas não se lembrava exatamente de onde. O fato de que ele não tivera essa sensação de reconhecimento antes se justificava porque as interações entre eles haviam se limitado a conversas sobre a doença e o tratamento. A forma de o médico falar e agir enquanto exercia seu trabalho era diferente de quando ele falava como uma pessoa comum.

Não havia nenhum parente de Lao Li para presenciar o procedimento. Ele não comunicara sua decisão à família e pedira que o Gabinete de Assuntos Cíveis do município — e não o hospital — os informasse depois. A nova lei permitia que ele fizesse dessa maneira.

Muitos repórteres compareceram, mas a maioria foi mantida longe da cena. O quarto de eutanásia foi adaptado a partir de um quarto no setor de emergência do hospital. Uma das paredes era um espelho falso para que os observadores pudessem acompanhar o que acontecia lá dentro, mas o paciente não conseguia vê-los.

Tianming abriu caminho pela multidão de observadores até ficar bem na frente do espelho falso. Assim que viu o interior do quarto de eutanásia, foi tomado por uma onda de medo e mal-estar. Ele sentiu ânsia de vômito.

Quem quer que tivesse sido responsável pela decoração daquele quarto havia se esforçado bastante: cortinas novas e bonitas nas janelas, flores frescas em vasos, e vários corações de papel cor-de-rosa nas paredes. Mas a tentativa bem-intencionada de humanizar a situação produzira o exato oposto disso: o clima pavoroso da morte se misturava a uma alegria sinistra, como se estivessem tentando transformar uma tumba em quarto de núpcias.

Lao Li estava deitado na cama no centro do quarto e parecia em paz. Tianming se deu conta de que eles não chegaram a se despedir e sentiu um aperto no coração. Havia dois tabeliões lá dentro, finalizando a parte formal do procedimento. Depois que Lao Li assinou os documentos, os tabeliões saíram.

Outro homem entrou para explicar a Lao Li as etapas específicas do processo. Ele usava jaleco, mas não ficou claro se era um médico. O homem apontou para a tela grande ao pé da cama e perguntou se Lao Li conseguia ler o que estava escrito nela. Lao Li fez que sim. Então o homem pediu para Lao Li usar o mouse ao lado da cama e clicar nos botões da tela e explicou que, se tivesse dificuldade, havia outros métodos de interação disponíveis. Lao Li experimentou o mouse e indicou que estava funcionando bem.

Tianming se lembrou de quando Lao Li lhe dissera que nunca havia usado computadores. Sempre que precisava de dinheiro, ele ia na boca do caixa. Devia ser a primeira vez que usava um mouse na vida.

O homem de jaleco disse para Lao Li que uma pergunta apareceria na tela, e que a mesma pergunta se repetiria cinco vezes. Cada vez que a tela exibisse a pergunta, haveria seis botões embaixo, com números de zero a cinco. Se Lao Li desejasse dar uma resposta afirmativa, ele teria que clicar no número indicado nas instruções da tela, que mudariam aleatoriamente a cada vez que a pergunta aparecesse. Se Lao Li desejasse dar uma resposta negativa, só precisava clicar em zero, e o procedimento pararia imediatamente. Não haveria nenhum botão de “Sim” ou “Não”.

Ele explicou que o propósito dessa complexidade no procedimento era evitar uma situação em que o paciente se limitasse a apertar o mesmo botão sem refletir na resposta todas as vezes.

Uma enfermeira entrou no quarto e inseriu uma agulha no braço esquerdo de Lao Li. O tubo atrás da agulha estava ligado a um injetor automático mais ou menos do tamanho de um laptop. O homem de

jaleco tirou um embrulho lacrado, abriu as camadas de película protetora e revelou uma pequena ampola de vidro cheia de um líquido amarelado.

Com muito cuidado, ele encheu o injetor com o líquido e saiu com a enfermeira.

Lao Li ficou sozinho no quarto.

A tela exibiu a pergunta, e uma voz feminina suave e gentil a leu:

Você deseja dar fim à sua vida? Para sim, aperte 3. Para não, aperte 0.

Lao Li apertou 3.

Você deseja dar fim à sua vida? Para sim, aperte 5. Para não, aperte 0.

Lao Li apertou 5.

O processo se repetiu mais duas vezes. E então:

Você deseja dar fim à sua vida? Esta é a última consulta.
Para sim, aperte 4. Para não, aperte 0.

Tianming sentiu uma onda de tristeza que o deixou tonto e quase desmaiou. Nem quando sua mãe morreu ele sentiu tanta dor e raiva. Quis gritar para Lao Li apertar 0, quebrar o espelho, esganar aquela voz.

Mas Lao Li apertou 4.

Sem qualquer ruído, o injetor se ativou. Tianming viu a coluna de líquido amarelado no tubo de vidro diminuir até desaparecer. Lao Li não se mexeu em nenhum momento. Só fechou os olhos e dormiu.

A multidão em volta de Tianming se dissipou, mas ele não saiu do lugar, com a mão apoiada no vidro. Não estava olhando para o corpo

sem vida deitado lá dentro. Seus olhos estavam abertos, mas ele não estava olhando para nada.

— Ele não sentiu dor. — A voz do dr. Zhang veio em um sussurro que pareceu o zumbido de um mosquito. Tianming sentiu uma mão repousar em seu ombro esquerdo. — É uma mistura de uma dose cavalariça de barbitona, relaxantes musculares e cloreto de potássio. A barbitona faz efeito primeiro e mergulha o paciente em um sono profundo, o relaxante muscular interrompe a respiração e o cloreto de potássio para o coração. O processo todo leva no máximo vinte ou trinta segundos.

Depois de um tempo, a mão do dr. Zhang soltou seu ombro, e Tianming ouviu os passos dele se afastando. Mas não se virou.

De repente, ele se lembrou de onde conhecia o médico.

— Doutor — disse Tianming em voz baixa. Os passos pararam. Tianming continuou sem se virar. — Você conhece a minha irmã, não é?

A resposta veio depois de uma longa pausa.

— Sim. Nós éramos colegas de turma no ensino médio. Lembro de ter te visto algumas vezes quando você era pequeno.

Tianming saiu do edifício principal do hospital com passos mecânicos. Tudo estava claro agora. O dr. Zhang trabalhava para sua irmã; sua irmã queria que ele morresse. Não, queria que ele “realizasse o procedimento”.

Embora Tianming relembresse com frequência a infância feliz ao lado da irmã, eles tinham se distanciado com o passar dos anos. Não havia nenhum conflito explícito entre os dois, nem qualquer sentimento de mágoa. Mas eles passaram a se encarar como pessoas completamente distintas, e cada um se sentia desprezado pelo outro.

A irmã dele era astuta, mas não inteligente, e se casara com um homem igual. Eles não eram bem-sucedidos em suas carreiras, e apesar dos dois filhos crescidos não tinham condições de comprar uma casa.

Como a casa dos sogros dela não tinha espaço para todo mundo, a família agora morava com o pai de Tianming.

Tianming, por sua vez, era solitário. Não tivera mais sucesso que a irmã na vida pessoal ou no trabalho. Sempre morara sozinho em dormitórios que pertenciam à empresa em que ele trabalhava, e deixara a responsabilidade de cuidar do pai debilitado totalmente nas mãos da irmã.

De repente, Tianming compreendeu o raciocínio dela. O plano de saúde não cobria todas as despesas da internação, e, quanto mais a situação se prolongasse, maior seria a conta. O pai deles vinha pagando com suas economias, mas ele nunca oferecera esse dinheiro para ajudar a irmã de Tianming a comprar uma casa para a família — um caso nítido de favoritismo. Do ponto de vista da irmã, o pai deles estava gastando dinheiro que devia ser dela. Além do mais, era um desperdício gastar com tratamentos que só prolongariam a doença, sem curá-la. Se Tianming escolhesse a eutanásia, a herança de sua irmã seria preservada, e ele sofreria menos.

O céu estava encoberto por uma névoa cinza-escura, exatamente como no sonho. Contemplando esse cinza infinito, Tianming soltou um longo suspiro.

Tudo bem. Se você quer que eu morra, eu morro.

Ele pensou no livro *O veredicto* de Franz Kafka, em que um pai amaldiçoa o filho e o condena à morte. O filho aceita com a mesma facilidade de alguém que aceita tirar o lixo ou fechar a porta, e sai da casa, corre pelas ruas até a ponte e se joga da balaustrada para a morte. Mais tarde, Kafka revelou a seu biógrafo que, quando escreveu essa cena, estava pensando em “uma forte ejaculação”.

Tianming agora entendia Kafka, o homem de chapéu-coco e valise, o homem que caminhou em silêncio pelas ruas escuras de Praga mais de um século antes, o homem que era tão solitário quanto ele próprio.

Alguém esperava Tianming quando ele voltou ao quarto no hospital: Hu Wen, um colega da faculdade.

Wen era o que mais se aproximava da noção que Tianming possuía de um amigo dos tempos de faculdade, mas o que eles tinham não era exatamente amizade. Wen era uma daquelas pessoas que se davam bem com todo mundo e sabiam o nome de todos; mas até para ele Tianming fazia parte do círculo de contatos mais periféricos. Eles não se falavam desde a formatura.

Wen não levou flores nem nada do tipo; trazia apenas uma caixa de papelão cheia de latas de bebida.

Depois de uma breve e constrangida troca de cumprimentos, Wen fez uma pergunta que pegou Tianming de surpresa.

— Você se lembra daquele passeio que nós fizemos quando éramos calouros? Daquela primeira vez em que saímos todos como um grupo?

Claro que Tianming lembrava. Tinha sido a primeira vez que Cheng Xin se sentara ao seu lado, que falara com ele.

Se ela não tivesse tomado a iniciativa, Tianming duvidava que tivesse criado coragem para falar com ela nos quatro anos da faculdade. No passeio, ele se sentara sozinho, olhando para a vastidão da represa de Miyun, nos arredores de Beijing. Ela se sentara ao seu lado e começara a falar.

Enquanto os dois conversavam, ela jogava pedrinhas na represa. A conversa circulou pelos assuntos típicos de colegas que começam a se conhecer, mas Tianming ainda se lembrava de cada palavra. Depois de algum tempo, Cheng Xin fez um barquinho de origami com uma folha de papel e o depositou na água. Uma brisa levou o barco embora lentamente até ele virar um pontinho minúsculo distante...

O dia mais bonito da época da faculdade tinha uma aura dourada em sua memória. Na verdade, o tempo não estava muito bom naquele dia: caía uma garoa leve, a superfície da represa estava coberta de marolas, e as mãos deles estavam molhadas pelas pedrinhas que jogavam. Mas,

desde então, Tianming se apaixonou por dias de garoa, se apaixonou pelo cheiro de terra úmida e pedras molhadas, e de tempos em tempos ele fazia barcos de origami e os deixava na mesinha de cabeceira.

De repente ele se perguntou se o mundo daquele sonho pacífico tinha sido um resultado de sua memória.

Mas Wen queria falar do que aconteceu depois naquele passeio — acontecimentos que não causaram nenhuma grande impressão em Tianming. No entanto, com a insistência de Wen, ele conseguiu resgatar aquelas lembranças difusas.

Alguns amigos de Cheng Xin tinham aparecido e a chamaram. Depois, Wen se sentou ao lado de Tianming.

Não fique se achando muito. Ela é gentil com todo mundo.

Claro que Tianming sabia disso. Mas então Wen viu a garrafa de água mineral na mão de Tianming e mudou de assunto.

O que você está bebendo?

A água dentro da garrafa era verde, e havia pedaços de grama e folhas boiando nela.

Amassei algumas ervas e misturei à água. É uma bebida muito orgânica.

Ele estava de bom humor, por isso estava mais falante do que o normal.

Talvez algum dia eu abra uma empresa para fabricar esta bebida. Com certeza vai fazer sucesso.

O gosto deve ser horrível.

Você acha que cigarro e álcool têm um gosto muito bom? Até a coca-cola provavelmente tinha gosto de remédio na primeira vez que você bebeu. Tudo que é viciante é assim.

— Meu amigo, essa conversa mudou a minha vida! — disse Wen. Ele abriu a caixa de papelão e tirou uma lata. Era pintada de verde por fora, com o desenho de uma pradaria. A marca era “Tormenta Verde”.

Wen abriu a lata e a entregou para Tianming, que tomou um gole; era aromática, um sabor de ervas, com toque amargo. Ele fechou os olhos e voltou à margem da represa naquele dia de garoa, e Cheng Xin estava ao seu lado...

— Esta é uma versão especial. A receita para o mercado é mais doce — disse Wen.

— Vende bem?

— Muito bem! O maior obstáculo agora é o custo. Você talvez imagine que grama é barato, mas, até eu conseguir aumentar a escala, é mais caro que frutas ou castanhas. Além disso, para que seja seguro beber, os ingredientes precisam passar por um processo de pasteurização que é complicado. Mas a perspectiva é fantástica. Tenho muitos investidores interessados, e a Huiyuan Juice quer comprar minha empresa. Que se fodam.

Tianming olhou para Wen sem saber o que dizer. Wen havia se formado em engenharia aeroespacial, mas acabara se tornando empreendedor na indústria de bebidas. Ele era alguém que fazia coisas, que realizava coisas. A vida pertencia a pessoas assim. Mas pessoas como Tianming só podiam ver a vida passar e deixá-las para trás, abandonadas.

— Estou em dívida com você — disse Wen. Ele entregou três cartões de crédito e um pedaço de papel a Tianming. Olhou para os lados, chegou mais perto e sussurrou: — A conta tem três milhões de yuans. A senha está no papel.

— Eu nunca patenteei nada — disse Tianming.

— Mas a ideia foi sua. Sem você, não existiria Tormenta Verde. Se você concordar, nós ficamos quites, pelo menos legalmente. Mas, pela nossa amizade, eu sempre vou estar em dívida com você.

— Você não me deve nada, nem pela lei nem por nada.

— Você tem que aceitar. Eu sei que você precisa de dinheiro.

Tianming não falou mais nada. A quantia era astronômica, mas ele não ficou empolgado. O dinheiro não o salvaria.

Ainda assim, esperança é um bicho teimoso. Depois que Hu Wen saiu, ele pediu para falar com um médico. Não queria o dr. Zhang; depois de muito esforço, conseguiu ser atendido pelo diretor-assistente do hospital, um oncologista famoso.

— Se dinheiro não fosse problema, eu teria chance de cura?

O médico idoso abriu o prontuário de Tianming no computador e, depois de algum tempo, balançou a cabeça.

— O câncer se espalhou pelo seu corpo a partir dos pulmões. Cirurgia não vai resolver; só podemos fazer quimioterapia e radiação, técnicas conservadoras. Mesmo com dinheiro... Meu jovem, lembre-se do ditado: o médico só pode curar as doenças que precisam ser curadas; Buda só pode salvar aqueles que precisam ser salvos. — O último resquício de esperança morreu para Tianming, e seu coração ficou em paz. Na mesma tarde, ele preencheu o formulário de solicitação de eutanásia.

Entregou o formulário para o dr. Zhang. O médico pareceu sofrer algum conflito moral interno e não encarou Tianming nos olhos. Mas falou que Tianming podia interromper a quimioterapia; não fazia sentido ele continuar sofrendo.

A única questão que Tianming ainda tinha que resolver era decidir como gastar o dinheiro de Wen. O “certo” seria dar tudo para o pai e deixar que ele distribuísse o dinheiro para o resto da família. Mas seria o mesmo que dar o dinheiro todo para a irmã, e Tianming não queria fazer isso. Ele já ia morrer, como ela queria; não achava que lhe devia mais nada.

Ele se perguntou se tinha algum sonho nunca realizado. Seria bom passear pelo mundo em um cruzeiro de luxo... mas seu corpo não aguentaria, e não lhe restava muito tempo. Que pena. Ele teria gostado de se deitar em um convés ensolarado e repensar a vida enquanto

contemplava o mar hipnótico. Ou poderia pisar o solo de algum país desconhecido em dia de garoa, ficar sentado perto de algum lago pequeno e jogar pedrinhas molhadas na superfície cheia de marolas...

Mais uma vez, pensou em Cheng Xin. Ultimamente, Tianming vinha pensando cada vez mais nela.

À noite, Tianming viu uma reportagem na TV:

A décima segunda sessão do Conselho de Defesa Planetária da ONU sancionou a Resolução 479, que institui o Projeto Nosso Destino nas Estrelas. Um comitê formado pelo Programa da ONU para o Desenvolvimento, pelo Comitê de Recursos Naturais e pela Unesco está autorizado a implementar o projeto imediatamente.

O site oficial chinês para o Projeto Nosso Destino nas Estrelas começa a funcionar hoje à tarde. Segundo um representante da sede local do PNUD, o projeto aceitará lances de indivíduos e empresas, mas não considerará lances de organizações não governamentais...

Tianming se levantou e falou para a enfermeira que queria caminhar. Mas, como já era noite, a enfermeira não o deixou sair. Ele voltou para o quarto escuro, abriu as cortinas e subiu o vidro da janela. O novo paciente no leito antigo de Lao Li resmungou.

Tianming olhou para fora. As luzes da cidade projetavam uma aura sobre o céu noturno, mas ainda era possível enxergar alguns pontos prateados.

Ele sabia o que queria fazer com o dinheiro: ia comprar uma estrela para Cheng Xin.

TRECHO EXTRAÍDO DE *UM PASSADO ALÉM DO TEMPO*

INFANTILISMO NO INÍCIO DA CRISE

Muito do que aconteceu nos primeiros vinte anos da Era da Crise foi incompreensível para os que vieram antes e para os que vieram depois; historiadores resumiram o período com o rótulo “Infantilismo da Crise”.

Pensava-se que o Infantilismo fosse uma reação a uma ameaça sem precedentes contra toda a civilização. Isso talvez fosse verdade para alguns indivíduos, mas era uma explicação simples demais para se aplicar à humanidade como um todo.

O impacto da Crise Trissolariana na sociedade foi muito mais profundo do que as pessoas imaginaram. Para usar algumas analogias imperfeitas: em termos de biologia, equivalia ao momento em que os antepassados dos mamíferos saíram do mar para a terra; em termos de religião, era equiparável a quando Adão e Eva foram banidos do Éden; em termos de história e sociologia... não existe nenhuma analogia adequada, nem imperfeita. Em comparação com a Crise Trissolariana, tudo que a civilização humana havia vivido até ali não era nada. A Crise abalou os alicerces da cultura, da política, da religião, da economia. Embora o impacto chegasse ao cerne mais profundo da civilização, sua influência se manifestou primeiro na superfície. É possível que a causa básica do Infantilismo da Crise seja encontrada na

interação entre essas manifestações e a tremenda inércia do conservadorismo inerente à sociedade humana.

Os exemplos clássicos do Infantilismo da Crise foram o Projeto Barreiras e o Projeto Nosso Destino nas Estrelas, ambos esforços internacionais sob a chancela das Nações Unidas — iniciativas que em pouco tempo se tornaram incompreensíveis para qualquer pessoa fora daquele período. O Projeto Barreiras transformou a história, e sua influência permeou o rumo da civilização a tal ponto que é preciso tratá-lo em outro capítulo. Os mesmos elementos que levaram ao nascimento do colossal Projeto Barreiras também conceberam, simultaneamente, o Projeto Nosso Destino nas Estrelas. Porém, esse segundo projeto minguou pouco após seu lançamento, e nunca mais se ouviu falar dele.

Eram duas as principais motivações por trás do Projeto Nosso Destino nas Estrelas: a primeira, aumentar o poder da ONU no início da Crise; a segunda, a gênese e popularidade do Escapismo.

A Crise Trissolariana foi a primeira vez em que a humanidade se viu diante de um inimigo em comum, e, naturalmente, muitos depositaram suas esperanças na ONU. Até os mais conservadores concordavam que a ONU devia ser reformada completamente e receber mais poderes e recursos. Radicais e idealistas insistiam na criação de uma União Terrestre e na conversão da ONU em governo mundial.

Países menores, especialmente, defendiam que o status da ONU fosse elevado porque viam na Crise uma oportunidade de obter mais auxílio tecnológico e econômico. Já a reação das grandes potências foi de frieza. Na realidade, depois da Crise, todas as grandes potências investiram muito em defesa espacial. Parte do motivo foi que elas se deram conta de que a contribuição para a defesa espacial se tornaria a base da força nacional e do status político no futuro das relações internacionais; mas isso também se deveu ao fato de que sempre houvera o desejo de investir em pesquisa de base em tão larga escala,

mas, com as demandas internas de suas populações e as restrições impostas pela política internacional no passado, esses esforços não eram práticos. Em certo sentido, a Crise Trissolariana proporcionou aos líderes das grandes potências uma oportunidade semelhante à que Kennedy teve com a Guerra Fria — semelhante, mas superior por algumas ordens de magnitude. Todas as grandes potências relutavam em submeter seus esforços à égide das Nações Unidas, contudo, devido ao clamor crescente por uma globalização verdadeira, elas foram obrigadas a firmar com a ONU alguns compromissos simbólicos e políticos que não tinham a menor intenção de honrar. O sistema de defesa espacial mútuo promovido pela ONU, por exemplo, recebeu pouco apoio concreto das grandes potências.

Na história do início da Era da Crise, a secretária-geral da ONU, Say, foi uma personagem crucial. Ela acreditava que havia chegado o momento de uma nova ONU e defendia a transformação da instituição, que antes era pouco mais que um ponto de encontro para as grandes potências e um fórum internacional, em um organismo político independente com o poder de dirigir de fato a construção das defesas do Sistema Solar.

Para alcançar essa meta, a ONU precisaria de recursos suficientes, um requisito que parecia impossível cumprir diante das realidades das relações internacionais. O Projeto Nosso Destino nas Estrelas foi uma iniciativa de Say para adquirir recursos para a ONU. Resultados à parte, a própria iniciativa comprovava a inteligência política e a imaginação da secretária-geral.

Os fundamentos do projeto repousavam no Tratado do Espaço, que era produto da política pré-Crise. Com base nos princípios contemplados na Convenção sobre o Direito do Mar e no Tratado da Antártida, o Tratado do Espaço foi negociado e formulado durante um longo período. Mas o Tratado do Espaço pré-Crise se limitava aos

recursos dentro do Cinturão de Kuiper; a Crise Trissolariana obrigara as nações do planeta a dirigir os olhos para pontos mais distantes.

Como os seres humanos não haviam conseguido sequer pôr os pés em Marte ainda, qualquer debate sobre o espaço sideral era inútil, pelo menos antes do prazo de validade do Tratado do Espaço cinquenta anos depois de sua criação. Mas as grandes potências encararam o Tratado como o palco ideal para o teatro político e acrescentaram disposições referentes a recursos fora do Sistema Solar. A emenda determinava que o desenvolvimento de recursos naturais fora do Cinturão de Kuiper, e outras atividades econômicas associadas a eles, teriam que ser conduzidos sob a chancela das Nações Unidas. E incluía uma quantidade extraordinária de detalhes para definir “recursos naturais”, mas, basicamente, a expressão se referia a recursos ainda não ocupados por civilizações não humanas. Esse tratado também oferecia a primeira definição jurídica do direito internacional para “civilização”. Ao longo da história, esse documento foi chamado de Emenda da Crise.

A segunda motivação que levou ao Projeto Nosso Destino nas Estrelas foi o Escapismo. Na época, o movimento escapista ainda se encontrava em fase inicial, e suas consequências não eram claras, a tal ponto que muitos ainda o consideravam uma opção válida para a humanidade em crise. Nessas condições, outras estrelas, especialmente as que tivessem planetas, se tornaram valiosas.

De acordo com a resolução inicial que propôs o Projeto Nosso Destino nas Estrelas, a ONU leiloaria os direitos a certas estrelas e seus planetas. O público-alvo desse leilão seria composto por países, empresas, ONGs e indivíduos, e a renda obtida seria usada para financiar a pesquisa de base da ONU para um sistema de defesa do Sistema Solar. A secretária-geral Say explicou que o universo tinha estrelas em abundância. Havia mais de trezentas mil estrelas a até cem anos-luz do Sistema Solar, e mais de dez milhões a até mil anos-luz. Um cálculo conservador sugeria que pelo menos dez por cento dessas

estrelas possuíam planetas. Leiloar uma pequena parcela delas não afetaria muito o futuro do desenvolvimento espacial.

Essa peculiar resolução da ONU atraiu muito interesse e atenção. Os membros permanentes do Conselho de Defesa Planetária (CDP) ponderaram sobre a questão, mas cada um decidiu que sua adoção não produziria consequências adversas no futuro próximo. Por outro lado, votar contra ela custaria alto em meio ao clima político prevalente na comunidade internacional. Ainda assim, após debates e concessões, a versão definitiva da resolução aprovada se limitava a estrelas a mais de cem anos-luz de distância.

O projeto foi interrompido logo que começou por um motivo bem simples: ninguém comprou as estrelas. Ao todo, apenas dezessete estrelas foram leiloadas, e todas pelo lance inicial. A ONU arrecadou um total de apenas cerca de quarenta milhões de dólares.

Nenhum dos compradores jamais se identificou. As pessoas especularam por que alguém gastaria tanto dinheiro para adquirir um documento inútil — ainda que o documento supostamente tivesse valor legal. Talvez fosse bacana ser proprietário de outro mundo, mas de que isso servia quando só era possível vê-lo, mas não tocá-lo? Na verdade, algumas das estrelas não eram sequer visíveis a olho nu.

Say nunca considerou o projeto um fracasso. Ela alegava que o resultado foi exatamente o que ela havia previsto. Em essência, o Projeto Nosso Destino nas Estrelas era uma proclamação política da ONU.

O projeto logo foi esquecido. Um exemplo clássico do comportamento irregular da sociedade humana no início da Crise.

ERA DA CRISE, ANO 4

YUN TIANMING

Um dia depois de decidir comprar uma estrela para Cheng Xin, Yun Tianming ligou para o telefone indicado no site da sede chinesa do Projeto Nosso Destino nas Estrelas.

Em seguida ele ligou para Hu Wen, para conseguir algumas informações básicas sobre Cheng Xin: endereço de contato, número de identidade etc. Estava preparado para várias reações possíveis de Wen ao ouvir seu pedido — sarcasmo, pena, espanto. Mas, depois de um longo silêncio, só ouviu um suspiro fraco.

— Não tem problema — disse Wen. — Mas ela provavelmente não está na China agora.

— Só não diga para ela que sou eu que estou perguntando.

— Não se preocupe. Não vou perguntar diretamente.

No dia seguinte, Tianming recebeu uma mensagem de Wen com todas as informações que havia pedido, mas nada sobre a situação profissional de Cheng Xin. Wen explicou que ninguém sabia para onde Cheng Xin tinha ido depois de sair da Academia de Tecnologia Aeroespacial no ano anterior. Tianming reparou que havia dois endereços de correspondência: um em Shanghai e outro em Nova York.

À tarde, ele pediu permissão ao dr. Zhang para sair do hospital e cuidar de uma questão pessoal. O médico quis acompanhá-lo, mas Tianming insistiu em ir sozinho.

Ele pegou um táxi e chegou à sede da Unesco em Beijing. Depois da Crise, todas as unidades da ONU em Beijing tiveram expansão

acelerada, e a Unesco agora ocupava a maior parte de um edifício de escritórios depois do Quarto Anel Rodoviário.

Tianming foi recebido por um mapa estelar gigantesco ao entrar na espaçosa sede do Projeto Nosso Destino nas Estrelas. Linhas prateadas ligavam as estrelas em constelações diante de um fundo completamente negro. Ele viu que o mapa estava sendo exibido em uma tela de alta resolução, e um computador próximo permitia buscas e aproximações da imagem. A única pessoa ali era uma recepcionista.

Ele se apresentou, e a recepcionista saiu às pressas e voltou com uma mulher loira.

— Esta é a diretora da Unesco Beijing — explicou a recepcionista. — E também é uma das responsáveis pela implementação do Projeto Nosso Destino nas Estrelas na região Ásia-Pacífico.

A diretora pareceu muito feliz de ver Tianming. Ela pegou sua mão e lhe disse, em chinês fluente, que ele era o primeiro indivíduo chinês a expressar interesse em adquirir uma estrela. Ela teria preferido uma cerimônia para gerar o máximo possível de cobertura da imprensa, mas acataria o desejo de privacidade dele. Pareceu lamentar muito o fato de não poder aproveitar uma oportunidade maravilhosa de divulgar o projeto.

Não se preocupe, pensou Tianming. Nenhum outro chinês vai ser tão burro quanto eu.

Um homem de meia-idade, bem-vestido, entrou na sala. A diretora o apresentou como dr. He, um pesquisador do Observatório de Beijing. O astrônomo ajudaria Tianming com os detalhes da compra. Depois que a diretora saiu, o dr. He ofereceu uma cadeira para Tianming e pediu que lhe servissem chá.

— O senhor está se sentindo bem? — perguntou ele.

Tianming sabia que não parecia exatamente saudável. Mas, depois de parar com a quimioterapia — que tinha sido uma tortura —, vinha se sentindo muito melhor, quase como se tivesse ganhado uma vida

nova. Ele ignorou a pergunta do dr. He e repetiu o pedido que já havia feito por telefone.

— Quero comprar uma estrela para presentear alguém. A escritura da estrela deve ser registrada no nome da beneficiária. Não darei nenhuma informação pessoal minha, e quero que minha identidade seja mantida em segredo.

— Não tem nenhum problema. O senhor faz ideia de que tipo de estrela quer comprar?

— O mais perto possível da Terra. Uma com planetas. De preferência, planetas semelhantes à Terra — disse Tianming, observando o mapa estelar.

O dr. He balançou a cabeça.

— Considerando o valor que o senhor informou, seria impossível. Os lances iniciais para estrelas com esses requisitos são altos demais. O senhor só pode comprar uma estrela sem planetas, e não será muito próxima. Deixe-me explicar: a quantia que o senhor está oferecendo é baixa demais até para estrelas estéreis. Mas, depois do seu contato ontem, e levando em conta o fato de que é a primeira pessoa na China a demonstrar interesse, decidimos abaixar o lance inicial de uma das estrelas para o valor oferecido. — Ele mexeu o mouse para ampliar uma região do mapa. — É esta. Diga que sim, e ela é sua.

— A que distância fica?

— Cerca de 286,5 anos-luz daqui.

— É longe demais.

O dr. He riu.

— Dá para ver que o senhor não é um completo ignorante sobre astronomia. Pense no seguinte: faz mesmo diferença se ela fica a 286 anos-luz ou a 286 milhões de anos-luz?

Tianming refletiu. O astrônomo tinha razão. Não fazia diferença.

— Essa estrela tem uma vantagem enorme — disse o dr. He. — Ela é visível a olho nu. Na minha opinião, a estética é o mais importante

quando se compra uma estrela. É muito melhor possuir uma estrela distante que pode ser vista do que uma próxima que não pode. É muito melhor ter uma estrela estéril que pode ser vista do que uma com planetas que não dá. No fim das contas, nós só podemos olhar para elas. Não é?

Tianming assentiu. *Cheng Xin poderá ver a estrela. Que bom.*

— Qual é o nome dela?

— A estrela foi catalogada pela primeira vez por Tycho Brahe há séculos, mas nunca recebeu um nome comum. Só tem um número.

O dr. He mexeu o ponteiro do mouse até o ponto luminoso, e uma série de letras e números surgiu ao lado: DX3906. Então o astrônomo explicou pacientemente a Tianming o significado das letras e dos números, o tipo da estrela, a magnitude absoluta e a aparente, a posição na sequência principal etc.

A papelada da compra não tomou muito tempo. Dois tabeliães trabalharam com o dr. He para garantir que estivesse tudo certo. E então a diretora apareceu de novo, acompanhada de dois representantes do PNUD e do Comitê de Recursos Naturais da ONU. A recepcionista trouxe uma garrafa de champanhe, e todo mundo comemorou.

A diretora declarou que a escritura da DX3906 estava no nome de Cheng Xin e ofereceu a Tianming uma pasta preta de couro que parecia cara.

— Sua estrela.

Depois que as autoridades saíram, o dr. He se virou para Tianming.

— Não me responda se não quiser, mas imagino que o senhor tenha comprado a estrela para uma garota, certo?

Tianming hesitou por um instante, mas então assentiu com a cabeça.

— Garota de sorte! — O dr. He suspirou. — É bom ter dinheiro.

— Ah, por favor! — disse a recepcionista. Ela mostrou a língua para o dr. He. — Dinheiro? Mesmo se tivesse três bilhões de yuans, você

compraria uma estrela para sua namorada? Ha! Não esqueci o que você disse anteontem.

O dr. He pareceu um pouco constrangido. Na verdade, o astrônomo ficou com medo de que ela deixasse escapar o que ele achava do Projeto Nosso Destino nas Estrelas: *Esse golpe da ONU já foi dado por um monte de vigaristas mais de dez anos atrás. Na época, eles vendiam terrenos na Lua e em Marte. Só por milagre alguém vai cair nessa de novo!*

Felizmente, a recepcionista seguiu por outra linha.

— Isso não é só pelo dinheiro. É pelo *romance*. Romance! Será que você entende isso?

Ao longo do processo da compra, de vez em quando a jovem havia lançado olhares para Tianming, como se ele fosse um personagem saído de um conto de fadas. A princípio, a expressão dela tinha sido de curiosidade, e depois de espanto e admiração. Por fim, quando ele recebeu a pasta de couro com a escritura, o rosto dela se encheu de inveja.

O dr. He tentou mudar de assunto.

— Vamos enviar os documentos formais para a beneficiária o quanto antes. Conforme suas instruções, não revelaremos nenhuma informação sobre o senhor. Bom, mesmo se quiséssemos, não podemos... eu nem sei seu nome! — Ele se levantou e olhou pela janela. Já estava escuro. — Agora, posso levá-lo para ver sua estrela... desculpe, quis dizer a estrela que o senhor comprou para ela.

— Dá para ver de cima deste prédio?

— Não. Aqui na cidade tem muita poluição luminosa. Temos que ir para a periferia. Se não estiver se sentindo bem, podemos deixar para outro dia.

— Vamos agora. Quero muito ver.

Eles dirigiram por mais de duas horas, até deixar para trás o mar luminoso que era Beijing. Para evitar os faróis de outros carros, o dr.

He saiu da estrada e seguiu pelo campo. Depois, ele desligou os faróis e os dois saíram do carro. Naquele céu de fim de outono, as estrelas estavam especialmente brilhantes.

— Está vendo a Ursa Menor? Imagine uma linha diagonal atravessando o quadrilátero daquelas quatro estrelas e continue. Isso, nessa direção. Está vendo aquelas três estrelas formando um triângulo achatado? Trace uma linha a partir do ápice, perpendicular à base, e vá seguindo. Está vendo? Logo ali. Aquela é a sua estrela... a estrela que o senhor deu para ela.

Tianming apontou para uma estrela e depois outra, mas o dr. He disse que não era nenhuma delas.

— Fica entre essas duas, um pouco para o sul. A magnitude aparente é de 5,5. Normalmente, só alguém treinado conseguiria encontrá-la. Mas o clima hoje está perfeito, então o senhor deve conseguir ver. Tente o seguinte: não a procure diretamente. Desloque a vista um pouco para o lado. Sua visão periférica tende a ser mais sensível para pontos de luz fracos. Quando achar, focalize-a de novo...

Com a ajuda do dr. He, Tianming finalmente viu a DX3906. Era muito fraca, e sempre que sua atenção vacilava ele precisava procurá-la de novo. Embora em geral as pessoas achassem que as estrelas são prateadas, observações cuidadosas revelaram que elas são de cores diferentes. A DX3906 era vermelho-escura.

O dr. He prometeu fornecer alguns materiais a Tianming para ajudá-lo a achar a estrela em outras estações.

— O senhor tem muita sorte, assim como a garota que recebeu seu presente — disse o dr. He.

— Acho que eu não posso me considerar muito sortudo. Vou morrer logo.

O dr. He não pareceu se surpreender com a revelação. Ele acendeu um cigarro e fumou em silêncio.

— Ainda assim — disse ele, depois de um tempo —, acho que o senhor é abençoado. A maioria das pessoas deixa para contemplar o universo para além deste nosso mundo só na hora de morrer.

Tianming olhou para o dr. He por um instante, e então olhou de novo para o céu e achou a DX3906 com facilidade. A fumaça do cigarro do dr. He flutuou diante de seus olhos, e a estrela fraca bruxuleou através do véu. *Quando ela a encontrar, eu já terei deixado este mundo há muito tempo.*

É claro que a estrela que ele viu e a estrela que ela veria eram apenas uma imagem de 286 anos de idade. O débil feixe de luz precisara atravessar três séculos para chegar às retinas deles. Outros 286 teriam que se passar para que a luz da estrela no momento atual chegasse à Terra. A essa altura, Cheng Xin já teria virado poeira há muito tempo.

Como será a vida dela? Talvez ela lembre que, no mar de estrelas, existe uma que é dela.

Eram as últimas horas da vida de Tianming.

Ele queria observar algo especial naquele dia, mas não havia nada. Acordou às sete, como de costume; um feixe de luz do sol caía no mesmo lugar de sempre na parede; o clima não estava ótimo, mas também nada muito ruim; o céu tinha o mesmo tom azul-cinza; o carvalho do lado de fora da janela estava nu (e não, por exemplo, aferrado a uma única folha simbólica). Até o café da manhã foi igual.

Foi um dia como qualquer outro em seus vinte e oito anos, onze meses e seis dias de vida.

Como Lao Li, Tianming não comunicou sua decisão à família. Chegou a tentar escrever uma carta para ser entregue ao pai após o procedimento, mas desistiu por não conseguir pensar no que dizer.

Às dez, entrou sozinho no quarto de eutanásia, tão calmo como se estivesse indo para a consulta do dia. Ele era a quarta pessoa da cidade

a realizar o procedimento, então não havia muito interesse da mídia. Só cinco pessoas estavam dentro do quarto: dois tabeliães, um diretor, uma enfermeira e um administrador do hospital. O dr. Zhang não estava lá.

Ele poderia ir em paz.

A seu pedido, o quarto não havia sido decorado. À sua volta, só as paredes brancas simples de um quarto hospitalar como qualquer outro. Ele se sentiu à vontade.

Explicou ao diretor que conhecia o procedimento e não precisava dele. O diretor assentiu e foi para trás da parede de vidro. Os tabeliães terminaram as pendências com Tianming e o deixaram a sós com a enfermeira. A enfermeira já não exibia a ansiedade e o medo que tivera que superar na primeira vez. Ao penetrar a veia dele com a agulha, seus movimentos foram firmes e delicados. Tianming sentiu um vínculo estranho com a enfermeira: afinal, ela seria a última pessoa ao seu lado neste mundo. Lamentou não saber quem havia feito seu parto vinte e nove anos antes. Aquele obstetra e essa enfermeira faziam parte do pequeno grupo de pessoas que genuinamente haviam tentado ajudá-lo ao longo da vida. Ele queria agradecer a elas.

— Obrigado.

A enfermeira sorriu para ele e saiu com os passos silenciosos de um gato.

Você deseja dar fim à sua vida? Para sim, aperte 5. Para não, aperte 0.

Ele havia nascido em uma família de intelectuais, mas seus pais não tinham tino para a política nem traquejo social e não chegaram a ser bem-sucedidos. Embora não vivessem como pessoas da elite, eles haviam insistido em dar a Tianming uma educação digna da elite. Ele só podia ler clássicos da literatura e ouvir música erudita; seus amigos tinham que pertencer a famílias cultas e refinadas. Os pais disseram a

Tianming que todas as pessoas à sua volta eram vulgares, preocupadas com banalidades. Em contraste, os interesses deles eram muito superiores.

Durante o ensino básico, Tianming chegou a fazer alguns amigos, mas nunca os convidava para brincar em casa. Sabia que os pais não permitiriam que ele fizesse amizade com crianças tão “vulgares”. Quando estava no ensino fundamental, seus pais intensificaram a pressão para uma educação de elite, e ele acabou se tornando totalmente solitário. Foi também nessa época que os pais se divorciaram, depois que o pai dele conheceu uma corretora de seguros mais jovem. E a mãe dele mais tarde se casou com um empreiteiro rico.

Portanto, tanto o pai quanto a mãe terminaram com o mesmo tipo de pessoa “vulgar” que eles haviam ensinado Tianming a evitar, e finalmente se deram conta de que não tinham autoridade moral para impor o tipo de educação que queriam. Mas o que tinham feito com Tianming até então foi suficiente. Ele não conseguiria se livrar de sua criação, que era como um par de algemas com molas: quanto mais tentava se libertar, mais ela o prendia. Ao longo do ensino médio, ele foi ficando cada vez mais solitário, cada vez mais sensível, mais distante das outras pessoas.

Todas as lembranças que ele tinha da infância e da juventude eram cinzentas.

Ele apertou 5.

Você deseja dar fim à sua vida? Para sim, aperte 2. Para não, aperte 0.

Ele havia imaginado que a faculdade seria um lugar assustador: um ambiente novo e desconhecido; um grupo novo e desconhecido; mais questões com as quais ele teria que tentar se adaptar. E, lá dentro, viu que tudo praticamente correspondia às suas expectativas.

Até que ele conheceu Cheng Xin.

Tianming já havia sentido atração por garotas antes, mas não daquele jeito. Teve a impressão de que tudo à sua volta, que antes era frio e estranho, recebera uma calorosa infusão de luz. A princípio, ele não entendeu de onde a luz tinha vindo. Foi como se o sol tivesse surgido no meio de uma camada pesada de nuvens, apenas um disco sutil para quem observasse. Só quando esse sol sumia é que as pessoas se davam conta de que ele era a fonte de toda a luz do dia. O sol de Tianming desapareceu no início do feriado prolongado do Dia Nacional, quando Cheng Xin viajou de volta para casa. Tianming sentiu que tudo à sua volta ficou escuro e cinza.

Ele tinha quase certeza de que não era o único rapaz a se sentir assim em relação a Cheng Xin. Mas não sofria como os outros, porque não tinha a menor esperança para sua angústia. Sabia que as garotas não gostavam do jeito retraído dele, de sua sensibilidade. Ele só podia observá-la de longe, desfrutar a cálida luz que ela emanava, apreciar em silêncio a beleza da primavera.

No início, Tianming tinha a impressão de que Cheng Xin era taciturna. Mulheres bonitas raramente se comportavam com reticência, mas Cheng Xin não era frígida. Ela falava pouco, mas escutava de verdade. Quando conversava com alguém, seu olhar tranquilo e concentrado demonstrava ao interlocutor a importância que ele tinha para ela.

Cheng Xin era diferente das garotas bonitas com quem Tianming havia estudado no ensino médio. Ela não ignorava sua existência. Sempre que o via, sorria e o cumprimentava. Algumas vezes, quando os colegas combinavam passeios e festas, os organizadores — de propósito ou não — esqueciam Tianming. Mas Cheng Xin o procurava e o convidava. Mais tarde, ela foi uma das primeiras pessoas entre seus colegas a chamá-lo apenas de “Tianming”, sem o sobrenome. Nas interações que eles tiveram — por mais limitadas que fossem —, a impressão mais forte que Cheng Xin causou no coração de Tianming foi

a sensação de que ela era a única pessoa que compreendia suas vulnerabilidades e parecia se importar com a dor que ele poderia sofrer.

Mas Tianming nunca criou expectativas. Era exatamente como Hu Wen tinha dito: Cheng Xin era gentil com todo mundo.

Um episódio específico se destacou na mente de Tianming: ele estava subindo uma trilha com alguns colegas em uma pequena montanha. De repente, Cheng Xin parou, se abaixou e pegou algo entre as pedras da trilha. Tianming viu que era uma lagarta feia, flácida e viscosa, retorcendo-se entre seus dedos delicados. Uma garota que estava ao lado dela gritou: *Que nojo! Por que você encostou nisso?* Mas Cheng Xin depositou cuidadosamente a lagarta na grama ao lado da trilha. *Alguém pode pisar nela.*

Na verdade, Tianming havia conversado muito poucas vezes com Cheng Xin. Durante os quatro anos da faculdade, só se lembrava de terem se falado a sós em uma ou outra ocasião.

Era uma noite fresca no começo do verão. Tianming havia subido até a varanda sobre a biblioteca, seu lugar preferido. Poucos alunos iam lá, e ele podia ficar sozinho com seus pensamentos. Depois de uma chuva de verão, o céu noturno estava limpo. Até a Via Láctea, que não costumava ser visível dali, brilhava.

— Parece mesmo uma estrada de leite!**

Tianming olhou para a pessoa que tinha falado. Uma brisa agitava o cabelo de Cheng Xin, o que o fazia lembrar daquele sonho. Então, os dois ficaram observando a galáxia juntos.

— Tantas estrelas. Parece uma nuvem — disse Tianming.

Cheng Xin se virou para ele e apontou para o campus e a cidade abaixo.

— Aqui embaixo também é muito bonito. Lembre-se, nós vivemos aqui, não na galáxia distante.

— Mas não estamos estudando engenharia aeroespacial? Nosso objetivo é sair da Terra.

— Mas só para que possamos melhorar a vida aqui, não abandonar o planeta.

Tianming entendeu que a intenção de Cheng Xin tinha sido fazer um comentário gentil sobre seu jeito retraído e solitário. Ele nunca estivera tão perto dela. Talvez estivesse só imaginando, mas achava que podia sentir o calor do corpo de Cheng Xin. Ele queria que o vento mudasse de direção para que alguns fios de seu cabelo lhe tocassem o rosto.

Os quatro anos na graduação chegaram ao fim. Tianming não tinha passado para o mestrado, mas Cheng Xin fora aprovada sem dificuldade para o programa de pós-graduação na universidade deles. Depois da formatura, ela foi passar o verão com a família, mas Tianming continuou no campus. Seu único objetivo era vê-la mais uma vez no começo do novo ano letivo. Como não podia mais ficar no alojamento universitário, ele alugou um quarto ali perto e tentou arranjar algum emprego na cidade. Enviou inúmeros currículos e fez uma entrevista atrás da outra, mas não deu em nada. Quando ele percebeu, o verão já tinha acabado.

Tianming voltou ao campus, mas não achou Cheng Xin. Depois de sondar cuidadosamente, descobriu que ela e o orientador haviam ido para o instituto de pós-graduação da universidade na Academia de Tecnologia Aeroespacial em Shanghai, onde ela concluiria seus estudos. No mesmo dia, Tianming conseguiu uma vaga em uma empresa nova criada para lidar com transferência de tecnologia aeroespacial de uso civil que precisava desesperadamente de engenheiros capacitados. Foi assim que o sol de Tianming o deixou. Com um coração invernal, ele entrou na vida real da sociedade.

Apertou 2.

Você deseja dar fim à sua vida? Para sim, aperte 4. Para não, aperte 0.

Logo depois de começar a trabalhar, ele se sentira feliz por um tempo. Descobriu que, em comparação com seus colegas competitivos na faculdade, as pessoas no mundo profissional eram muito mais tolerantes e fáceis de lidar. Chegou até a pensar que seus dias de isolamento e retraimento tinham acabado. Mas, após se dar mal em algumas situações políticas no escritório e em acordos infelizes, compreendeu as crueldades do mundo real e começou a sentir saudade da vida universitária. Mais uma vez, ele se retraiu para dentro da concha e se isolou da multidão. Obviamente, as consequências para sua carreira foram desastrosas. Até na empresa estatal onde ele trabalhava, o ambiente era muito competitivo. Quem ficava na sua não tinha a menor chance de evoluir. Ano após ano, ele foi ficando mais e mais para trás.

Nesse período, Tianming namorou duas mulheres, mas os relacionamentos não duraram muito. O problema não era que seu coração pertencesse a Cheng Xin: ela sempre seria o sol atrás do céu nublado. Ele só queria olhar para ela, sentir sua luz e seu calor. Não se atrevia a sonhar em dar um passo na direção dela. Nunca sequer procurou notícias. Imaginava, considerando a inteligência de Cheng Xin, que ela faria doutorado, mas não especulava sobre sua vida pessoal. A principal barreira entre ele e as mulheres era sua própria personalidade retraída. Ele se esforçava para construir a própria vida, mas era difícil demais.

Em essência, Tianming não era feito para viver em sociedade, nem fora dela. Carecia da habilidade para prosperar na sociedade, mas também dos recursos para ignorá-la. O máximo que podia fazer era se manter no limite, sofrendo. Ele não fazia a menor ideia do que fazer com sua vida.

Mas aí ele viu o fim da estrada.

Apertou 4.

Você deseja dar fim à sua vida? Para sim, aperte 1. Para não, aperte 0.

Quando veio o diagnóstico de câncer no pulmão, a doença já estava em estágio avançado. Talvez tivesse havido algum erro de diagnóstico no passado. Seu câncer de pulmão era do tipo que se espalha rapidamente pelo corpo, então não lhe restava muito tempo de vida.

Ao sair do hospital, ele não estava com medo. Sua única emoção era solidão. Sua alienação havia se acumulado, mas fora contida por uma represa invisível. Era uma espécie de equilíbrio que dava para suportar. No entanto, agora, a represa havia desabado, e o peso dos anos de solidão acumulada o afogava como um oceano sombrio. Foi insuportável.

Ele quis ver Cheng Xin.

Sem hesitar, comprou uma passagem de avião e foi para Shanghai na mesma tarde. Quando o táxi chegou ao destino, seu fervor arrefecera um pouco. Ele disse a si mesmo que, já que estava prestes a morrer, não devia incomodá-la. Só queria vê-la de longe, como um homem que se afoga e tenta respirar uma última vez antes de afundar para sempre.

Parado diante do portão da Academia de Tecnologia Aeroespacial, ele se acalmou mais ainda. Percebeu que suas últimas ações tinham sido irracionais. Mesmo se Cheng Xin tivesse feito doutorado, àquela altura ela já teria terminado seus estudos e talvez nem estivesse trabalhando mais ali. Ele falou com o segurança na frente da porta e descobriu que mais de vinte mil pessoas trabalhavam na academia, e que se Tianming quisesse achar alguém seria preciso saber exatamente de que departamento a pessoa era. Ele havia perdido contato com os colegas da faculdade e não sabia de nenhuma outra informação para dar ao segurança.

Estava se sentindo fraco e sem ar, por isso se sentou um pouco afastado do portão.

Ainda era possível que Cheng Xin trabalhasse ali. O expediente estava quase terminando, e, se ele esperasse, talvez a visse.

O portão do complexo da academia era muito largo. Enormes caracteres dourados gravados no muro preto baixo perto dele anunciavam o nome oficial do lugar, que se expandira muito desde a época da fundação. Será que um complexo tão grande não teria mais de uma entrada? Com esforço, ele se levantou e perguntou de novo para o segurança. Realmente, havia outras quatro entradas.

Devagar, ele voltou para onde estava, se sentou e esperou. Não tinha escolha.

A probabilidade era baixa: Cheng Xin ainda precisaria estar trabalhando ali depois de se formar; deveria estar no escritório, não viajando a trabalho; quando acabasse o expediente, ela teria que sair por aquela porta, e não pelas outras quatro.

Aquele momento parecia todo o resto da vida de Tianming: uma vigília dedicada à espera de um raio extremamente frágil de esperança.

Chegou o fim do expediente. As pessoas começaram a sair do complexo: algumas andavam, outras iam de bicicleta, outras de carro. O fluxo de gente e veículos aumentou, e depois minguou. Após uma hora, restavam poucos retardatários.

Cheng Xin não apareceu.

Tianming sabia que não teria deixado de vê-la, mesmo se ela estivesse de carro. Isso significava que ela não trabalhava mais ali, ou talvez não tivesse ido trabalhar no dia, ou talvez tivesse saído por outra porta.

O pôr do sol esticava as sombras de prédios e árvores, como vários braços estendidos na direção dele, cheios de pena.

Ele continuou ali até escurecer completamente. Não se lembrava do táxi que o levou de volta ao aeroporto, nem de pegar o voo para sua

própria cidade, nem de chegar ao alojamento individual mantido pela empresa.

Já se sentia morto.

Apertou 1.

Você deseja dar fim à sua vida? Esta é a última consulta.

Para sim, aperte 3. Para não, aperte 0.

Como ele queria que fosse seu epitáfio? Não sabia nem se teria um túmulo. Jazigos perto de Beijing eram caros. Mesmo se seu pai quisesse comprar um, sua irmã provavelmente não concordaria — ela, que ainda estava *viva*, nem casa tinha! O mais provável era que suas cinzas fossem armazenadas em um nicho na parede do Cemitério Popular Babaoshan. Mas, se ele tivesse uma lápide, gostaria que dissesse:

Ele veio; ele amou; ele deu a ela uma estrela; ele se foi.

Apertou 3.

Houve certa comoção do outro lado do espelho. Bem quando Tianming estava apertando o botão do mouse, a porta do quarto de eutanásia se abriu de repente e um grupo de pessoas entrou correndo.

O primeiro foi o diretor, que voou até o botão para desligar o injetor automático. O executivo do hospital que o seguia arrancou o aparelho da tomada. Depois entrou a enfermeira, que puxou o tubo preso à agulha no braço de Tianming com tanta força que ele fez uma careta de dor quando a agulha saiu.

Todo mundo se aglomerou em volta do tubo para examiná-lo.

— Foi por pouco! As drogas não entraram nele — disse alguém.

A enfermeira então começou a fazer um curativo no braço esquerdo ensanguentado de Tianming.

Só uma pessoa continuava fora do quarto de eutanásia, à porta.

Mas, para Tianming, o mundo inteiro parecia mais luminoso: Cheng Xin.

Tianming sentiu a umidade no peito — as lágrimas de Cheng Xin haviam molhado suas roupas.

Quando a viu, achou que ela não havia mudado em nada. Mas depois percebeu que o cabelo estava mais curto — caía só até o pescoço, não chegava mais aos ombros. As pontas formavam belos cachos. Ele ainda não tinha coragem de erguer a mão e tocar aquele cabelo que tanto desejava.

Sou mesmo um inútil. Mas ele se sentia no céu.

O silêncio parecia a paz do paraíso, e Tianming queria que esse silêncio durasse. *Você não pode me salvar*, disse a ela, dentro da cabeça. *Vou lhe dar atenção e não pedirei a eutanásia. Mas vou acabar no mesmo lugar, de qualquer jeito. Espero que você aceite a estrela que lhe dei e seja feliz.*

Cheng Xin pareceu escutar esse discurso interno. Ela levantou a cabeça. Seus olhos nunca estiveram tão perto, mais do que ele jamais se atrevera a sonhar. Aqueles olhos, ainda mais belos por causa das lágrimas, partiram o coração de Tianming.

Mas, quando ela finalmente falou, suas palavras foram uma surpresa completa.

— Tianming, você sabia que a lei da eutanásia foi aprovada especificamente para você?

** Alguns leitores ocidentais podem ficar com a impressão de que o nome da galáxia em chinês também é “Via Láctea”. Não é. Na verdade, o nome chinês é *Yinhe*, ou “Rio de Prata”. No entanto, todos os chineses estudam inglês por anos na escola.

ERA DA CRISE, ANOS 1 A 4

CHENG XIN

O começo da Crise Trissolariana coincidiu com o fim da pós-graduação de Cheng Xin, e ela foi selecionada para participar da força-tarefa envolvida no desenvolvimento do sistema de propulsão que seria usado na geração seguinte de foguetes Longa Marcha. Para as outras pessoas, parecia o emprego perfeito: importante e cheio de renome.

Mas Cheng Xin não tinha mais entusiasmo pela profissão que havia escolhido. Com o tempo, ela passara a comparar foguetes químicos às chaminés gigantescas do início da Era Industrial. As pessoas agora viam os foguetes com a mesma reverência, achando que eles representavam a Era Espacial. Mas, se a humanidade dependesse de foguetes químicos, nunca se tornaria capaz de navegar realmente pelo espaço.

A Crise Trissolariana apenas reforçara esse fato. Tentar desenvolver um sistema de defesa para o Sistema Solar com base em foguetes químicos era uma loucura absoluta. Cheng Xin se esforçara para diversificar sua formação, matriculando-se em algumas disciplinas de propulsão nuclear. Depois da Crise, todos os aspectos do trabalho no sistema aeroespacial se aceleraram, e até o projeto de avião espacial de primeira geração, que por muito tempo fora postergado, obteve aprovação. A força-tarefa dela também tinha sido encarregada de criar o protótipo dos motores que seriam usados por esse avião no espaço. O futuro profissional de Cheng Xin parecia brilhante: sua competência era reconhecida, e, no sistema aeroespacial da China, a maioria dos

engenheiros-chefes começava a carreira com projetos de propulsão. Porém, como ela acreditava que foguetes químicos eram uma tecnologia obsoleta, não achava que chegaria muito longe no longo prazo. Avançar na direção errada era pior do que não fazer nada, mas seu trabalho exigia toda a sua atenção e energia. Sentia-se extremamente frustrada.

Então surgiu uma oportunidade de deixar os foguetes químicos para trás. As Nações Unidas começaram a criar várias agências relacionadas à defesa planetária. Ao contrário das antigas agências da ONU, as novas respondiam diretamente ao CDP e empregavam especialistas de diversos países. O sistema aeroespacial chinês enviou muita gente, e uma autoridade do alto escalão do país ofereceu um cargo novo a Cheng Xin: assessora do diretor do Centro de Planejamento Tecnológico da Agência de Inteligência Estratégica do CDP. Até então, os serviços de informação da humanidade contra os trissolarianos tinham se concentrado apenas na OTT, mas a Agência de Inteligência Estratégica do CDP, ou AIE, dedicaria seus esforços diretamente à Frota Trissolariana e ao próprio planeta Trissolaris. A agência precisava de profissionais com boa formação técnica em tecnologia aeroespacial.

Cheng Xin aceitou sem pensar duas vezes.

A AIE ficava em um prédio antigo de seis andares perto da sede da ONU. Construído no final do século XVIII, o prédio era robusto e bem-feito, como um bloco maciço de granito. Quando Cheng Xin entrou lá pela primeira vez, depois de voar pelo oceano Pacífico, sentiu um calafrio, como se estivesse adentrando um castelo. O lugar não era nada do que ela havia esperado de uma agência de inteligência responsável pelo mundo inteiro; parecia mais um ambiente onde se planejavam complôs bizantinos.

O edifício estava praticamente vazio; ela foi uma das primeiras pessoas a se apresentar para o serviço. Em um escritório cheio de móveis por montar e caixas de papelão recém-abertas, ela conheceu seu chefe, o diretor do Centro de Planejamento Tecnológico da AIE.

Mikhail Vadimov tinha quarenta e poucos anos, era musculoso e alto, e falava inglês com um sotaque russo forte. Cheng Xin demorou um instante para se dar conta de que ele estava falando inglês. Ele se sentou em uma caixa de papelão e reclamou que havia trabalhado por mais de uma década na indústria aeroespacial e não precisava de auxílio técnico. Todos os países estavam ansiosos para encher a AIE com seu pessoal, mas muito menos dispostos a dar dinheiro de fato. E aí aparentemente ele percebeu que estava falando com uma jovem cheia de esperança que começava a ficar um pouco deprimida com o discurso, então tentou consolá-la:

— Se esta agência conseguir fazer história, o que é bastante possível, ainda que provavelmente a história não seja boa, nós dois seremos lembrados como as duas primeiras pessoas a chegar!

Cheng Xin se animou com o fato de que tanto ela quanto seu chefe haviam trabalhado na indústria aeroespacial. Perguntou a Vadimov em que ele tinha trabalhado. Ele descreveu sua passagem pelo programa de ônibus espaciais Buran; depois, comentou que tinha servido como engenheiro-chefe executivo de certa espaçonave de carga; mas, em seguida, suas explicações começaram a ficar vagas. Ele disse ter passado alguns anos trabalhando com diplomacia e mais tarde entrou em “um departamento” que “fazia o mesmo tipo de coisa que estamos fazendo agora”.

— É melhor não fazer muitas perguntas sobre o currículo de seus futuros colegas, tudo bem? — disse Vadimov. — O chefe também está aqui. A sala dele fica lá em cima. É bom você dar uma passada lá e se apresentar, mas não tome muito do tempo dele.

Quando entrou na espaçosa sala do chefe da AIE, Cheng Xin foi recebida pelo cheiro forte de fumaça de charuto. Havia uma grande pintura pendurada na parede. Um céu de chumbo e uma terra escura e coberta de neve ocupavam a maior parte do quadro; ao longe, onde as nuvens encontravam a neve, escondiam-se algumas formas escuras. Uma observação mais atenta revelava que eram prédios sujos, em sua maioria casas térreas de madeira entre algumas casas de estilo europeu com dois ou três andares. Considerando o formato do rio no primeiro plano e outros detalhes geográficos, aquilo era um retrato de Nova York no início do século XVIII. A principal impressão que o quadro passava era de frio, o que Cheng Xin achou que combinava bastante com a pessoa sentada debaixo dele.

Ao lado do quadro grande havia um menor. O elemento principal era uma espada antiga com guarda dourada em cruz e uma lâmina brilhante, segurada por uma mão com manopla de bronze — só aparecia o antebraço. A mão usava a espada para pegar uma coroa de flores vermelhas, brancas e amarelas que flutuava na água. Em contraste com o quadro maior, esse era colorido e vivo, mas também irradiava um ar lúgubre. Cheng Xin reparou que havia manchas de sangue nas flores brancas da coroa.

O americano Thomas Wade, chefe da AIE, era muito mais novo do que Cheng Xin esperava — ele parecia mais jovem do que Vadimov. Também era mais bonito, com traços muito clássicos. Mais tarde, ela chegaria à conclusão de que a aparência clássica se devia sobretudo ao rosto inexpressivo de Wade, como uma estátua fria e sem vida saída do quadro frio atrás dele. Wade não parecia ocupado — a mesa à sua frente estava totalmente vazia, sem qualquer sinal de computador ou folhas de papel. Ele levantou os olhos quando ela entrou, mas quase imediatamente voltou a contemplar o charuto em sua mão.

Cheng Xin se apresentou e expressou a satisfação de ter a chance de pesquisar com ele, e continuou falando até Wade erguer os olhos para

encará-la.

Cheng Xin teve a impressão de ver exaustão e preguiça naqueles olhos, mas havia também algo mais profundo, algo penetrante que a desconcertava. Um sorriso surgiu no rosto de Wade, como água que sai de uma rachadura na superfície congelada de um rio; não havia nenhum calor de fato nele, e não a ajudou a relaxar.

Ela tentou reagir com um sorriso também, mas as primeiras palavras que saíram da boca de Wade paralisaram seu rosto e o corpo inteiro.

— Você venderia sua mãe para um puteiro?

Cheng Xin balançou a cabeça, mas ela não estava nem tentando responder à pergunta; estava apavorada por não ter entendido o que ele tinha falado. Mas Wade fez um gesto de dispensa com o charuto para ela.

— Obrigado. Vá fazer o que precisa ser feito.

Quando ela contou a Vadimov o que tinha acontecido, Vadimov riu.

— É só um bordão que era comum no nosso... ramo. Ouvi dizer que começou na Segunda Guerra Mundial. Os veteranos falavam isso para brincar com os novatos. A ideia é a seguinte: nossa profissão é a única da Terra em que mentiras e traição fazem parte da essência do trabalho. Nós temos que ser... flexíveis em relação a normas de ética típicas. A AIE é formada por dois tipos de gente: algumas pessoas são especialistas técnicas como você; outras são veteranas de diversos serviços de inteligência do mundo inteiro. Esses dois grupos pensam e agem de forma diferente. A parte boa é que eu conheço os dois lados e posso te ajudar a se acostumar.

— Mas nosso inimigo é Trissolaris. Não tem nada a ver com inteligência tradicional.

— Algumas coisas não mudam.

Em poucos dias, outros novos funcionários da AIE se apresentaram para o trabalho. A maioria veio de países-membros permanentes do CDP.

Eles se tratavam com educação, mas não havia confiança. Os especialistas técnicos eram reservados e se comportavam como se estivessem permanentemente em guarda contra possíveis ladrões. Os veteranos de inteligência eram amistosos e sociáveis — mas pareciam sempre em busca de algo para roubar.

Foi exatamente como Vadimov previra: aquelas pessoas estavam muito mais interessadas em espiar umas às outras do que em obter informações sobre Trissolaris.

Dois dias depois da chegada de Cheng Xin, a AIE realizou a primeira reunião geral da equipe, embora nem todos estivessem presentes. Além de Wade, o chefe da AIE, havia três chefes-assistentes: um da China, um da França e um do Reino Unido.

O chefe-assistente Yu Weiming foi o primeiro a falar. Cheng Xin não fazia a menor ideia do tipo de trabalho que ele havia feito na China — e seu rosto era do tipo que só dava para lembrar depois de várias reuniões. Felizmente, ele não tinha o hábito — comum entre burocratas chineses — de fazer discursos longos e convolutos. Embora só estivesse repetindo chavões sobre a missão da AIE, pelo menos ele foi sucinto.

O chefe-assistente Yu disse que compreendia que todos na AIE haviam sido enviados por seus próprios países e, portanto, tinham lealdade dividida. A AIE não exigia, nem se iludia, que as pessoas pusessem a lealdade à agência acima dos deveres que cada um tinha para com seus países. No entanto, como a tarefa da AIE era proteger toda a raça humana, ele esperava que os presentes pelo menos tentassem buscar um equilíbrio adequado entre as duas coisas. Considerando que a AIE trabalharia diretamente contra a ameaça de

Trissolaris, a agência devia se tornar a mais unida de todas as instituições recém-criadas.

Durante o discurso do assistente-chefe Yu, Cheng Xin reparou que Wade estava empurrando as pernas da mesa com os pés e afastando lentamente a cadeira, como se não quisesse estar ali. Depois, sempre que alguém lhe pedia para dizer algumas palavras, ele balançava a cabeça e se recusava.

Por fim, quando todo mundo que queria discursar havia falado, ele se pronunciou. Apontando para a pilha de caixas e de artigos de escritório novos na sala de reuniões, disse:

— Eu gostaria que os demais de vocês cuidassem destas questões por conta própria. — Aparentemente, estava se referindo aos detalhes administrativos de colocar a agência para funcionar. — Por favor, não tomem meu tempo, nem o deles. — Ele apontou para Vadimov e sua equipe. — Preciso que todos do Centro de Planejamento Tecnológico com experiência em engenharia aeroespacial fiquem. Os demais estão dispensados.

Cerca de doze pessoas ficaram para trás na sala de reuniões agora bem mais vazia. Assim que as pesadas portas de carvalho se fecharam, Wade soltou a bomba.

— A AIE precisa enviar uma sonda espiã para a Frota Trissolariana.

Os funcionários se entreolharam, chocados. Cheng Xin também ficou surpresa. Com certeza ela esperara se envolver logo com uma quantidade considerável de trabalho técnico, mas não havia imaginado que seria de modo tão direto e rápido. Considerando que a AIE acabara de se formar e que ainda não havia escritórios nacionais ou regionais, a agência não parecia preparada para assumir projetos grandes. Mas o maior choque foi a ousadia da proposta de Wade: os desafios técnicos e outras barreiras pareciam insuperáveis.

— Quais são os requisitos técnicos? — perguntou Vadimov. Ele foi o único que pareceu achar o anúncio de Wade normal.

— Consulte em particular os representantes dos membros permanentes do CDP, mas a ideia ainda não foi apresentada formalmente. Pelo que sei, o CDP está interessado principalmente em um requisito, e é algo de que fazem questão: a sonda precisa chegar a um por cento da velocidade da luz. Cada membro permanente do CDP tem suas opiniões sobre outros parâmetros, mas estou certo de que vão chegar a algum acordo durante as conversas oficiais.

Um especialista da Nasa se pronunciou.

— Deixe-me ver se entendi. Considerando esses parâmetros, e se só nos preocuparmos com aceleração e não considerarmos nenhum modo de desacelerar a sonda, ela levará dois ou três séculos para chegar à Nuvem de Oort. Lá, interceptará e examinará a Frota Trissolariana em desaceleração. Desculpe, mas isso me parece um projeto mais adequado para o futuro.

Wade balançou a cabeça.

— Com aqueles sófons voando para lá e para cá na velocidade da luz, espiando-nos constantemente e bloqueando toda a nossa pesquisa de base em física, não sabemos mais se faremos algum progresso significativo no futuro. Se a humanidade está fadada a rastejar feito uma lesma pelo espaço, é melhor começarmos o mais rápido possível.

Cheng Xin desconfiava de que o plano de Wade tinha motivação política, pelo menos em parte. O primeiro esforço da humanidade para fazer contato ativo com uma civilização extraterrestre daria status à AIE.

— Mas, considerando o estado atual da tecnologia de voo espacial, levaríamos vinte ou trinta mil anos para chegar à Nuvem de Oort. Ainda que lancemos a sonda agora, não conseguiríamos nos afastar muito da porta da Terra quando a Frota Trissolariana chegar daqui a quatrocentos anos.

— É exatamente por isso que a sonda precisa alcançar um por cento da velocidade da luz.

— Você está falando de multiplicar por cem nossa velocidade máxima atual! Para isso, seria preciso uma propulsão totalmente nova. Não temos como alcançar esse nível de aceleração com a tecnologia atual, e não existe motivo para esperar um avanço técnico importante no futuro próximo. Essa proposta é fundamentalmente impossível.

Wade deu um murro na mesa.

— Você esquece que agora temos recursos! Antes, o voo espacial era um luxo, mas agora é uma necessidade absoluta. Podemos pedir recursos muito superiores ao que antes só podíamos imaginar. Podemos despejar recursos nesse problema até dobrarmos as leis da física. Partam para a força bruta, se necessário, mas precisamos acelerar a sonda para um por cento da velocidade da luz!

Por instinto, Vadimov passou os olhos pelo cômodo. Wade olhou para ele.

— Não se preocupe. Aqui não tem nenhum repórter ou gente de fora. Vadimov riu.

— Por favor, não se ofenda. Mas, se dissermos que queremos despejar recursos no problema até dobrarmos as leis da física, a agência vai ser motivo de piada no mundo todo. Por favor, não repita isso na frente do CDP.

— Já sei que vocês todos estão rindo de mim.

Todo mundo ficou quieto. As pessoas só queriam que a reunião acabasse. Wade olhou para eles, um de cada vez, e então dirigiu o olhar para Cheng Xin.

— Não, nem todos. Ela não está rindo. — Ele apontou para Cheng Xin. — Cheng, o que você acha?

Sob o olhar intenso de Wade, Cheng Xin teve a sensação de que ele estava apontando uma espada, não o dedo. Ela olhou para os lados, angustiada. Quem era *ela* para falar alguma coisa?

— Precisamos implementar DM aqui — disse Wade.

Cheng Xin ficou ainda mais confusa. DM? Dia da marmota? Direção de marketing?

— Mas você é chinesa! Como não sabe o que é DM?

Cheng Xin olhou para os outros cinco chineses na sala; eles pareciam igualmente confusos.

— Durante a Guerra da Coreia, os americanos descobriram que até os soldados chineses comuns capturados pareciam saber muito da estratégia de campanha de suas próprias forças. Os comandantes apresentavam os planos de batalha para a tropa debater em massa, na esperança de melhorá-los. É claro que, se vocês forem capturados pelos trissolarianos no futuro, não queremos que saibam *tanto*.

Alguns dos presentes riram. Cheng Xin finalmente entendeu que DM significava “democracia militar”. As outras pessoas na sala de reuniões apoiaram com entusiasmo a proposta de Wade. Claro, aqueles especialistas renomados não esperavam que uma mera assessora técnica tivesse ideias brilhantes, mas eram quase todos homens, e eles achavam que, se lhe dessem uma chance de falar, teriam a desculpa perfeita para apreciar seus atributos físicos. Cheng Xin sempre tentara se vestir de forma conservadora, mas tinha que lidar com esse tipo de assédio constantemente.

— Eu tenho uma ideia... — começou Cheng Xin.

— Uma ideia para dobrar as leis da física? — Quem falou foi uma francesa mais velha chamada Camille, uma consultora muito respeitada e experiente da Agência Europeia Espacial. Ela olhou para Cheng Xin com desdém, como se a chinesa não tivesse o direito de estar ali.

— Bom, é mais para *contornar* as leis da física. — Cheng Xin deu um sorriso educado para Camille. — O recurso mais promissor ao nosso alcance é o estoque de armamento nuclear no mundo inteiro. Se não fizermos nenhum avanço técnico, essas bombas são a fonte de energia mais potente que podemos lançar ao espaço. Imaginem uma nave ou

sonda equipada com vela de radiação, semelhante a uma vela solar: uma película fina capaz de ser propelida por radiação. Se fizermos explosões nucleares periódicas atrás da vela...

Algumas risadinhas. Camille foi a mais estridente.

— Minha cara, você pintou para nós uma cena de desenho animado. Sua nave espacial voa cheia de bombas nucleares e tem uma vela gigantesca. Dentro da nave, um herói que é a cara do Arnold Schwarzenegger. Ele joga as bombas atrás da nave, onde elas explodem para fazê-la avançar. Ah, *grande ideia!* — O resto da sala aderiu ao deboche, e ela continuou. — Talvez você precise dar uma olhada nos seus exercícios do primeiro ano da faculdade. Mas me diga: em primeiro lugar, quantas bombas nucleares sua nave terá que transportar? Em segundo, com essa razão empuxo-peso, qual vai ser a aceleração possível?

— Ela não chegou a dobrar as leis da física, mas atendeu ao outro aspecto da exigência do chefe — disse outro consultor especialista. — Mas é uma pena ver uma moça tão bonita cair na ilusão da força bruta. — A onda de riso continuou em um crescendo.

— As bombas não ficarão na nave — respondeu Cheng Xin, com calma. As risadas pararam de repente; foi como se ela tivesse segurado um prato de percussão que estava vibrando. — A sonda será composta por um núcleo minúsculo equipado com sensores e ligado a uma vela grande, mas a massa total será leve como uma pluma. Será fácil propeli-la com radiação a partir de detonações nucleares extraveiculares.

A sala de reuniões ficou muito quieta. Todo mundo estava se perguntando onde as bombas ficariam. Enquanto os outros debochavam de Cheng Xin, a postura de Wade tinha permanecido fria e impassível. Mas depois aquele sorriso, como água vazando de uma rachadura no gelo, voltou a aparecer gradualmente em seu rosto.

Cheng Xin pegou alguns copos de papel do bebedouro atrás de si e os enfileirou na mesa.

— Podemos usar foguetes químicos tradicionais para lançar as bombas nucleares com antecedência e distribuí-las ao longo do primeiro segmento da rota da sonda. — Ela pegou um lápis e avançou com a ponta ao longo da linha, indo de copo em copo. — Sempre que a sonda passar por uma bomba, nós a detonamos bem atrás da vela, acelerando-a cada vez mais.

Os homens tiraram os olhos do corpo de Cheng Xin. Finalmente estavam dispostos a levar sua proposta a sério. Só Camille continuava encarando-a como se olhasse uma estranha.

— Podemos chamar essa técnica de “propulsão em percurso”. Esse segmento inicial é a parte da aceleração e só se estende por uma pequena fração da rota total. Fazendo um cálculo muito por alto, se usarmos mil bombas nucleares, elas podem ser distribuídas ao longo de uma rota de cerca de cinco unidades astronômicas entre a Terra e a órbita de Júpiter. Ou poderíamos até comprimi-la mais e distribuir as bombas até a órbita de Marte. Isso com certeza é possível com nossa tecnologia atual.

O silêncio foi interrompido por alguns cochichos. Aos poucos, as vozes foram ficando mais altas e empolgadas, como uma garoa se transformando em tempestade.

— Você não inventou isso agora, foi? — perguntou Wade. Ele havia prestado muita atenção ao debate.

Cheng Xin sorriu para ele.

— Eu me baseei em uma ideia antiga da área aeroespacial. Stanislaw Ulam sugeriu algo parecido em 1946. Chamava-se propulsão por pulso nuclear.

— Dra. Cheng — disse Camille —, nós sabemos o que é propulsão por pulso nuclear. Mas todas aquelas ideias iniciais exigiam que o combustível fosse transportado pela própria nave. A ideia de distribuir

o combustível ao longo da rota da nave é uma invenção sua. Eu pelo menos nunca tinha ouvido a respeito antes.

A conversa ficou acalorada. Os especialistas reunidos avançaram sobre a ideia como uma matilha de lobos esfomeados diante de um pedaço de carne fresca.

Wade esmurrou a mesa de novo.

— Chega! Não se prendam a detalhes por enquanto. Não estamos avaliando a viabilidade; só estamos tentando determinar se vale a pena estudar a viabilidade da ideia. Concentrem-se em barreiras de nível geral.

— O melhor aspecto dessa proposta é que é fácil começar — disse Vadimov, depois de um rápido silêncio.

Todos entenderam de imediato a que Vadimov se referia. O primeiro passo no plano de Cheng Xin envolvia lançar uma grande quantidade de bombas nucleares em órbita ao redor da Terra. A humanidade não apenas já possuía essa tecnologia, como as bombas também já se encontravam em veículos de lançamento: seria fácil adaptar os ICBM em uso para esse fim. Peacekeepers americanos, Topols russos e Dongfengs chineses podiam lançar diretamente suas ogivas para órbitas baixas. Daria para usar até mísseis balísticos de alcance médio, se recebessem foguetes de reforço adicionais. Em comparação com os planos de desarmamento nuclear pós-Crise que exigiam a destruição dos mísseis, aquele seria muito mais barato.

— Excelente. Por enquanto, vamos dar uma pausa na ideia de propulsão em percurso de Cheng Xin. Mais alguma proposta? — Wade passou os olhos pela sala.

Algumas pessoas pareceram interessadas em falar, mas acabaram decidindo ficar quietas. Ninguém achava ter uma ideia comparável à de Cheng Xin. Com o tempo, todos os olhares se concentraram nela de novo, mas, dessa vez, o motivo era completamente diferente.

— Vamos nos reunir mais duas vezes para trocar ideias e ver se conseguimos bolar outras opções. Mas também podemos começar o estudo de viabilidade da propulsão em percurso. Vamos precisar de um codinome.

— Como a velocidade da sonda aumentaria a cada bomba explodida, é um pouco como subir um lance de escada — disse Vadimov. — Sugiro que chamemos de Programa Escadaria. Além da exigência de superar um por cento da velocidade da luz, outro parâmetro que precisamos considerar é a massa da sonda.

— Uma vela de radiação pode ser muito fina e leve. Com base no estado atual da ciência dos materiais, podemos construir uma vela de cerca de cinquenta quilômetros quadrados e limitar a massa a cinquenta quilogramas. Esse tamanho deve ser suficiente. — Quem falou foi um especialista russo que havia dirigido um experimento fracassado com vela solar.

— Então o crucial será a massa da própria sonda.

Todos voltaram os olhos para outro homem na sala, o engenheiro-chefe da sonda Cassini-Huygens.

— Se incluirmos alguns sensores básicos e levarmos em conta a antena necessária e a fonte de energia radioisotópica para transmitir informações da Nuvem de Oort, uns dois ou três mil quilos devem bastar.

— Não! — Vadimov balançou a cabeça. — Tem que ser como Cheng Xin falou: leve como uma pluma.

— Se usarmos só os sensores mais básicos, talvez mil quilos bastem. Não garanto que funcione... vocês não estão me dando quase nada.

— Você vai ter que dar um jeito — disse Wade. — Incluindo a vela, a massa da sonda inteira não pode exceder uma tonelada métrica. Dedicaremos toda a força da raça humana à propulsão de mil quilos. Vamos torcer para que isso seja leve o bastante.

Ao longo da semana seguinte, Cheng Xin só dormiu em aviões. Como integrante da força-tarefa liderada por Vadimov, ela foi de uma agência espacial a outra nos Estados Unidos, na China, na Rússia e na Europa para coordenar o estudo de viabilidade do Programa Escadaria. Cheng Xin teve a chance de viajar para mais lugares do que em toda a sua vida até então, mas não pôde conhecer nenhum ponto turístico além do que era possível ver da janela de carros e salas de reuniões.

A princípio, eles haviam imaginado que conseguiriam convencer todas as agências espaciais a realizar um estudo de viabilidade conjunto, mas isso se revelou um exercício político impossível. No fim das contas, cada agência realizou uma análise independente. A vantagem dessa opção era que a AIE podia comparar os quatro estudos para obter um resultado mais preciso, mas também representava uma quantidade de trabalho muito maior. Cheng Xin batalhou nesse projeto mais do que em toda sua vida profissional — afinal, era uma criação sua.

Os quatro estudos de viabilidade logo chegaram a conclusões preliminares muito semelhantes. A boa notícia era que a área da vela de radiação podia ser reduzida para vinte e cinco quilômetros quadrados, e, com materiais ainda mais avançados, a massa poderia diminuir para vinte quilos.

Mas então veio uma notícia muito ruim: para atender ao requisito de um por cento da velocidade da luz, a massa da sonda inteira precisaria ser reduzida em oitenta por cento — para apenas duzentos quilos. Excluindo-se a massa reservada para a vela, restavam apenas cento e oitenta quilos para sensores e dispositivos de comunicação.

A expressão no rosto de Wade não mudou.

— Não fique triste. Tenho uma notícia ainda pior: na última sessão do CDP, a proposta do Programa Escadaria foi rejeitada.

Dos sete membros permanentes do CDP, quatro votaram contra. A motivação deles foi surpreendentemente semelhante. Ao contrário dos

especialistas técnicos da AIE com formação em engenharia aeroespacial, os embaixadores não estavam interessados na tecnologia de propulsão. Argumentaram que o valor como instrumento de inteligência da sonda era limitado demais — nas palavras do embaixador americano, “praticamente nulo”.

Isso ocorria porque a sonda proposta não tinha como desacelerar. Mesmo considerando o fato de que a Frota Trissolariana estaria em desaceleração, a sonda e a frota se cruzariam a uma velocidade relativa de cerca de cinco por cento da velocidade da luz (se a sonda não fosse capturada pela frota). A janela para obtenção de informações seria extremamente breve. Como sua massa reduzida inviabilizava sensores ativos como radares, a sonda estaria limitada a sensores passivos, principalmente sinais eletromagnéticos. Levando em conta o estado avançado da tecnologia trissolariana, era quase certo que o inimigo não estivesse usando radiação eletromagnética, e sim sistemas como neutrinos ou ondas gravitacionais — técnicas que superavam a capacidade tecnológica atual da humanidade.

Além do mais, devido à presença dos sófons, o plano de enviar uma sonda seria completamente óbvio para o inimigo, e por isso a probabilidade de obter informações valiosas era nula. Considerando o imenso investimento que seria necessário para executar o plano, os benefícios eram ínfimos. A maior parte do valor do plano era estritamente simbólico, e as grandes potências não estavam interessadas nisso. Os outros três membros permanentes do CDP votaram a favor só porque estavam interessados na tecnologia de propulsão.

— E o CDP tem razão — disse Wade.

Todo mundo ficou em luto silencioso pelo Programa Escadaria. Cheng Xin foi quem mais lamentou, mas ela se consolou com o fato de que, sendo uma jovem sem nenhum currículo de realizações, ter

chegado tão longe com sua primeira ideia original não era tão ruim. Sem dúvida ela havia superado suas próprias expectativas.

— Srta. Cheng, você parece infeliz — disse Wade. — Parece achar que vamos abandonar o Programa Escadaria.

Todo mundo se virou para encarar Wade, sem palavras.

— Nós *não* vamos parar. — Wade se levantou e caminhou pela sala de reuniões. — A partir de agora, seja com o Programa Escadaria ou com qualquer outro plano, vocês só param quando *eu* mandar. Entendido? — Ele abandonou o tom indiferente costumeiro e começou a gritar como uma fera selvagem. — Vamos adiante! Adiante! Vamos adiante e não paramos por nada!

Wade estava de pé atrás de Cheng Xin. Ela sentiu como se um vulcão tivesse acabado de explodir nas suas costas e se retraiu, quase gritando também.

— Qual é o próximo passo? — perguntou Vadimov.

— Vamos mandar uma pessoa.

Wade retomou a voz calma e impassível. Ainda em choque com o rompante dele, todos na sala levaram algum tempo para entender o que Wade queria dizer. Ele não estava falando de mandar alguém ao CDP, e sim para fora do Sistema Solar. Sua proposta era enviar um batedor vivo à gélida e desolada Nuvem de Oort, a um ano-luz de distância, para espiar a Frota Trissolariana.

Ele empurrou a perna da mesa com o pé e virou a cadeira de costas para se sentar atrás de todos enquanto os outros continuavam a discutir. Mas ninguém falou nada. Foi uma reprise da reunião da semana anterior, quando Wade havia apresentado a proposta de enviar uma sonda até a Frota Trissolariana. Todo mundo tentou digerir as palavras dele e desvendar a charada. Pouco depois, começaram a ver que a ideia não era tão ridícula quanto tinha parecido a princípio.

Hibernação era uma tecnologia relativamente madura. Uma pessoa poderia realizar a viagem em animação suspensa. Considerando

alguém de setenta quilos, restariam cento e dez para o equipamento de hibernação e o casco — que teria a aparência de um caixão. Mas e depois? Dois séculos mais tarde, quando a sonda encontrasse a Frota Trissolariana, como eles fariam para acordar essa pessoa, e o que ela poderia fazer?

Esses pensamentos circularam pela cabeça dos presentes, mas ninguém se pronunciou. Wade, no entanto, parecia ter lido a mente de todo mundo.

— Precisamos enviar um representante da humanidade para os braços do inimigo — disse ele.

— Para isso, a Frota Trissolariana teria que capturar a sonda — disse Vadimov. — E preservar nosso espião.

— Isso é muito provável. — Wade olhou para cima. — Não é?

Todo mundo dentro da sala de reuniões entendeu que Wade estava falando com os sófons que pairavam em volta deles feito fantasmas. A quatro anos-luz de distância, naquele mundo remoto, outros seres invisíveis também haviam “comparecido” à reunião. As pessoas tendiam a esquecer a presença dos sófons. E, quando lembravam, elas sentiam não só medo, mas também certa insignificância, como se fossem formigas sob a lupa de alguma criança cruel e brincalhona. Era muito difícil continuar confiante quando se tinha consciência de que o inimigo saberia de quaisquer planos muito antes que eles fossem explicados a um supervisor. Os seres humanos precisavam se esforçar para se adaptar a essa modalidade de guerra, de completa transparência diante do inimigo.

Agora, contudo, Wade parecia ter mudado ligeiramente a situação. Na hipótese dele, o fato de que o inimigo conhecia o plano era uma vantagem. Os trissolarianos saberiam cada detalhe da trajetória da sonda e poderiam interceptá-la com facilidade. Mesmo com todas as informações dos sófons sobre a humanidade, certamente os

trissolarianos ainda estariam interessados em capturar um espécime vivo para estudar de perto.

De acordo com os princípios tradicionais de inteligência na guerra, o envio de um espião de identidade conhecida era um gesto inútil. Mas aquela guerra era diferente. O envio de um representante da humanidade para a Frota Trissolariana era um gesto valente por si só, e não fazia diferença se os trissolarianos soubessem a identidade do indivíduo com antecedência. A AIE nem precisava decidir o que o espião precisaria fazer ao chegar lá: desde que a pessoa pudesse ser inserida em segurança na frota, as possibilidades eram infinitas. Considerando o raciocínio transparente dos trissolarianos e sua vulnerabilidade a estratégias, a ideia de Wade se tornou ainda mais atraente.

Precisamos enviar um representante da humanidade para os braços do inimigo.

TRECHO EXTRAÍDO DE *UM PASSADO ALÉM DO TEMPO*

HIBERNAÇÃO: PELA PRIMEIRA VEZ O SER HUMANO ATRAVESSA O TEMPO

Uma tecnologia nova pode transformar a sociedade, mas, quando essa tecnologia ainda está na infância, muito poucas pessoas são capazes de perceber todo o seu potencial. Por exemplo, quando o computador foi inventado, ele não passava de uma ferramenta capaz de aumentar a eficiência de processos, e havia quem achasse que cinco computadores bastariam para o mundo inteiro. Foi o mesmo com a hibernação artificial. Antes de se tornar uma realidade, as pessoas só achavam que seria um meio de permitir que pacientes com doenças terminais buscassem a cura no futuro. Com um pouco mais de imaginação, elas poderiam achar que seria útil para viagens interestelares. Mas, assim que se tornou real, ao observá-la pelas lentes da sociologia, era possível ver que transformaria completamente a face da civilização humana.

Isso se baseava em uma única ideia: *amanhã será melhor*.

Era uma fé relativamente nova, produto dos últimos séculos que precederam a Crise. Antes, tal ideia de progresso teria sido ridicularizada. A Europa medieval era materialmente inferior à Roma clássica de mil anos antes, e também era intelectualmente reprimida. Na China, a vida das pessoas era pior durante as dinastias Wei, Jin, do

Sul e do Norte, se comparada com a vida na Dinastia Han, mais antiga, e as dinastias Yuan e Ming eram muito piores do que a Tang e a Song. Mas, com a Revolução Industrial, o progresso se tornou uma característica constante da sociedade, e a fé da humanidade no futuro se fortaleceu.

Essa fé chegou ao ápice às vésperas da Crise Trissolariana. Já fazia algum tempo que a Guerra Fria havia acabado, e, embora persistissem problemas como a degradação ambiental, eles eram apenas incômodos. Os confortos materiais da vida se aprimoravam a um ritmo acelerado, e a tendência parecia estar ganhando velocidade. Se alguém fizesse uma pesquisa sobre a visão que as pessoas tinham do futuro, talvez as respostas variassem para como o mundo seria dali a dez anos, mas poucos duvidavam que, depois de um século, a humanidade estaria vivendo no paraíso. Era fácil acreditar nisso: bastava comparar a própria vida atual com a vida de seus antepassados cem anos antes!

Se era possível hibernar, por que persistir no presente?

Sob a ótica da sociologia, a descoberta biotecnológica da clonagem humana era muito menos complicada do que a hibernação. A clonagem suscitava questionamentos morais, mas era um problema que abalava sobretudo quem tinha uma perspectiva moral inspirada no cristianismo. Já os problemas suscitados pela hibernação eram de ordem prática e afetavam toda a raça humana. Quando a tecnologia passasse a ser comercializada com sucesso, quem tivesse condições a usaria para viajar direto ao paraíso, enquanto o resto da humanidade seria obrigado a continuar no presente, que em comparação era deprimente, para construir esse paraíso. Porém, ainda mais problemático era o aspecto mais sedutor que o futuro proporcionava: o fim da morte.

Com o avanço rápido da biologia moderna, as pessoas passaram a acreditar que o fim da morte seria alcançado em mais um ou dois séculos. Se isso acontecesse, quem optasse pela hibernação subiria os

primeiros degraus rumo à vida eterna. Pela primeira vez na história, a morte deixava de ser justa. As consequências eram inimagináveis.

A situação era análoga às condições atrozes do Escapismo pós-Crise. Mais tarde, os historiadores viriam a chamá-la de Escapismo Inicial ou Escapismo Temporal. Dessa forma, mesmo antes da Crise, governos do mundo inteiro reprimiam a tecnologia de hibernação com ainda mais empenho do que a de clonagem.

Mas a Crise Trissolariana mudou tudo. Da noite para o dia, o paraíso do futuro se transformou no inferno na Terra. Nem pacientes com doenças terminais achavam o futuro atraente: quando acordassem, talvez o mundo estivesse mergulhado em um mar de fogo, e então eles não seriam capazes de encontrar sequer uma aspirina.

Portanto, após a Crise, a hibernação pôde se desenvolver sem restrições. Em pouco tempo, a tecnologia se tornou comercialmente viável, e a raça humana se viu em posse da primeira ferramenta que lhe permitiria transpor grandes intervalos de tempo.

ERA DA CRISE, ANOS 1 A 4

CHENG XIN

Cheng Xin foi a Sanya, na ilha Hainan, para pesquisar sobre hibernação.

Essa ilha tropical parecia um local estranho para instalar o maior centro de pesquisa em hibernação do mundo, administrado pela Academia Chinesa de Ciências Médicas. Embora no continente estivessem no meio do inverno, ali vigorava a primavera.

O centro de hibernação era um edifício branco escondido em uma densa vegetação. Cerca de uma dúzia de indivíduos estava participando de testes de hibernação experimental de curto prazo. Até o momento, ninguém havia sido submetido à hibernação com a intenção de transpor séculos.

A primeira pergunta de Cheng Xin foi se seria possível reduzir a cem quilos o equipamento necessário para sustentar a hibernação.

O diretor do centro de pesquisa riu.

— Cem quilos? Seria sorte conseguir diminuir para cem toneladas!

O diretor estava exagerando, mas só um pouco. Ele apresentou o centro a Cheng Xin, e ela constatou que a hibernação artificial não era exatamente igual à imagem popular que se tinha da tecnologia. Em primeiro lugar, não tinha a ver com temperaturas ultrabaixas. O procedimento substituía o sangue do corpo por um crioprotetor anticongelante e depois baixava a temperatura do corpo para cinquenta graus Celsius negativos. Com a ajuda de um sistema

cardiopulmonar externo, os órgãos do corpo mantinham um nível de atividade biológica extremamente baixo.

— É como o modo de suspensão em um computador — disse o diretor.

O sistema inteiro — tanque de hibernação, sistema de manutenção de vida, equipamento de refrigeração — pesava cerca de três toneladas.

Ao debater junto do pessoal técnico do centro sobre possíveis maneiras de miniaturizar a estrutura de hibernação, ela de repente se deu conta de um detalhe: se a temperatura do corpo precisava ser de cerca de cinquenta graus Celsius negativos, então, no ambiente gélido do espaço sideral, a câmara de hibernação teria que ser aquecida, não resfriada. Na longa viagem através do espaço transnetuniano, principalmente, a temperatura externa chegaria perto do zero absoluto. Em comparação, cinquenta graus Celsius negativos pareceriam o calor de uma fornalha. Considerando que a viagem levaria de um a dois séculos, a solução mais prática seria aquecimento por radioisótopos. A brincadeira do diretor sobre as cem toneladas, portanto, não estava muito longe da verdade.

Cheng Xin voltou à sede da AIE e apresentou seu relatório. Depois que sintetizou todos os resultados relevantes da pesquisa, a equipe voltou a mergulhar no desânimo. Mas, dessa vez, eles lançaram olhares de esperança para Wade.

— O que vocês estão olhando? Eu não sou Deus! — Wade passou os olhos pela sala de reuniões. — Por que vocês acham que seus países os mandaram para cá? Para receber um salário e me dar notícias ruins? Eu não sei a solução. Encontrar soluções é trabalho de vocês! — Ele empurrou a mesa, e sua cadeira deslizou mais do que nunca para trás. Ignorando a proibição de não fumar na sala de reuniões, ele acendeu um charuto.

Os presentes dirigiram sua atenção de volta para os novos especialistas em hibernação na sala. Nenhum deles disse nada, mas

também nem tentaram disfarçar a raiva e a frustração de profissionais que se veem diante de extremistas ignorantes que pedem algo impossível.

— Talvez... — Cheng Xin olhou para os lados, hesitante. Ela ainda não estava acostumada com DM.

— Adiante! Vamos adiante e não paramos por nada! — Wade cuspiu fumaça na direção dela junto com suas palavras.

— Talvez... não precisemos mandar uma pessoa viva.

Os outros membros da equipe olharam para ela, e se entreolharam, e depois se voltaram para os especialistas em hibernação. Eles balançaram a cabeça, sem entender o que Cheng Xin queria dizer.

— Poderíamos submeter alguém a um congelamento rápido até duzentos graus Celsius negativos ou menos e depois lançar o corpo. Não precisaríamos de sistemas de manutenção de vida ou de aquecimento, e a cápsula com o corpo poderia ser muito pequena e leve. A massa total não deve passar de cento e dez quilogramas. Para nós, um corpo assim é um cadáver, mas talvez não seja para os trissolarianos.

— Muito bom — disse Wade, assentindo para ela. Essa era a primeira vez que Cheng Xin o via elogiar algum subordinado desde que o conheceu.

— Você está falando de criopreservação, não de hibernação — disse um dos especialistas. — A maior barreira para reanimar um corpo congelado é evitar que cristais de gelo danifiquem as células durante o processo de descongelamento. É como descongelar tofu: ele acaba virando uma esponja. Ah, acho que quase ninguém aqui deve ter comido tofu congelado. — O especialista, que era chinês, sorriu para os rostos ocidentais confusos à sua volta. — No entanto, talvez os trissolarianos conheçam técnicas que evitem esse dano. Talvez eles possam restaurar o corpo a uma temperatura normal em um tempo

extremamente curto: um milissegundo, ou até um microssegundo. Não sabemos fazer isso, pelo menos não sem vaporizar o corpo no processo.

Cheng Xin não estava prestando muita atenção na conversa. Sua mente se concentrou em outra coisa: quem seria o picolé lançado às profundezas do espaço a menos duzentos graus de temperatura? Ela estava tentando muito avançar sem se preocupar com as consequências, mas os calafrios diante do pensamento eram inevitáveis.

A versão mais recente do Programa Escadaria foi submetida à votação mais uma vez na última sessão do CDP. Conversas particulares entre Wade e os embaixadores das várias nações inspiraram otimismo. Como o plano modificado representaria o primeiro contato direto entre a humanidade e uma civilização extraterrestre, ele tinha um significado qualitativamente distinto do mero envio de uma sonda. Além do mais, a pessoa enviada aos trissolarianos poderia ser considerada uma bomba-relógio inserida no coração do inimigo. Mediante a aplicação habilidosa da superioridade humana absoluta no uso de truques e artimanhas, a pessoa poderia mudar o rumo de toda a guerra.

Como naquela noite a sessão especial da Assembleia Geral anunciaria o Projeto Barreiras ao mundo, a sessão do CDP atrasou mais de uma hora. O pessoal da AIE esperava do lado de fora do Salão da Assembleia Geral. Nas sessões anteriores do CDP, só Wade e Vadimov tiveram permissão de comparecer, enquanto os outros precisavam ficar do lado de fora, esperando que os chamassem caso alguém pedisse explicações técnicas em alguma área específica. Mas, dessa vez, Wade pediu que Cheng Xin entrasse com ele e Vadimov na sessão do CDP, uma grande honra para uma mera assessora técnica.

Após a conclusão do anúncio da Assembleia Geral, Cheng Xin e os outros observaram um homem cercado por um enxame de repórteres passar pelo saguão e sair do prédio por outra porta — evidentemente era uma das recém-reveladas Barreiras. Como todos da AIE estavam concentrados no Programa Escadaria, a maioria não estava interessada nas Barreiras, e só alguns saíram do prédio para dar uma olhada no sujeito. Portanto, quando aconteceu o famoso atentado contra Luo Ji, ninguém da AIE ouviu o disparo; eles só viram a comoção súbita pelas portas de vidro. Cheng Xin e os outros correram para fora do prédio e imediatamente foram ofuscados pelos potentes holofotes dos helicópteros que sobrevoavam a área.

— Meu Deus, uma das Barreiras foi assassinada! — Um dos colegas de Cheng Xin chegou correndo. — Ouvi dizer que levou vários tiros. Na cabeça!

— Quem são as Barreiras? — perguntou Wade. Seu tom não indicava nenhum interesse especial.

— Também não sei bem. Acho que três deles fazem parte de uma lista de candidatos famosos. Mas esse quarto, o que foi baleado, era um dos seus. — Ele apontou para Cheng Xin. — Mas ninguém tinha ouvido falar dele. É só um cara qualquer.

— Nesta época extraordinária, ninguém é “só um cara qualquer” — disse Wade. — Qualquer pessoa aleatória pode receber de repente uma grande responsabilidade, e qualquer pessoa importante pode ser substituída a qualquer momento. — Ele olhou de Cheng Xin para Vadimov. Então, um secretário do CDP o chamou.

— Ele está me ameaçando — sussurrou Vadimov para Cheng Xin. — Ontem ele fez um escândalo e me falou que você poderia me substituir tranquilamente.

— Mikhail, eu...

Vadimov ergueu a mão para interrompê-la. A luz forte do holofote de um dos helicópteros atravessou sua palma e revelou o sangue sob a

pele.

— Ele não estava brincando. Nossa agência não precisa se ater a processos normais de recursos humanos. Você é firme, calma, trabalhadora e também criativa; demonstra uma noção de responsabilidade muito além de seu cargo oficial. Essa combinação de qualidades é rara para alguém da sua idade. Xin, é sério, fico feliz que você possa me substituir... mas você *não* pode fazer *exatamente* o que eu faço. — Ele olhou para o caos que os cercava. — Você não venderia sua mãe a um puteiro. Você ainda é uma criança, no que diz respeito a esse aspecto da nossa profissão. Espero fervorosamente que permaneça assim para sempre.

Camille veio até eles com uma pilha de papéis. Cheng Xin imaginou que fosse o relatório provisório de viabilidade do Programa Escadaria. Camille segurou o documento por alguns instantes, mas, em vez de entregar para um deles, jogou tudo no chão.

— Fodam-se! — berrou Camille. Mesmo com o estrondo dos helicópteros sobre eles, algumas pessoas se viraram para olhar. — Porcos malditos que não sabem fazer nada além de se foder aqui na lama!

— De quem você está falando? — perguntou Vadimov.

— Todo mundo! A raça humana! Há meio século, nós andamos na Lua. Mas agora não temos nada, não podemos mudar nada!

Cheng Xin se abaixou e pegou o documento. Realmente, era o relatório provisório de viabilidade. Ela e Vadimov folhearam as páginas, mas era um texto extremamente técnico e denso. Wade também havia voltado ao grupo deles — o secretário do CDP o informara de que a sessão começaria em quinze minutos.

Camille se acalmou um pouco diante do chefe da AIE.

— A Nasa realizou dois testes pequenos com propulsão por pulso nuclear no espaço, e os resultados estão no relatório. Basicamente, a nave que estamos propondo ainda é pesada demais para atingir a

velocidade necessária. Pelos cálculos deles, a massa do conjunto todo tem que ser cinco por cento do que estamos considerando. Cinco por cento! São dez quilos!

“Mas esperem, que eles também nos deram uma notícia *boa*. A vela, vejam só, pode ser reduzida a menos de dez quilos. Eles ficaram com pena de nós e disseram que podemos ter uma carga útil de meio quilo. Mas esse é o limite máximo, porque qualquer acréscimo à carga exigirá cabos mais grossos para prender a vela. Cada grama adicional à carga útil representa mais três gramas de cabeamento. Assim, só nos cabe meio quilo. Ha-ha, é exatamente o que nosso anjo tinha previsto: leve como uma pluma!”

Wade sorriu.

— Podíamos mandar Monnier, a gatinha da minha mãe. Mas acho que até ela teria que perder metade do peso.

Sempre que as pessoas pareciam satisfeitas e envolvidas com o trabalho, Wade parecia melancólico; quando os outros estavam arrasados, ele relaxava e brincava. A princípio, Cheng Xin tinha atribuído essa peculiaridade a parte do estilo de liderança dele. Mas Vadimov lhe dissera que ela não sabia interpretar as pessoas. O comportamento de Wade não tinha nada a ver com estilo de liderança ou motivação de tropas — ele só gostava de ver as pessoas perderem as esperanças, mesmo se fosse um dos que deviam se desesperar. Ele sentia prazer com o desespero alheio. Cheng Xin ficara surpresa ao ver que Vadimov, que sempre tentava falar bem de outras pessoas, tinha essa opinião. Mas, no momento, realmente parecia que Wade estava sentindo prazer com o sofrimento dos três.

Cheng Xin se sentiu fraca. Os dias de exaustão a atingiram todos de uma vez, e ela caiu no gramado.

— Levante-se — disse Wade.

Pela primeira vez, Cheng Xin se recusou a obedecer a uma ordem dele. Ela continuou no chão.

— Estou cansada. — Sua voz estava dura.

— Você, e você — disse Wade, apontando para Camille e Cheng Xin.

— Vocês não têm permissão para se descontrolar assim no futuro. Devem seguir adiante, adiante e sem parar por nada!

— Não temos para onde avançar — disse Vadimov. — Temos que desistir.

— O motivo pelo qual vocês acham que não há por onde avançar é que não sabem ignorar as consequências.

— E a sessão do CDP? Cancelamos?

— Não, vamos seguir como se nada tivesse acontecido. Mas não podemos preparar documentos novos, então teremos que apresentar oralmente o plano novo.

— Que plano novo? Um gato de quinhentos gramas?

— Claro que não.

Os olhos de Vadimov e Camille se iluminaram. Cheng Xin também parecia ter recuperado as forças. Ela se levantou.

Acompanhada de uma escolta militar e helicópteros, uma ambulância saiu com a Quarta Barreira. Diante das luzes de Nova York, a silhueta de Wade parecia um fantasma negro, e seus olhos brilhavam com uma luz fria.

— Vamos enviar só um cérebro — disse ele.

TRECHO EXTRAÍDO DE *UM PASSADO ALÉM DO TEMPO*

PROGRAMA ESCADARIA

No século XIV, durante a Dinastia Ming, a marinha chinesa inventou uma arma chamada Huolong Chu Shui, que significa literalmente “dragão de fogo que sai da água”. Era um foguete de pólvora multiestágios semelhante aos mísseis antinavio da Era Comum. O míssil propriamente dito (Huolong) era incrementado com foguetes de reforço. Ao ser lançado, o míssil era impulsionado pelos foguetes logo acima da superfície da água até o navio inimigo. Quando o combustível dos foguetes se consumia, um conjunto de foguetes menores armazenados dentro do míssil se acendia e era disparado pela frente, causando grandes danos às embarcações inimigas.

A guerra na Antiguidade também viu o uso de bestas de repetição, precursoras das metralhadoras da Era Comum, que apareceram tanto no Ocidente quanto no Oriente, e versões chinesas foram descobertas em tumbas que remetiam ao século IV a.C.

Esses dois armamentos eram esforços voltados para encontrar usos inovadores para tecnologias primitivas, de modo a demonstrar um poder inexistente no período em que foram inventados.

Em retrospecto, o Programa Escadaria, implementado no início da Era da Crise, foi um avanço similar. Usando apenas a tecnologia primitiva disponível na época, ele conseguiu fazer uma pequena sonda alcançar um por cento da velocidade da luz. Essa realização teria sido

impossível sem tecnologias que só surgiriam um século e meio mais tarde.

Na época do Programa Escadaria, os seres humanos já haviam lançado com sucesso algumas naves espaciais para fora do Sistema Solar e aterrissado sondas em satélites de Netuno. Portanto, a tecnologia necessária para distribuir bombas nucleares ao longo do trecho de aceleração da rota da sonda se encontrava relativamente madura. Mas o controle da trajetória da sonda e a sincronização perfeita das detonações representaram um grande desafio técnico.

Cada bomba precisava ser detonada exatamente quando a vela de radiação passasse. A distância entre as bombas e a vela no momento da explosão variava de três mil a dez mil metros, dependendo da potência da bomba. À medida que a velocidade da sonda aumentava, a sincronia tinha que ser mais exata. No entanto, até mesmo quando a vela atingisse um por cento da velocidade da luz, a margem de erro ainda era superior à ordem dos nanossegundos, algo perfeitamente possível com a tecnologia da época.

A sonda propriamente dita não possuía motor. Sua navegação era determinada exclusivamente pela posição relativa das bombas detonadas. Cada bomba na rota era equipada com pequenos propulsores de ajuste de posição. Quando a vela passava por uma bomba, a distância entre elas era de apenas algumas centenas de metros. Ao ajustá-la, era possível alterar o ângulo entre a vela e a força de propulsão gerada pela explosão nuclear e, assim, controlar a direção do voo.

A vela de radiação era uma película fina, e a única maneira de transportar a carga útil era arrastá-la dentro de uma cápsula. Dessa forma, o conjunto da sonda parecia um paraquedas gigantesco — exceto pelo detalhe de que esse paraquedas voava “para cima”. Para evitar que as explosões nucleares que aconteciam a uma distância de três a dez quilômetros da vela danificassem a carga, os cabos que as

ligavam precisavam ser muito longos; cerca de quinhentos quilômetros. Uma camada de material ablativo protegia a carga. Conforme as bombas explodiam, esse material se vaporizava gradualmente, resfriando a cápsula e reduzindo a massa total.

Os cabos eram feitos de um nanomaterial chamado “Lâmina Voadora”. Com cerca de um décimo da espessura de um fio de teia de aranha, eram invisíveis a olho nu. Era possível esticar oito gramas do material em um fio de cem quilômetros de comprimento, mas ele tinha resistência suficiente para arrastar a cápsula durante a aceleração e não se romperia com a imensa carga de radiação produzida pelas explosões nucleares.

Obviamente, o Huolong Chu Shui não equivalia de fato a um foguete de dois estágios, e a besta de repetição não era igual a uma metralhadora. Da mesma forma, o Programa Escadaria não seria o início de uma nova Era Espacial. Foi apenas uma tentativa desesperada que aproveitava tudo que a tecnologia limitada da humanidade podia oferecer.

ERA DA CRISE, ANOS 1 A 4

CHENG XIN

O lançamento em massa de mísseis Peacekeeper já estava em andamento havia mais de meia hora. Os rastros de seis mísseis se fundiram e, iluminados pelo luar, formaram um caminho prateado no céu.

A cada cinco minutos, mais uma bola de fogo subia por esse caminho de prata rumo ao firmamento. Sombras de árvores e pessoas corriam pelo chão como ponteiros de relógios. Essa primeira etapa do lançamento envolvia trinta mísseis, que colocavam em órbita trezentas ogivas nucleares com potência a partir de quinhentos quilotons até 2,5 megatons. Ao mesmo tempo, na Rússia e na China, mísseis Topol e Dongfeng também subiam ao céu. O cenário parecia apocalíptico, mas Cheng Xin sabia, pela curvatura dos rastros dos foguetes, que eram lançamentos orbitais, não ataques intercontinentais. Aqueles dispositivos, que poderiam ter matado bilhões de pessoas, jamais retornariam à superfície da Terra. Eles reuniriam seu poder imenso para acelerar uma pluma a um por cento da velocidade da luz.

Cheng Xin sentiu os olhos arderem e se encherem de lágrimas. A cada foguete que subia, seus olhos se transformavam em poços brilhantes de luz. Ela repetiu para si mesma inúmeras vezes que, não importava o que acontecesse depois, já valia a pena ter levado o Programa Escadaria até ali.

Mas os dois homens ao seu lado, Vadimov e Wade, pareciam não se abalar pela cena espetacular diante deles. Eles nem se deram ao

trabalho de olhar para cima; só ficaram fumando e conversando em voz baixa. Cheng Xin sabia muito bem sobre o que eles estavam discutindo: quem seria escolhido para o Programa Escadaria.

A última sessão do CDP marcou a primeira vez em que uma resolução fora aprovada com base em uma proposta que não tinha sequer uma formulação por escrito. E Cheng Xin teve a oportunidade de presenciar o poder de argumentação de Wade, normalmente um homem de poucas palavras. Ele defendeu que, partindo do princípio de que os trissolarianos eram capazes de reviver um corpo congelado, então fazia sentido a suposição de que também eram capazes de reviver um único cérebro em condição semelhante e interagir com ele mediante uma interface externa. Certamente tal operação seria trivial para uma civilização capaz de desdobrar um próton em duas dimensões e gravar circuitos na superfície resultante. Em certo sentido, não havia diferença entre um cérebro e uma pessoa inteira: o cérebro abrigava os pensamentos, a personalidade e a memória. E definitivamente controlava a capacidade da pessoa de conceber estratégias. Se o programa tivesse sucesso, o cérebro ainda seria uma bomba-relógio no coração do inimigo.

Embora os membros do CDP não concordassem plenamente com a noção de que um cérebro equivalia a uma pessoa inteira, não havia nenhuma alternativa, especialmente considerando que o interesse deles pelo Programa Escadaria se baseava sobretudo na tecnologia para acelerar a sonda a um por cento da velocidade da luz. No final, a resolução foi aprovada com cinco votos a favor e duas abstenções.

Com a aprovação do Programa Escadaria, o problema de quem enviar tornou-se uma prioridade. Cheng Xin não tinha coragem de sequer imaginar alguém adequado. Mesmo se o cérebro da pessoa pudesse ser capturado e revivido pelos trissolarianos, a vida depois — se é que uma existência assim poderia ser chamada de vida — seria um pesadelo interminável. Sempre que ela pensava nisso, sentia como se o

coração estivesse sendo apertado por uma mão congelada a duzentos graus negativos.

Os outros líderes e realizadores do Programa Escadaria não sofriam as mesmas pontadas de culpa. Se a AIE fosse uma organização de inteligência nacional, a questão teria sido resolvida em um instante. No entanto, a AIE era um comitê coletivo de inteligência formado pelos países-membros do CDP, então, assim que o Programa Escadaria foi revelado para a comunidade internacional, a questão se tornou extremamente delicada.

O problema fundamental era o seguinte: antes do lançamento, o indivíduo teria que ser morto.

Depois que o pânico inicial da Crise se dissipou, aos poucos a política internacional foi dominada por um consenso principal: era importante evitar que a Crise fosse usada como instrumento para destruir a democracia. Os integrantes da AIE foram orientados pelos respectivos governos a redobrar a atenção durante o processo de seleção de participantes em potencial para o Programa Escadaria e não cometer nenhum erro político que gerasse constrangimento para seus países.

Mais uma vez, Wade propôs uma solução peculiar para a dificuldade: promover, através do CDP e, depois, da ONU, a promulgação de leis de eutanásia na maior quantidade possível de países. Mas nem ele tinha certeza de que o plano daria certo.

Dos sete membros permanentes do CDP, três logo aprovaram leis de eutanásia. Mas essas leis determinavam claramente que o procedimento só estaria disponível para pacientes com doenças em estágio terminal. Não era uma situação ideal para o Programa Escadaria, mas parecia o limite máximo do politicamente aceitável.

Portanto, os candidatos para o Programa Escadaria teriam que ser selecionados a partir da população de pessoas com doenças em estágio terminal.

Os estrondos poderosos e as luzes intensas no céu minguaram. O lançamento dos mísseis havia acabado. Wade e alguns outros observadores do CDP entraram em seus carros e foram embora, e só Vadimov e Cheng Xin ficaram para trás.

— Que tal darmos uma olhada na sua estrela? — disse ele.

Quatro dias antes, Cheng Xin havia recebido a escritura da DX3906. Ela ficou completamente surpresa e delirou de alegria. Passou um dia inteiro repetindo para si mesma: *alguém me deu uma estrela, alguém me deu uma estrela, alguém me deu uma estrela...*

Quando foi apresentar um relatório a Wade, sua felicidade era tão evidente que Wade perguntou qual era o problema. Ela mostrou a escritura.

— Um pedaço de papel inútil — disse ele, devolvendo-o para ela. — Se você for esperta, vai diminuir o preço e vender o mais rápido possível. Ou vai acabar sem nada.

Mas Cheng Xin não se deixou abalar pelo cinismo dele — já tinha imaginado o que Wade ia dizer. Ela sabia muito pouco sobre ele além do currículo: o serviço na CIA, o emprego como vice-secretário do Departamento de Segurança Doméstica, e terminava ali. Quanto à vida pessoal, com exceção do fato de que ele tinha mãe, e de que sua mãe tinha uma gata, ela nada sabia. Ninguém sabia. Ela nem sabia onde ele morava. Era como se Wade fosse uma máquina: quando não estava trabalhando, estava desligado em algum lugar desconhecido.

Ela não se conteve e contou sobre a estrela para Vadimov, que a felicitou com muito entusiasmo.

— Pessoas do mundo inteiro devem estar cheias de inveja — disse ele. — Incluindo todas as mulheres vivas e princesas mortas. Você com certeza é a primeira pessoa da história da humanidade a ganhar uma estrela.

Havia alguma felicidade maior do que ganhar uma estrela de alguém que a amava?

— Mas *quem* é ele? — murmurou Cheng Xin.

— Não deve ser muito difícil adivinhar. Em primeiro lugar, deve ser alguém rico. Ele acabou de gastar alguns milhões com um presente simbólico.

Cheng Xin balançou a cabeça. Ela já tivera muitos admiradores e pretendentes, mas nenhum era *tão* rico.

— Também é uma alma culta. Deve se destacar da multidão. — Vadimov suspirou. — E acabou de fazer um gesto romântico que eu acharia ridículo pra cacete se tivesse visto em um livro ou filme.

Cheng Xin também suspirou. Uma Cheng Xin muito mais jovem havia nutrido no passado fantasias coloridas que a Cheng Xin do presente acharia engraçadas. Porém, essa estrela de verdade que apareceu do nada superava em muito aqueles sonhos românticos.

Ela tinha certeza de que não conhecia nenhum homem assim.

Talvez fosse algum admirador secreto distante que decidiu, por impulso, usar uma pequena fração de sua imensa fortuna para satisfazer um capricho, a fim de atender algum desejo que ela jamais entenderia. Mesmo assim, Cheng Xin sentia-se grata.

Naquela noite, ela subiu até o topo do One World Trade Center, ansiosa para ver sua nova estrela. Havia estudado cuidadosamente o material que acompanhava a escritura e explicava o método para encontrá-la. Mas o céu de Nova York estava nublado. No dia seguinte, e no outro, também. As nuvens eram uma mão gigantesca que escondia seu presente para provocá-la. Mas Cheng Xin não ficou decepcionada; sabia que havia ganhado um presente que ninguém poderia lhe roubar. A DX3906 estava neste universo e talvez até durasse mais que a Terra e o Sol. Algum dia conseguiria vê-la.

Ela saiu para a varanda de seu apartamento à noite, olhando o céu e imaginando sua estrela. As luzes da cidade logo abaixo projetavam um brilho amarelo fraco naquela cobertura nublada, mas ela imaginou que sua estrela dava às nuvens uma luminosidade rosada.

Em seu sonho, ela voou sobre a superfície da estrela. Era uma esfera cor-de-rosa, mas, em vez de chamas abrasadoras, ela sentiu o frescor de uma brisa de primavera. Abaixo estava a água límpida de um oceano, e no fundo via o balanço de algas cor-de-rosa...

Quando acordou, ela riu de si mesma. Como profissional do ramo aeroespacial, nem nos sonhos ela conseguia esquecer que a DX3906 não tinha nenhum planeta.

No quarto dia depois de ganhar a estrela, Cheng Xin e alguns outros funcionários da AIE viajaram para Cabo Canaveral para participar da cerimônia de lançamento do primeiro lote de mísseis. Para entrar em órbita, seria preciso tirar proveito da rotação da Terra, e os ICBM haviam sido transferidos de suas bases originais para lá.

Os rastros produzidos pelos mísseis se dissiparam aos poucos sob aquele céu noturno límpido. Cheng Xin e Vadimov releram o guia de observação da estrela. Os dois tinham alguma formação em astronomia, e logo estavam olhando para a localização aproximada. Mas nenhum dos dois a encontrou.

Vadimov pegou dois pares de binóculos militares. Com eles, foi fácil ver a DX3906. Depois disso, eles conseguiram encontrar a estrela até sem binóculos. Cheng Xin fitou aquele pequeno ponto vermelho, hipnotizada, tentando compreender a distância inimaginável que a separava dela, tentando traduzir a distância em termos que pudessem ser assimilados pela mente humana.

— Se você pusesse meu cérebro na sonda do Programa Escadaria e em direção àquela estrela, ele levaria trinta mil anos para chegar lá.

Cheng Xin não ouviu nenhuma resposta. Quando se virou, viu que Vadimov não estava mais olhando para a estrela com ela; estava apoiado no carro, olhando para o nada. Ela percebeu a expressão angustiada em seu rosto.

— Qual é o problema?

Vadimov ficou em silêncio por um tempo.

— Eu tenho evitado minha obrigação.

— Do que você está falando?

— Sou o melhor candidato para o Programa Escadaria.

Após um instante de choque, Cheng Xin se deu conta de que Vadimov tinha razão: ele tinha muita experiência em engenharia espacial, diplomacia e espionagem, era equilibrado e maduro... Mesmo se eles pudessem ampliar o conjunto de candidatos para incluir indivíduos saudáveis, Vadimov continuaria sendo a melhor opção.

— Mas você está saudável.

— Sim. Mas ainda estou evitando minha responsabilidade.

— Alguém pressionou você? — Cheng Xin pensou em Wade.

— Não, mas eu sei o que preciso fazer; só não fiz. Eu me casei há três anos, e minha filha acabou de fazer o primeiro aniversário. Não tenho medo de morrer, mas minha família é importante para mim. Não quero que elas me vejam me transformar em algo pior do que um cadáver.

— Você *não* tem que fazer isso. A AIE e seu governo não exigiram isso de você, e não podem!

— Sim, mas eu queria lhe dizer... no fim, sou o melhor candidato.

— Mikhail, a humanidade não é só uma abstração. Para amar a humanidade, é preciso começar amando indivíduos, cumprindo nossa responsabilidade para com as pessoas que amamos. Seria absurdo você se sentir culpado por causa disso.

— Obrigado, Cheng Xin. Você merece seu presente. — Vadimov olhou para a estrela de Cheng Xin. — Eu adoraria poder dar uma estrela para minha esposa e minha filha.

Um ponto de luz intensa apareceu no céu, e outro. O brilho deles produzia sombras no solo. Estavam testando a propulsão por pulso nuclear no espaço.

O processo de seleção para o Programa Escadaria estava a todo o vapor, mas o esforço não influenciava diretamente o trabalho de Cheng Xin. Pediram-lhe que ela realizasse algumas tarefas básicas, como avaliar o conhecimento dos candidatos a respeito de engenharia espacial, um requisito fundamental. Como as opções eram limitadas a candidatos que padeciam de doenças terminais, era quase impossível encontrar alguém com a formação necessária. A AIE intensificou os esforços para identificar mais candidatos através de todos os canais disponíveis.

Em Nova York, Cheng Xin recebeu a visita de um colega dos tempos de faculdade. Acabaram conversando sobre o que havia acontecido com o resto da turma, e o amigo mencionou Yun Tianming. Hu Wen lhe contou que Tianming estava com câncer de pulmão em estágio terminal e não tinha muito tempo de vida. Na mesma hora, Cheng Xin entrou em contato com o chefe-assistente Yu para sugerir o nome de Tianming.

Cheng Xin se lembraria desse momento pelo resto da vida. E ela sempre precisaria admitir para si mesma que não chegara a pensar muito em Tianming como pessoa.

Ela tinha que voltar à China a trabalho. A pedido do chefe-assistente, já que havia sido colega de faculdade de Tianming, ela trataria da questão com Tianming em nome da AIE. Ela aceitou, ainda sem pensar muito na questão.

Depois de ouvir a história de Cheng Xin, Tianming se sentou devagar na cama. Cheng Xin pediu para ele se deitar, mas ele disse que gostaria de ficar um pouco sozinho.

Cheng Xin fechou a porta com delicadeza ao sair. Tianming começou a rir histericamente.

Que idiota de merda eu sou! Só porque lhe dei uma estrela como prova de amor, achei que ela me corresponderia? Achei que ela atravessaria o Pacífico para me salvar com suas lágrimas santas? Com que conto de fadas eu estava me iludindo?

Não, Cheng Xin viera lhe pedir para morrer.

Ele fez outra dedução lógica e riu ainda mais, até não conseguir respirar direito. Considerando o momento da chegada de Cheng Xin, ela não tinha como saber que ele já havia escolhido a eutanásia. Em outras palavras, se Tianming já não tivesse tomado essa decisão, ela tentaria convencê-lo a tomá-la. Talvez até o seduzisse, ou o pressionasse, até ele aceitar.

Eutanásia significa “boa morte”, mas não havia nada de bom no destino que ela planejava para ele.

Sua irmã o queria morto porque achava que era um desperdício de dinheiro. Tianming conseguia entender isso — e acreditava que ela realmente queria que ele morresse em paz. Já Cheng Xin queria que ele sofresse pela eternidade. Tianming morria de medo do espaço. Como todo mundo que estuda viagens espaciais, ele compreendia a natureza sinistra do espaço melhor do que o público em geral. O inferno não ficava na Terra, mas no céu.

Cheng Xin queria que um pedaço dele, o pedaço que continha sua alma, vagasse para sempre na escuridão daquele abismo frígido e infinito.

Na verdade, essa seria a melhor das hipóteses.

Se os trissolarianos realmente capturassem seu cérebro, como Cheng Xin desejava, o verdadeiro pesadelo começaria. Alienígenas que não tinham absolutamente nada em comum com a humanidade ligariam sensores em seu cérebro e fariam experimentos relacionados aos sentidos. O maior interesse deles seria a sensação de dor, claro, e depois ele passaria por fome, sede, açoitamento, queimaduras,

sufocação, choques elétricos, técnicas medievais de tortura, morte por mil cortes...

Mais tarde, vasculhariam sua memória para identificar quais formas de sofrimento ele mais temia. Descobririam uma técnica de tortura que ele tinha lido em um livro de história — primeiro, a vítima era açoitada até não restar sequer um centímetro de sua pele intacto; depois, o corpo da vítima era todo enrolado firmemente em gaze; e, quando a vítima parasse de sangrar, toda a gaze seria arrancada com força, reabrindo todas as feridas ao mesmo tempo — e então enviariam sinais para reproduzir essa tortura no cérebro dele. A vítima naquele livro de história não resistia muito tempo nessas condições, mas o cérebro de Tianming seria incapaz de morrer. O máximo que poderia acontecer era seu cérebro se paralisar em choque. Aos olhos dos trissolarianos, seria como se um computador travasse. Eles simplesmente reiniciariam o cérebro e fariam outra experiência, movidos pela curiosidade ou apenas pelo desejo de entretenimento...

Ele não teria como fugir. Sem mãos ou corpo, não teria condições de cometer suicídio. Seu cérebro pareceria uma bateria, recarregado repetidamente com dor.

Não haveria fim.

Ele urrou de tanto gargalhar.

Cheng Xin abriu a porta.

— Tianming, qual é o problema?

Ele abafou a risada e ficou imóvel como um cadáver.

— Tianming, em nome da Agência de Inteligência Estratégica do CDP-ONU, preciso perguntar se você estaria disposto a assumir sua responsabilidade como membro da raça humana e aceitar esta missão. A decisão é totalmente voluntária. Você tem o direito de recusar.

Ele encarou o rosto de Cheng Xin, sua expressão solene e ansiosa. Ela estava lutando pela humanidade, pela Terra... Mas o que havia de errado naquele cenário à sua volta? A luz do pôr do sol que entrava

pela janela batia na parede como uma poça de sangue; o carvalho solitário do lado de fora parecia um conjunto de braços esqueléticos se erguendo do túmulo...

Um ligeiro sorriso — agonizante, melancólico — surgiu nos cantos da boca de Yun Tianming. Gradualmente, o sorriso se expandiu para o resto do rosto.

— É claro que aceito — disse ele.

ERA DA CRISE, ANOS 5 A 7

PROGRAMA ESCADARIA

Mikhail Vadimov morreu. Quando atravessava o rio Harlem na I-95, seu carro bateu nas grades da ponte Alexander Hamilton e mergulhou nas águas abaixo. Demorou mais de um dia até conseguirem recuperar o veículo. Uma autópsia revelou que Vadimov sofria de leucemia; o acidente havia sido resultado de hemorragias retinianas.

Cheng Xin lamentou a morte de Vadimov, que havia cuidado dela como um irmão mais velho e a ajudara a se acostumar à vida em outro país. Ela sentia falta principalmente da generosidade dele. Embora Cheng Xin tivesse chamado atenção por sua inteligência e parecesse brilhar mais do que Vadimov — apesar de ser sua subordinada —, ele nunca demonstrara inveja. Sempre a incentivara a exibir sua genialidade em palcos cada vez maiores.

Na AIE, houve dois tipos de reações à morte de Vadimov. A maior parte do pessoal técnico, como Cheng Xin, ficou de luto pela perda do chefe. Já os especialistas em inteligência pareceram mais chateados porque o corpo de Vadimov não fora recuperado a tempo, de modo que seu cérebro não pôde ser usado.

Aos poucos, uma suspeita se formou na mente de Cheng Xin. Parecia muita coincidência. Ela teve calafrios quando a ideia lhe ocorreu pela primeira vez — era assustador demais, cruel demais, insuportável.

Ela consultou médicos especialistas e descobriu que era possível induzir leucemia intencionalmente. Bastava situar a vítima em um ambiente com quantidade suficiente de radiação. Mas acertar o tempo

e a dosagem não era nada trivial. Uma quantidade muito pequena não provocaria a doença a tempo, mas em excesso a vítima morreria pela radiação, e talvez o cérebro fosse danificado. Considerando o tempo, com base no estado adiantado da doença de Vadimov, o complô contra ele teria que ter começado mais ou menos na época em que o CDP começara a promover leis de eutanásia pelo mundo. Se houvesse algum assassino, a pessoa era extremamente habilidosa.

Cheng Xin vasculhou em segredo a sala e o apartamento de Vadimov com um contador Geiger, mas não encontrou nada incomum. Viu o retrato da família de Vadimov que ele mantinha debaixo do travesseiro: sua esposa era uma bailarina onze anos mais nova, e a filhinha deles... Cheng Xin enxugou os olhos.

Certa vez, Vadimov dissera a Cheng Xin que tinha a superstição de nunca deixar fotos de família em cima de mesas ou criados-mudos. Acreditava que elas correriam perigo. Mantinha as fotos escondidas, e só as pegava quando queria olhar para elas.

Sempre que Cheng Xin pensava em Vadimov, lembrava-se também de Yun Tianming. Tianming e outros seis candidatos haviam sido levados para uma base secreta perto da sede da AIE, para uma última bateria de testes, e depois um deles seria selecionado.

Desde que reencontrara Tianming na China, com o tempo Cheng Xin sentira o coração ficar cada vez mais pesado, e ela acabou entrando em depressão. Lembrou-se do dia em que eles se conheceram. Foi logo depois do começo do primeiro semestre na faculdade, quando todos os alunos de engenharia aeroespacial se alternaram para se apresentar. Ela viu Tianming sentado sozinho em um canto. Assim que o viu, ela imediatamente compreendeu a vulnerabilidade e solidão dele. Havia conhecido outros garotos isolados e solitários, mas nunca se sentira daquele jeito: como se tivesse invadido o coração dele e pudesse enxergar seus segredos.

Cheng Xin gostava de rapazes confiantes e otimistas, garotos que pareciam raios de sol, que aqueciam tanto a si mesmos quanto às suas companheiras. Tianming era exatamente o oposto. Mas ela sempre desejara cuidar dele. Em suas interações, ela era cuidadosa, cheia de medo de machucá-lo, mesmo que sem querer. Ela nunca agira de forma tão protetora com outros garotos.

Quando seu amigo viera a Nova York e o nome de Tianming fora mencionado, Cheng Xin descobriu que, embora o tivesse guardado em um canto remoto de sua memória, a imagem dele voltava com uma clareza surpreendente.

Uma noite, ela teve outro pesadelo. Estava de novo em sua estrela, mas as algas vermelhas tinham ficado pretas. E então a estrela implodiu e se tornou um buraco negro, um vazio sem luz no universo. Em volta do buraco negro deslocava-se um pequeno objeto brilhante. Capturado pela gravidade, o objeto jamais conseguiria escapar: era um cérebro congelado.

Cheng Xin acordou e olhou para as luzes de Nova York refletidas em sua cortina. Ela compreendeu o que havia feito.

De um lado, ela apenas transmitira o pedido da AIE; ele podia ter se recusado. Ela o recomendara porque estava tentando proteger a Terra e a civilização humana, e a vida dele estava quase no fim — se ela não tivesse chegado a tempo, ele teria morrido. De certa forma, ela o salvara!

Não havia nada do que se envergonhar, nada que devesse perturbar sua consciência.

Mas ela também compreendeu que era assim que alguém vendia a mãe para um puteiro.

Cheng Xin pensou em hibernação. A tecnologia havia amadurecido a ponto de algumas pessoas — principalmente gente com doenças terminais em busca de uma cura no futuro — já terem mergulhado no longo sono. Tianming tinha uma chance. Considerando seu status

social, ele dificilmente teria condições de pagar pela hibernação, mas Cheng Xin poderia ajudá-lo. Era uma possibilidade, uma oportunidade da qual ela o privara.

No dia seguinte, Cheng Xin foi falar com Wade.

Como sempre, Wade encarava o charuto aceso em sua sala. Ela raramente o via realizar as atividades associadas a uma administração convencional: telefonemas, documentos, reuniões etc. Não sabia se Wade chegava a fazer essas coisas em algum momento. Só o via sentado, perdido em pensamentos, sempre perdido em pensamentos.

Cheng Xin explicou que achava o Candidato 5 inadequado. Ela queria retirar sua recomendação e pedir que o homem fosse desconsiderado.

— Por quê? Os resultados dele nos testes foram os melhores.

O comentário de Wade atordoou Cheng Xin e lançou um calafrio por seu coração. Um dos primeiros testes realizados foi submeter cada candidato a uma forma especial de anestesia geral que fazia a pessoa perder sensibilidade em todas as partes do corpo e nos órgãos sensoriais, mas permanecer consciente. A intenção do experimento era simular as circunstâncias de um cérebro que existe fora do corpo. Depois, os examinadores avaliaram a capacidade psicológica do indivíduo de se adaptar a condições alienígenas. Claro que, como os idealizadores do teste não sabiam nada das condições na Frota Trissolariana, a simulação consistiu em uma série de palpites. De modo geral, o teste foi bastante agressivo.

— Mas ele só tem diploma de graduação — disse Cheng Xin.

— Com certeza, você tem mais diplomas — disse Wade. — Mas, se usássemos seu cérebro para esta missão, sem dúvida seria um dos piores cérebros que poderíamos ter escolhido.

— Ele é solitário! Nunca vi ninguém tão retraído. Ele não tem muita capacidade de se ajustar e se adaptar às condições à sua volta.

— Essa é justamente a melhor qualidade do Candidato 5! Você está falando da sociedade humana. Alguém que se sente à vontade nesse ambiente também aprendeu a contar com ele. Uma vez que essa pessoa seja isolada do resto da humanidade e se veja em um ambiente estranho, é muito provável que sofra um colapso fatal. Você é um exemplo perfeito do que estou falando.

Cheng Xin precisava admitir que a lógica de Wade era sólida. Ela provavelmente sofreria um colapso já na simulação.

Ela sabia muito bem que não tinha influência para convencer o chefe da AIE a abdicar de um candidato ao Programa Escadaria. Mas não queria desistir. Criou coragem. Diria o que fosse necessário para salvar Tianming.

— Ele não possui nenhum vínculo significativo na vida. Não tem nenhum senso de responsabilidade para com a raça humana, nem amor.

Ao dizer isso, Cheng Xin se perguntou se era verdade.

— Ah, ele definitivamente tem um vínculo com algo na Terra.

O olhar de Wade continuou no charuto, mas Cheng Xin sentiu a atenção dele se deslocar da ponta acesa para ela, levando consigo um pouco do calor da chama. Para seu alívio, Wade mudou de assunto de repente.

— Outra qualidade excelente do Candidato 5 é a criatividade. Isso compensa a falta de conhecimento técnico. Você sabia que, graças a uma ideia dele, um de seus colegas da faculdade ficou bilionário?

Cheng Xin realmente vira isso na ficha de Tianming — então ela conhecia mesmo alguém muito rico, afinal de contas. Mas ela duvidava que Hu Wen tivesse lhe dado a estrela. A ideia era ridícula. Se ele gostasse dela, teria comprado um carro caro ou um colar de diamantes, não uma estrela.

— Eu estava começando a achar que nenhum dos candidatos chegava perto de ser adequado e estava ficando sem ideias. Mas você

reafirmou minha fé no número 5. Obrigado.

Wade finalmente ergueu os olhos para fitar Cheng Xin com aquele sorriso frio e predatório. Como antes, ele parecia sentir prazer com o desespero e a dor dela.

Mas Cheng Xin não perdeu toda a esperança.

Ela compareceu à Cerimônia de Juramento de Lealdade para os candidatos do Programa Escadaria. Em conformidade com o Tratado do Espaço, incluindo a emenda pós-Crise, qualquer indivíduo que usasse recursos da Terra para sair do Sistema Solar para fins de desenvolvimento econômico, emigração, pesquisa científica ou outros propósitos deveria antes prestar um juramento de lealdade para com a raça humana. Todos tinham imaginado que tal disposição só seria usada no futuro distante.

A cerimônia aconteceu no Salão da Assembleia Geral da ONU. Ao contrário da sessão que anunciou o Projeto Barreiras alguns meses antes, essa cerimônia não foi aberta ao público. Além dos sete candidatos do Programa Escadaria, os únicos presentes foram a secretária-geral Say, o presidente rotativo do CDP e alguns observadores — incluindo Cheng Xin e outros membros da AIE empenhados no Programa Escadaria —, que ocuparam os assentos das duas primeiras filas.

A cerimônia não demorou muito. Cada candidato se alternou colocando a mão na bandeira da ONU que a secretária-geral Say segurava e recitando o juramento exigido de ser “leal à raça humana para sempre e nunca realizar qualquer ato que prejudique o bem-estar da humanidade”.

Havia quatro candidatos enfileirados antes de Yun Tianming — dois americanos, um russo e um inglês —, e outros dois estavam atrás dele: mais uma americana e um chinês. Todos os candidatos pareciam

doentes, e dois tinham que usar cadeira de rodas. Mas eles pareciam animados — semelhantes a lamparinas que produzem uma última labareda antes de consumir as gotas finais de querosene.

Cheng Xin olhou para Tianming. Ele parecia ainda mais magro e pálido em relação à última vez em que o vira, mas muito calmo. Ele não olhou na direção dela.

O juramento dos quatro primeiros candidatos ocorreu sem problemas. Um dos americanos, um físico de cinquenta e poucos anos com câncer de pâncreas, se esforçou para se levantar da cadeira de rodas e subiu ao pódio sozinho. A voz dos candidatos ecoou pelo salão vazio, fraca, mas cheia de dedicação. A única interrupção na rotina foi quando o inglês perguntou se teria permissão para prestar o juramento sobre a Bíblia. O pedido foi concedido.

Chegou a vez de Tianming. Embora Cheng Xin fosse ateia, naquele momento ela quis poder pegar a Bíblia do homem e rezar: *Tianming, por favor, preste o juramento, por favor! Eu sei que você é um homem responsável. Você será fiel à raça humana. Como Wade falou, existem coisas aqui que você não suportaria abandonar...*

Ela viu Tianming subir no tablado, viu-o andar até a secretária-geral Say e, então, fechou os olhos com força.

Não o ouviu repetir o juramento.

Tianming pegou a bandeira azul da ONU de Say e a pendurou de leve no púlpito ao seu lado.

— Não prestarei o juramento. Neste mundo, eu me sinto um estranho. Nunca vivi muita alegria ou felicidade, e não recebi muito amor. Claro, tudo isso pode ser atribuído aos meus defeitos...

Seu tom de voz era plácido, como se ele estivesse revendo a própria vida. Cheng Xin, sentada logo abaixo do tablado, começou a tremer como se aguardasse um julgamento apocalíptico.

— ... mas não prestarei esse juramento. Não afirmo responsabilidade alguma para com a raça humana.

— Então por que o senhor aceitou participar do Programa Escadaria? — perguntou Say. Sua voz era gentil, assim como os olhos que fitavam Tianming.

— Quero ver outro mundo. Quanto a se serei fiel à humanidade, vai depender do tipo de civilização que verei em meio aos trissolarianos.

Say assentiu.

— Seu juramento é totalmente voluntário. O senhor pode passar. Próximo candidato, por favor.

O corpo de Cheng Xin sacudia como se ela tivesse caído em um poço de gelo. Ela mordeu o lábio inferior e se obrigou a não chorar.

Tianming havia passado no último teste.

Wade, sentado na primeira fila, virou-se para olhar para Cheng Xin. Ele se deliciou com ainda mais desespero e dor. Seus olhos pareceram falar com ela.

Agora você entende como ele é.

Mas... e se ele estiver falando a verdade?

Se até nós acreditamos nele, o inimigo também acreditará.

Wade se virou de novo para o pódio, mas logo pareceu se lembrar de algo crucial e olhou de novo para Cheng Xin.

Este jogo é divertido, não é?

A recusa inesperada de Tianming pareceu transformar o clima dentro do salão. A última candidata, uma engenheira americana da Nasa que se chamava Joyner, soropositiva de quarenta e três anos, também se recusou a prestar o juramento. Ela explicou que não queria estar ali, mas se sentira obrigada a ir porque acreditava que, se negasse, seus amigos e familiares a desprezariam e a abandonariam para morrer sozinha. Ninguém sabia se ela estava falando a verdade ou se Tianming a inspirara.

Na noite seguinte, a condição de Joyner se deteriorou de repente. Devido a uma infecção que evoluiu para uma pneumonia, ela parou de respirar e morreu antes do amanhecer. A equipe médica não teve

tempo de remover seu cérebro para o congelamento, e ele não pôde ser usado.

Tianming foi escolhido para a missão do Programa Escadaria.

O momento havia chegado. Cheng Xin foi informada de que a condição de Tianming havia se deteriorado de repente. Eles precisavam remover seu cérebro. O procedimento seria realizado no Westchester Medical Center.

Cheng Xin hesitou diante do hospital. Não se atrevia a entrar, mas não era capaz de ir embora. Só podia sofrer. Wade, que estava lá com ela, prosseguiu sozinho até a entrada do hospital. Ele parou, virou-se e admirou sua dor. Então, satisfeito, deu o golpe final.

— Ah, tenho outra surpresa para você: ele te deu a estrela.

Cheng Xin ficou paralisada. Tudo pareceu se transformar à sua volta. O que ela havia visto antes eram apenas sombras; só agora as cores verdadeiras da vida se revelavam. A onda de emoções a fez tropeçar, como se o chão tivesse desaparecido.

Ela correu para dentro do hospital e disparou pelo labirinto de longos corredores até que dois guardas diante da área de neurocirurgia a impediram de passar. Ela tentou abrir caminho à força, mas eles resistiram. Então ela procurou sua identificação, mostrou-a e prosseguiu em sua corrida desabalada rumo à sala de cirurgia. A multidão do lado de fora, surpresa, deixou-a passar. Ela abriu de repente as portas sob as luzes vermelhas acesas.

Era tarde demais.

Um grupo de homens e mulheres de jaleco branco se virou. O corpo já havia sido removido. No centro do cômodo havia uma bancada onde repousava um recipiente cilíndrico isolante de aço inoxidável, com cerca de um metro de altura. Acabara de ser lacrado, e a fumaça branca escorria pela superfície do recipiente, derramava-se pela

bancada, caía pela borda como uma minicascata e se acumulava no chão, de onde finalmente se dispersava. No meio da fumaça, o recipiente parecia alienígena.

Cheng Xin se jogou na bancada. Seu gesto perturbou a fumaça branca, e ela se sentiu envolvida por um bolsão de ar frio que se dissipou em instantes. Era como se tivesse tocado por um breve momento aquilo que estava procurando e então o perdesse para outro tempo, outro lugar, para sempre.

Prostrada diante do recipiente de hélio líquido, Cheng Xin soluçou. Sua tristeza preencheu a sala de cirurgia, transbordou do edifício do hospital, inundou Nova York. Acima dela, a tristeza se tornou um lago, e depois um oceano. Por baixo, ela se sentia prestes a se afogar.

Não sabia quanto tempo tinha se passado quando sentiu a mão tocar seu ombro. Talvez a mão estivesse ali havia muito tempo, e talvez o dono da mão também estivesse falando havia muito tempo.

— Há esperança. — Foi a voz de um homem idoso, lenta e gentil. — Há esperança.

Ainda sacudida pelos soluços, Cheng Xin não conseguia respirar. Mas o que a voz disse em seguida chamou sua atenção.

— Pense! Se eles conseguirem reviver aquele cérebro, qual seria o recipiente ideal para abrigá-lo?

A voz não ofereceu clichês vazios, e sim uma ideia concreta.

Ela levantou a cabeça e, através dos olhos cheios de lágrimas, reconheceu o idoso de cabelos brancos: o neurocirurgião mais renomado do mundo, associado à Faculdade de Medicina de Harvard. Ele havia sido o cirurgião-chefe durante o procedimento.

— Seria o corpo que abrigara o cérebro desde sempre. Cada célula daquele cérebro contém todas as informações genéticas necessárias para reconstruir o corpo dele. Poderiam cloná-lo e implantar o cérebro, e, assim, ele voltaria a ser uma pessoa completa.

Cheng Xin olhou para o recipiente de aço inoxidável. Lágrimas corriam por seu rosto, mas ela não se importava. E então ela se recuperou e surpreendeu todo mundo:

— O que ele vai comer?

Ela saiu correndo da sala, com a mesma pressa com que havia chegado.

No dia seguinte, Cheng Xin voltou à sala de Wade e depositou um envelope em sua mesa. Ela parecia tão pálida quanto alguns dos pacientes em estágio terminal.

— Solicito que estas sementes sejam incluídas na cápsula do Programa Escadaria.

Wade abriu o envelope e esvaziou o conteúdo em cima da mesa: mais de uma dúzia de pacotes pequenos. Ele os espalhou com interesse:

— Trigo, milho, batatas, e estes são... algumas hortaliças, não é? Hum, isto é pimenta-malagueta?

Cheng Xin assentiu.

— Uma das preferidas dele.

Wade recolocou todos os pacotes dentro do envelope e o empurrou na mesa.

— Não.

— Por quê? Eles pesam só dezoito gramas ao todo.

— Precisamos nos esforçar para eliminar até mesmo 0,18 grama de massa excedente.

— É só fingir que o cérebro dele pesa dezoito gramas a mais!

— Mas *não* pesa, não é? Esse acréscimo ao peso resultaria em uma velocidade de cruzeiro final menor para a sonda espacial e atrasaria o encontro com a Frota Trissolariana em muitos anos. — Aquele sorriso frio apareceu de novo no rosto de Wade. — Além do mais, ele é só um cérebro agora... não tem boca, não tem estômago. Para que isso

serviria? Não acredite naquele conto de fadas de clonagem. Eles vão só colocar o cérebro dentro de uma bela incubadora e o manterão vivo.

Cheng Xin teve vontade de arrancar o charuto da mão de Wade e apagá-lo no rosto dele. Mas se conteve.

— Vou passar por cima de você e fazer a solicitação com alguém que tenha mais autoridade.

— Não vai adiantar. E aí?

— Aí, vou pedir demissão.

— Não vou permitir. Você ainda tem utilidade para a AIE.

Cheng Xin riu com desgosto.

— Você não pode me impedir. Nunca foi meu chefe de verdade.

— Você não vai fazer nada que eu não permita.

Cheng Xin se virou e começou a se afastar.

— O Programa Escadaria precisa enviar ao futuro alguém que conheça Yun Tianming.

Cheng Xin parou.

— No entanto, essa pessoa precisa fazer parte da AIE e estar sob meu comando. Você se interessa? Ou quer entregar a carta de demissão agora?

Cheng Xin continuou andando, mas seu passo ficou mais lento. Por fim, ela parou pela segunda vez. A voz de Wade soou de novo.

— É melhor você ter certeza da sua decisão agora.

— Aceito ir para o futuro — disse Cheng Xin. Ela se apoiou no batente da porta para se equilibrar. Não se virou.

A única chance que Cheng Xin teve de ver a cápsula do Programa Escadaria foi quando a vela de radiação se desdobrou em órbita. A vela gigantesca, com vinte e cinco quilômetros quadrados de área, refletiu por um instante a luz do sol na Terra. Cheng Xin já estava em Shanghai e viu um ponto luminoso vermelho-alaranjado aparecer no breu do céu

e desvanecer gradualmente. Cinco minutos depois, já não estava lá, como um olho que se materializou do nada para observar a Terra e depois, lentamente, fechou a pálpebra. A jornada da embarcação em sua aceleração para fora do Sistema Solar não seria visível a olho nu.

Cheng Xin se consolou com o fato de que as sementes foram junto com Tianming — não bem as sementes dela, mas sementes selecionadas cuidadosamente pelo departamento de agricultura espacial.

A vela gigante tinha 9,3 quilos de massa. Quatro cabos de quinhentos quilômetros a ligavam à cápsula espacial, cujo diâmetro era de apenas quarenta e cinco centímetros. Uma camada de material ablativo recobria a cápsula, e a massa total no lançamento era de oitocentos e cinquenta gramas. Após a fase de aceleração, a massa da cápsula seria reduzida a quinhentos e dez gramas.

A fase de aceleração se estendia desde a Terra até a órbita de Júpiter. O total de mil e quatro bombas nucleares estava distribuído ao longo da rota, do qual dois terços eram bombas de fissão, e as demais, de fusão. Eram como uma fileira de minas que seriam acionadas pela cápsula em sua passagem. Diversas sondas também estavam distribuídas na mesma rota para monitorar a direção e a velocidade da cápsula e coordenar pequenos ajustes às posições das bombas remanescentes. Como os batimentos de um coração, as detonações nucleares consecutivas iluminavam o espaço atrás da vela com intensos clarões, e uma tempestade de radiação impulsionava essa pluma adiante. Quando a cápsula se aproximou da órbita de Júpiter e a 997ª bomba nuclear explodiu, sondas de monitoramento demonstraram que ela havia alcançado um por cento da velocidade da luz.

Foi nesse momento que aconteceu o acidente. A análise do espectro de frequência da luz refletida pela vela de radiação mostrou que a vela havia começado a se embolar, talvez devido ao rompimento de um dos cabos. No entanto, a 998ª bomba explodiu antes que fosse possível fazer

ajustes, e a cápsula se desviou da rota prevista. À medida que a vela continuava a se embolar, sua imagem de radar minguou depressa, e ela desapareceu do sistema de monitoramento. Sem parâmetros precisos de sua trajetória, ela jamais voltaria a ser encontrada.

Com o tempo, a trajetória se desviaria cada vez mais da projeção. A esperança de que interceptasse a Frota Trissolariana diminuiu. Com base na última estimativa de direção, ela passaria por outra estrela depois de seis mil anos e sairia da Via Láctea em cinco milhões de anos.

Pelo menos o Programa Escadaria foi um sucesso parcial. Pela primeira vez, um objeto produzido pela humanidade havia sido acelerado a uma velocidade quase relativística.

Já não havia motivo para enviar Cheng Xin ao futuro, mas a AIE mesmo assim pediu que ela entrasse em animação suspensa. Sua missão agora seria agir como oficial de ligação junto ao Programa Escadaria do futuro. Se a intenção era que essa iniciativa pioneira ajudasse os esforços de engenharia aeroespacial da humanidade dali a dois séculos, era preciso que alguém com uma compreensão profunda do projeto estivesse presente para explicar os dados mortos e interpretar os documentos mudos. É claro que talvez ela só tenha sido enviada por vaidade, por um desejo de que o Programa Escadaria não fosse esquecido. Outros grandes projetos contemporâneos de engenharia haviam feito esforços semelhantes para enviar agentes ao futuro por motivos semelhantes.

Se o futuro desejasse julgar nossos esforços, então pelo menos agora era possível enviar alguém para explicar os equívocos que a passagem do tempo produzia.

Conforme a consciência de Cheng Xin se dissipava no frio, ela se aferrou a um raio consolador: como Tianming, ela flutuaria à deriva durante séculos por um abismo infinito.

PARTE II

ERA DA DISSUASÃO, ANO 12

ERA DE BRONZE

Agora era possível ver a Terra a olho nu pela janela da *Era de Bronze*. À medida que a nave desacelerava, quem não estava a serviço veio ao espaço aberto da popa para observar a Terra pelas escotilhas largas.

Àquela distância, a Terra ainda parecia uma estrela, mas era possível ver um tom sutil de azul na luz. A última fase da desaceleração havia começado, e, quando o motor estelar foi ativado, a tripulação, que estivera flutuando em gravidade zero, pairou na direção das escotilhas como folhas caindo no outono, até enfim pousarem nas largas chapas de vidro. A gravidade artificial gerada pela desaceleração aumentou aos poucos até alcançar 1 G. As escotilhas agora eram o chão, e as pessoas deitadas sentiam o peso como se fosse o abraço da Mãe Terra diante delas. A alegria ecoava pela câmara.

— Chegamos em casa!

— Você acredita?

— Vou ver meus filhos de novo.

— Vamos poder ter filhos!

Quando a *Era de Bronze* saiu do Sistema Solar, a lei determinara que só poderia nascer alguém a bordo se outra pessoa morresse.

— Ela disse que me esperaria.

— Se você ainda quiser ela! Você agora é um herói da raça humana; vai ser perseguido por um bando de mulheres bonitas.

— Ah, eu não vejo bandos de garotas há séculos!

— Não parece que tudo o que vivemos foi um sonho?

- Sinto que estou sonhando agora.
- Eu morro de pavor do espaço.
- Eu também. Vou me aposentar assim que chegarmos. Vou comprar uma fazenda e passar o resto da vida em terra firme.

Fazia catorze anos desde a destruição completa da frota combinada da Terra. Os sobreviventes, após batalhas de escuridão devastadoras, interromperam todo contato com o planeta natal. No entanto, um ano e meio depois, a *Era de Bronze* continuava a receber transmissões da Terra, principalmente comunicações de rádio da superfície, assim como algumas transmissões destinadas ao espaço.

E então, no começo de novembro do ano 208 da Era da Crise, todas as transmissões de rádio da Terra cessaram. Todas as frequências se calaram, como se a Terra fosse uma lâmpada que tivesse se apagado de repente.

TRECHO EXTRAÍDO DE *UM PASSADO ALÉM DO TEMPO*

NICTOILOFOBIA

Quando a humanidade enfim descobriu que o universo era uma floresta sombria onde todos caçavam uns aos outros, a criança que antigamente gritava junto à fogueira em busca de contato apagou o fogo e ficou tremendo na escuridão. Até uma faísca a apavorava.

Nos primeiros dias, mesmo telefones celulares foram proibidos, e as antenas do mundo inteiro foram desativadas compulsoriamente. Essa decisão, que em outros tempos teria causado revolta nas ruas, obteve amplo apoio popular.

Aos poucos, conforme a razão se restabelecia, também se restabeleceram as redes móveis, mas com rigorosas restrições à emissão de radiação eletromagnética. Todas as comunicações via rádio tinham que operar em potência mínima, e qualquer infrator corria o risco de ser julgado por crimes contra a humanidade.

Obviamente, a maioria das pessoas compreendeu que essas reações eram excessivas e insignificantes. O ápice da projeção de sinais eletromagnéticos da Terra ao espaço havia ocorrido durante a era dos sinais analógicos, quando as torres de transmissão de rádio e televisão operavam com alta potência. Mas, com a difusão das comunicações digitais, as transmissões eram feitas via cabos e fibra óptica, e até as transmissões de rádio para sinais digitais demandavam muito menos potência do que antes. O volume de radiação eletromagnética que saía

do planeta para o espaço havia se reduzido tanto que alguns cientistas da era pré-Crise receavam que a Terra jamais fosse encontrada por alienígenas amigáveis.

Além disso, ondas eletromagnéticas são o método mais primitivo e menos eficiente do universo para transmitir informações. Ondas de rádio se atenuam e se degradam rapidamente na vastidão do espaço, e a maior parte dos sinais eletromagnéticos que saía da Terra não poderia ser recebida além de dois anos-luz de distância.

Somente algo como a transmissão de Ye Wenjie, que dependia da força do Sol para servir de antena, poderia ser captado por ouvidos nas estrelas.

À medida que a tecnologia humana evoluiu, dois métodos muito mais eficientes de sinalização se desenvolveram: neutrinos e ondas gravitacionais. Este segundo foi o principal método de dissuasão que a humanidade viria a empregar contra Trissolaris.

A teoria da floresta sombria exerceu profundo impacto na civilização humana. Aquela criança sentada junto às cinzas da fogueira deu as costas ao otimismo e se voltou para o isolamento e a paranoia, uma eremita no universo.

ERA DA DISSUASÃO, ANO 12

ERA DE BRONZE

A maior parte da tripulação da *Era de Bronze* atribuiu a interrupção súbita de sinais da Terra à conquista absoluta do Sistema Solar por Trissolaris. A nave acelerou e se dirigiu para uma estrela com planetas terrestres a vinte e seis anos-luz de distância.

Mas, dez dias depois, a *Era de Bronze* recebeu uma transmissão por rádio do Comando da Frota. A transmissão havia sido enviada ao mesmo tempo para a *Era de Bronze* e para a *Espaço Azul*, que estava na outra extremidade do Sistema Solar. Ela ofereceu um breve relato do que havia acontecido na Terra e os informou da criação bem-sucedida de um sistema de dissuasão como defesa contra Trissolaris. As duas naves receberam ordens de voltar à Terra imediatamente. A Terra correria um grande risco para enviar a mensagem às naves perdidas; ela não seria reenviada.

A princípio, a *Era de Bronze* se recusou a acreditar na mensagem — não era possível que fosse uma armadilha criada pelos conquistadores do Sistema Solar? A nave parou de acelerar e enviou repetidos pedidos de confirmação à Terra. O planeta se manteve em silêncio, e não houve resposta.

Quando a *Era de Bronze* estava prestes a retomar a aceleração para longe de casa, aconteceu o inimaginável: um sófon se abriu em poucas dimensões na nave, estabelecendo um canal de comunicação quântica com a Terra. A tripulação finalmente recebeu a confirmação de tudo o que havia acontecido.

Os tripulantes descobriram que, estando entre os únicos sobreviventes do holocausto sofrido pelas forças espaciais conjuntas da Terra, eram heróis da humanidade. O mundo inteiro aguardava seu retorno com palpitante ansiedade. O Comando da Frota concedeu a todos os tripulantes as maiores honras militares.

A *Era de Bronze* começou a viagem de volta. A nave se encontrava no espaço sideral, a cerca de vinte e três unidades astronômicas da Terra, muito além do Cinturão de Kuiper, mas ainda longe da Nuvem de Oort. Como navegava quase à velocidade máxima, a desaceleração consumiu a maior parte de seu combustível de fusão. A viagem de volta teve que ser feita a uma velocidade de cruzeiro baixa e levou onze anos.

Quando finalmente se aproximaram da Terra, um pequeno ponto branco surgiu diante deles e logo cresceu. Era *Gravidade*, a nave que havia sido enviada para receber a *Era de Bronze*.

A *Gravidade* foi a primeira belonave estelar construída após a Batalha do Fim dos Tempos. As naves espaciais da Era da Dissuasão já não eram mais construídas ao longo de uma estrutura básica fixa. A maioria das embarcações de grande porte era composta por diversos módulos que podiam ser dispostos em uma variedade de configurações. Mas a *Gravidade* era uma exceção. Parecia um cilindro branco, tão regular que tinha uma aparência irreal, como se fosse uma forma geométrica básica lançada ao espaço por um programa de criação de modelos matemáticos, mais um ideal platônico que uma realidade.

Se a tripulação da *Era de Bronze* tivesse visto as antenas de ondas gravitacionais na Terra, teria reconhecido a *Gravidade* como uma réplica quase perfeita. Na verdade, todo o casco da nave era uma grande antena de ondas gravitacionais. Como suas irmãs gêmeas na superfície da Terra, a belonave era capaz de transmitir instantaneamente mensagens por ondas gravitacionais a todos os cantos do universo. Essas antenas de ondas gravitacionais na Terra e

no espaço integravam o sistema de dissuasão por floresta sombria da humanidade contra Trissolaris.

Depois de mais um dia de aproximação, a *Era de Bronze*, acompanhada pela *Gravidade*, entrou em órbita geossíncrona e flutuou lentamente até o espaçoporto orbital. A tripulação da *Era de Bronze* via uma multidão reunida no amplo setor de hábitat do espaçoporto, como se fosse a cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos ou a aglomeração de hadjis em Meca. A nave pairou através de uma nevasca colorida de buquês. Os tripulantes procuraram seus entes queridos na multidão. Todos pareciam estar com os olhos cheios de lágrimas, gritando de alegria.

Com um último tremor, a *Era de Bronze* parou completamente. O comandante transmitiu um relatório de situação ao Comando da Frota e declarou sua intenção de deixar um efetivo reduzido na nave. O Comando da Frota respondeu que a prioridade era reunir rapidamente todos os tripulantes às suas famílias. Não seria necessário deixar ninguém na nave. Outro comandante da frota embarcou com uma pequena equipe de serviço, que cumprimentou a todos com abraços comovidos.

Não dava para saber, pelo uniforme da equipe de serviço, a qual das três frotas espaciais o grupo pertencia, mas eles explicaram aos tripulantes que a nova Frota do Sistema Solar era uma só força unificada, e que todos os que haviam tomado parte na Batalha do Fim dos Tempos — incluindo os homens e as mulheres na *Era de Bronze* — teriam funções importantes na nova frota.

— Em nossa geração, vamos conquistar Trissolaris e abrir um segundo sistema solar para a humanidade colonizar! — disse o comandante da frota.

Algumas pessoas responderam que achavam o espaço assustador demais e que preferiam ficar na Terra. O comandante da frota disse que era perfeitamente aceitável. Como eram heróis da humanidade,

eles teriam a liberdade de escolher o caminho que desejassem. No entanto, depois de descansar um pouco, talvez mudassem de ideia. Ele, pelo menos, tinha esperança de ver aquela famosa nave em ação outra vez.

A tripulação da *Era de Bronze* começou a desembarcar. Eles entraram na região habitável do espaçoporto por um longo túnel. O espaço sideral se abria ao redor da tripulação. Em contraste com o ar da nave, o dali tinha um aroma fresco e adocicado, como o ar depois de uma tempestade. Diante do globo azul rotatório que era a Terra, os gritos alegres de boas-vindas da multidão encheram a área ampla.

A pedido do comandante da frota, o comandante da *Era de Bronze* realizou uma chamada. Por insistência do comandante da frota, tiveram que a repetir para confirmar que todos os tripulantes haviam desembarcado e se encontravam presentes.

E depois, silêncio.

Embora a multidão festiva continuasse dançando e acenando, não faziam nenhum barulho. A única voz que todos da *Era de Bronze* ouviram foi a do comandante da frota. Seu rosto exibia um sorriso gentil, mas, naquele silêncio sinistro, sua voz pareceu afiada como a lâmina de uma espada.

— Neste momento informo que vocês foram expulsos das forças armadas e não são mais membros da Frota do Sistema Solar. Mas a mácula que vocês impuseram à frota jamais será desfeita! Nunca mais verão seus familiares, porque eles não têm a menor vontade de vê-los. Seus pais têm vergonha, e a maioria de seus cônjuges já se divorciou de vocês há muito tempo. Embora seus filhos não tenham sido discriminados pela sociedade, na última década eles cresceram sob a sombra de sua desgraça. Eles os desprezam! Vocês agora serão transferidos ao sistema judiciário da Frota Internacional.

O comandante da frota saiu com sua equipe. No mesmo instante, a multidão festiva desapareceu e deu lugar à escuridão. Alguns holofotes

flutuantes revelaram que a tripulação da *Era de Bronze* estava cercada por fileiras de soldados armados. Posicionados em plataformas em volta da praça ampla, eles apontavam as armas para a tripulação.

Alguns tripulantes se viraram e viram que os buquês de flores que flutuavam em volta da nave eram reais, não imagens holográficas. Mas agora faziam a *Era de Bronze* parecer um caixão gigantesco prestes a ser sepultado.

A energia foi interrompida nas botas magnéticas dos tripulantes, e eles flutuaram em queda livre, como alvos indefesos em um estande de tiro.

Uma voz fria saiu de algum lugar.

— Todos os tripulantes armados devem entregar suas armas imediatamente. Se não colaborarem, não seremos capazes de garantir sua segurança. Vocês estão presos por homicídio doloso e crimes contra a humanidade.

ERA DA DISSUASÃO, ANO 13

JULGAMENTO

O caso da *Era de Bronze* foi julgado por uma corte marcial da Frota do Sistema Solar. Embora as principais bases da Frota Internacional estivessem perto da órbita de Marte, no cinturão de asteroides e na órbita de Júpiter, o interesse da Terra Internacional era tão intenso que o julgamento foi conduzido na base da frota em órbita geossíncrona.

Em deferência aos diversos observadores da Terra, a base girava para produzir gravidade artificial. Do lado de fora das amplas janelas do tribunal se sucediam a Terra azul, o Sol luminoso e o brilho prateado das estrelas, uma metáfora cósmica da disputa de valores. O julgamento durou um mês sob essa alternância de luz e sombra. Trechos de sua transcrição seguem abaixo.

Neil Scott, sexo masculino, 45, capitão de mar e guerra, comandante da *Era de Bronze*

JUIZ: Vamos voltar às circunstâncias que antecederam a decisão de atacar a *Quantum*.

SCOTT: Repito: o ataque foi decisão minha, e eu dei a ordem. Não a discuti antes com nenhum outro oficial a bordo da *Era de Bronze*.

JUIZ: Você vem tentando repetidamente assumir toda a responsabilidade. No entanto, essa não é uma opção sensata, nem para você nem para quem você está tentando proteger.

ACUSAÇÃO: Já confirmamos que foi realizada uma votação entre todos os tripulantes antes do ataque.

SCOTT: Como expliquei, dos 1775 tripulantes, apenas cinquenta e nove foram a favor do ataque. A votação não serviu de motivação nem base para minha decisão de atacar.

JUIZ: Você pode apresentar uma lista com esses cinquenta e nove nomes?

SCOTT: A votação foi realizada de forma anônima pela rede interna da nave. Vocês podem examinar os diários de bordo e batalha para confirmar.

ACUSAÇÃO: Mais mentiras. Temos muitas provas de que a votação não foi anônima. Além disso, o resultado diverge completamente da sua descrição. Você falsificou os diários depois.

JUIZ: Precisamos que você apresente o registro verdadeiro da votação.

SCOTT: Não tenho o que vocês querem. O resultado que descrevi é a verdade.

JUIZ: Lembre-se, sr. Neil Scott, de que, se continuar obstruindo a investigação deste tribunal, vai prejudicar os membros inocentes de sua tripulação. Alguns tripulantes de fato votaram contra o ataque, mas, sem as provas que apenas você pode apresentar, não temos condições de exonerá-los e seremos obrigados a declarar todos os oficiais, praças e civis a bordo da *Era de Bronze*, homens e mulheres, culpados.

SCOTT: Do que você está falando? Você é um juiz de verdade? Isto é um tribunal de verdade? E a presunção de inocência?

JUIZ: A presunção de inocência não se aplica a crimes contra a humanidade. Este princípio do direito internacional foi estabelecido no início da Era da Crise. A intenção é garantir que os traidores da humanidade não saiam impunes.

SCOTT: Nós não traímos a humanidade! Onde vocês estavam quando lutamos pela Terra?

ACUSAÇÃO: Vocês definitivamente são traidores! Enquanto a OTT de dois séculos atrás só traiu os interesses da humanidade, hoje vocês traíram

nossos princípios morais mais elementares, um crime muito pior.

SCOTT: [*silêncio*]

JUIZ: Quero que compreenda as consequências de forjar provas. No início deste julgamento, você leu uma declaração em nome de todos os réus expressando remorso pela morte dos 1847 homens e mulheres a bordo da *Quantum*. Agora é o momento de demonstrar esse remorso.

SCOTT: [*depois de longo silêncio*] Tudo bem. Vou apresentar os resultados verdadeiros. Vocês poderão recuperar a contagem de votos em um arquivo criptografado nos diários de bordo da *Era de Bronze*.

ACUSAÇÃO: Começaremos o trabalho imediatamente. Pode me dar uma estimativa de quantas pessoas votaram a favor do ataque à *Quantum*?

SCOTT: Mil seiscentas e setenta. Noventa e quatro por cento da tripulação.

JUIZ: Ordem! Ordem no tribunal! Aviso que o público precisa se manter em silêncio durante esta sessão.

SCOTT: Mas não teria feito diferença. Eu atacaria ainda que menos da metade tivesse votado a favor. A decisão final era minha.

ACUSAÇÃO: Bela tentativa. Mas a *Era de Bronze* não era como as naves mais novas na outra extremidade do Sistema Solar, como a *Seleção Natural*. O sistema de inteligência artificial da sua nave era primitivo. Sem a colaboração das pessoas sob seu comando, você não teria sido capaz de executar o ataque sozinho.

Sebastian Schneider, sexo masculino, 31, capitão de corveta, encarregado dos sistemas de aquisição de alvo e padrões de ataque a bordo da *Era de Bronze*

ACUSAÇÃO: Com exceção do comandante, você era o único oficial com autorização do sistema para impedir ou interromper qualquer ataque.

SCHNEIDER: Correto.

JUIZ: E você não fez isso.

SCHNEIDER: Não.

JUIZ: O que passou pela sua cabeça naquele momento?

SCHNEIDER: Naquele instante — não no momento do ataque, mas quando me dei conta de que a *Era de Bronze* nunca voltaria para casa, quando a nave se tornou meu mundo inteiro —, eu mudei. Não houve nenhuma transição; eu simplesmente me transformei dos pés à cabeça. Foi como o lendário selo mental.

JUIZ: Você acha mesmo que isso é possível? Que sua nave estava equipada com selos mentais?

SCHNEIDER: Claro que não. Foi uma metáfora. O próprio espaço é uma espécie de selo mental... Naquele instante, desisti da minha individualidade. Minha existência só teria significado se a coletividade sobrevivesse... Não sei explicar melhor que isso. Não espero que o senhor entenda, Meritíssimo. Mesmo se o senhor embarcasse na *Era de Bronze* e viajasse até vinte mil UA do Sistema Solar, ou mais longe ainda, ainda assim o senhor não entenderia.

JUIZ: Por quê?

SCHNEIDER: Porque o senhor saberia que tem para onde voltar! Sua alma teria permanecido na Terra. Somente se o espaço atrás da nave se tornasse um abismo infinito — somente se o Sol, a Terra e tudo o mais fosse engolido pelo vazio — o senhor poderia compreender a transformação pela qual eu passei.

Eu sou da Califórnia. Em 1967, pelo calendário antigo, um professor de ensino médio da minha cidade chamado Ron Jones fez algo interessante... por favor, não me interrompa. Obrigado.

A fim de ajudar seus alunos a compreenderem o nazismo e o totalitarismo, ele tentou simular uma sociedade totalitária com seus alunos. Bastaram apenas cinco dias para que tivesse sucesso e a turma se tornasse um Estado fascista em miniatura. Todos os alunos aceitaram abrir mão da própria individualidade e da liberdade, uniram-se à coletividade suprema e perseguiram os objetivos da coletividade com fervor religioso. No final, esse experimento

pedagógico que começou como um jogo inofensivo quase fugiu ao controle. Os alemães fizeram um filme inspirado no experimento de Jones, e a história também virou livro: “A terceira onda”. Quando nós, a bordo da *Era de Bronze*, descobrimos que estávamos fadados a vagar para sempre pelo espaço, também formamos um Estado totalitário. Sabe quanto tempo demorou?

Cinco minutos.

Isso mesmo. Quando a reunião geral começou, em cinco minutos os valores fundamentais dessa sociedade totalitária já haviam recebido apoio da imensa maioria da tripulação. Então, estou falando, quando os seres humanos se perdem no espaço, leva apenas cinco minutos para chegar ao totalitarismo.

Boris Rovinski, sexo masculino, 36, capitão de fragata, imediato da *Era de Bronze*

JUIZ: Você liderou a primeira equipe de abordagem à *Quantum* após o ataque?

ROVINSKI: Sim.

JUIZ: Houve algum sobrevivente?

ROVINSKI: Nenhum.

JUIZ: Você poderia descrever a cena?

ROVINSKI: Os indivíduos a bordo morreram por causa das ondas infrassônicas geradas quando o casco da *Quantum* foi atingido pelos pulsos eletromagnéticos da bomba H. Os corpos estavam bem preservados e não exibiam nenhum sinal externo de dano.

JUIZ: O que vocês fizeram com os corpos?

ROVINSKI: Construimos um monumento para eles, assim como na *Espaço Azul*.

JUIZ: Quer dizer que vocês deixaram os corpos no monumento?

ROVINSKI: Não. E duvido que o monumento da *Espaço Azul* também tivesse algum corpo.

JUIZ: Você não respondeu. Eu perguntei o que vocês fizeram com os corpos.

ROVINSKI: Nós os usamos para reabastecer as reservas de comida da *Era de Bronze*.

JUIZ: Todos?

ROVINSKI: Todos.

JUIZ: De quem foi a decisão de transformar os corpos em comida?

ROVINSKI: Não... não me lembro. Pareceu algo natural na hora. Fiquei responsável pelas operações de logística e suporte a bordo da nave e supervisionei o armazenamento e a distribuição dos corpos.

JUIZ: Como os corpos foram consumidos?

ROVINSKI: Não fizemos nada de especial. Eles foram misturados às hortaliças e às carnes no sistema de biorreciclagem e, depois, cozidos.

JUIZ: Quem ingeriu essa comida?

ROVINSKI: Todo mundo. Todos a bordo da *Era de Bronze* tinham que comer em um dos quatro refeitórios, e só havia uma fonte de comida.

JUIZ: Eles sabiam o que estavam comendo?

ROVINSKI: Claro.

JUIZ: E como reagiram?

ROVINSKI: Imagino que alguns tenham ficado incomodados. Mas ninguém reclamou. Ah, lembro que uma vez eu estava comendo no refeitório dos oficiais e ouvi alguém dizer “Obrigado, Carol Joiner”.

JUIZ: O que ele quis dizer?

ROVINSKI: Carol Joiner era a oficial de comunicações da *Quantum*. Ele estava comendo um pedaço dela.

JUIZ: Como ele sabia?

ROVINSKI: Todos nós recebemos uma cápsula de rastreamento e identificação mais ou menos do tamanho de um grão de arroz. Ela era implantada sob a pele no braço esquerdo. Às vezes o processo de cozimento não a removia. Imagino que ele tenha encontrado uma no prato e usado seu comunicador para ler a informação.

JUIZ: Ordem! Ordem no tribunal! Por favor, retirem as pessoas que desmaiaram. Sr. Rovinski, vocês com certeza compreendiam que estavam violando as leis mais fundamentais que definem nossa humanidade, não?

ROVINSKI: Nós estávamos sujeitos a uma moral diferente, que vocês não compreendem. Durante a Batalha do Fim dos Tempos, a *Era de Bronze* teve que exceder os parâmetros de aceleração originais. Os sistemas de energia sofreram sobrecarga, e os sistemas de manutenção de vida ficaram desativados por quase duas horas, provocando extensos danos por toda a nave. Foi preciso fazer os consertos lentamente. Enquanto isso, os sistemas de hibernação também foram afetados, e só tínhamos condições de suprir as necessidades de quinhentas pessoas. Mas havia mais de mil a bordo, então, se não introduzíssemos novas fontes de nutrição, metade da população teria morrido de fome.

Mesmo sem essas restrições, considerando a viagem interminável que nos aguardava, abandonar tamanho estoque precioso de proteínas no espaço teria sido realmente imperdoável...

Não estou tentando me defender, nem defender mais ninguém na *Era de Bronze*. Agora que recuperei o raciocínio dos seres humanos presos à Terra, é muito difícil para mim dizer estas palavras. Muito difícil.

Declaração final do comandante Neil Scott

Não tenho muito a dizer além desta advertência.

A vida atingiu um marco evolucionário quando saiu do oceano para a terra, mas aqueles primeiros peixes que saíram para a terra deixaram de ser peixes.

Da mesma forma, quando os seres humanos realmente saem para o espaço e se libertam da Terra, eles deixam de ser humanos. Então, para vocês todos, digo o seguinte: quando pensarem em sair para o espaço

sideral sem olhar para trás, por favor, reflitam. O preço que vocês terão que pagar é muito maior do que vocês jamais imaginariam.

No fim, o comandante Neil Scott e outros seis oficiais de alta patente foram considerados culpados de homicídio e crimes contra a humanidade e condenados à prisão perpétua. Dos demais 1768 tripulantes, apenas 138 foram considerados inocentes. Todos os outros receberam penas que iam de vinte a trezentos anos.

A prisão da Frota Internacional ficava no cinturão de asteroides, entre as órbitas de Marte e Júpiter. Portanto, os prisioneiros teriam que sair da Terra de novo. Embora a *Era de Bronze* estivesse em órbita geossíncrona, os prisioneiros estavam fadados a jamais percorrer os últimos trinta mil quilômetros daquela viagem de 350 bilhões de quilômetros de volta para casa.

Conforme a nave de transporte dos prisioneiros acelerava, mais uma vez eles pairaram e caíram nas escotilhas da popa, como folhas secas que jamais chegariam à raiz da árvore. Olharam para fora e viram o globo azul que assombrara seus sonhos encolher e, de novo, se tornar só mais uma estrela.

Antes de saírem da base da frota, o ex-capitão de fragata Rovinski, o ex-capitão de corveta Schneider e mais uma dúzia de oficiais voltaram escoltados à *Era de Bronze* pela última vez para auxiliar com alguns detalhes da transferência da nave para a nova tripulação.

Aquela nave havia sido o mundo deles por mais de uma década. Eles tinham decorado cuidadosamente o interior com hologramas de planícies, florestas e oceanos, cultivaram jardins de verdade e construíram tanques de pesca e chafarizes, transformando-a em um lar genuíno. Mas, agora, tudo isso fora removido. Todos os rastros da

existência deles na nave tinham sido eliminados. A *Era de Bronze* voltara a ser só uma fria belonave estelar.

Todos que eles encontravam pelos corredores os encaravam com olhares frios ou simplesmente os ignoravam. Quando prestavam continência, as pessoas faziam questão de manter o olhar bem firme, para deixar claro para os prisioneiros que a saudação era dirigida apenas para os soldados que os escoltavam.

Schneider foi levado a uma cabine esférica para tratar de detalhes técnicos do sistema de aquisição de alvo da nave com três oficiais. Os oficiais trataram Schneider como se ele fosse um computador. Fizeram perguntas sem qualquer emoção na voz e esperaram as respostas. Não havia o menor traço sequer de educação, nenhuma palavra desnecessária.

A sessão levou apenas uma hora. Schneider tocou a interface flutuante de controle algumas vezes, como se estivesse fechando janelas por hábito. De repente, ele pisou com força na parede esférica da cabine e se lançou para a outra extremidade do recinto. Ao mesmo tempo, as paredes se deslocaram e dividiram a cabine em duas metades. Os três oficiais e o soldado da escolta ficaram presos em uma delas, e Schneider ficou sozinho na outra.

Schneider abriu uma janela flutuante. Tocou nela, e seus dedos eram um borrão. Era a interface de controle do sistema de comunicação. Ele ativou a potente antena de comunicação interestelar da nave.

Um *pop* fraco. Um pequeno buraco surgiu na parede, e a cabine se encheu de fumaça branca. O cano da arma do soldado entrou pelo buraco, apontado para Schneider.

— Última chance. Pare imediatamente o que está fazendo e abra a porta.

— *Espaço Azul*, aqui é *Era de Bronze* — disse Schneider, com a voz baixa. Ele sabia que a distância que sua mensagem percorreria não tinha nada a ver com volume.

Um raio laser atravessou o peito de Schneider. Vapor vermelho de sangue emergiu do buraco. Cercado por uma névoa vermelha formada por seu próprio sangue, Schneider grunhiu suas últimas palavras:

— Não voltem. Aqui não é mais seu lar!

A *Espaço Azul* costumava reagir às tentativas de contato da Terra com mais hesitação e desconfiança do que a *Era de Bronze*, por isso só havia desacelerado lentamente. Portanto, quando recebeu o alerta da *Era de Bronze*, ainda estava saindo do Sistema Solar.

Depois do alerta de Schneider, a *Espaço Azul* parou de desacelerar e voltou a avançar a toda a velocidade.

Quando a Terra recebeu o informe dos sófons de Trissolaris, as duas civilizações passaram a ter um inimigo em comum pela primeira vez na história.

A Terra e Trissolaris encontraram consolo no fato de que a *Espaço Azul* não tinha condições de realizar dissuasão por floresta sombria contra os dois mundos. Mesmo se tentasse transmitir a localização dos dois sistemas solares ao universo usando plena potência, seria quase impossível que alguém escutasse. Para chegar à Estrela de Barnard, a mais próxima que a *Espaço Azul* poderia usar como superantena para reproduzir o feito de Ye Wenjie, demoraria trezentos anos. No entanto, a nave não havia alterado o curso para a Estrela de Barnard. Continuava seguindo em direção à NH558J2, aonde só chegaria em mais de dois mil anos.

A *Gravidade*, a única nave do Sistema Solar capaz de uma viagem interestelar, logo começou a perseguir a *Espaço Azul*. Trissolaris sugeriu enviar uma gota veloz — o nome oficial era sonda espacial de interação forte — para perseguir e destruir a *Espaço Azul*. Mas a Terra se recusou terminantemente. Pelo ponto de vista da humanidade, a *Espaço Azul* devia ser tratada como questão interna. A Batalha do Fim

dos Tempos era o maior trauma da humanidade, e, passada mais de uma década, a dor não havia diminuído nem um pouco. Permitir outro ataque de gota contra seres humanos seria politicamente inaceitável. Embora os tripulantes da *Espaço Azul* tivessem se tornado alienígenas aos olhos de quase todos, só a humanidade deveria ter o direito de fazer-lhes justiça.

Levando em conta a quantidade de tempo que levaria até a *Espaço Azul* se tornar uma ameaça, os trissolarianos cederam. No entanto, ressaltaram que, como a *Gravidade* tinha a capacidade de transmitir ondas gravitacionais, a segurança dela era questão de vida ou morte para eles. Assim, gotas seriam enviadas a título de escolta, mas também para garantir uma vantagem absoluta contra a *Espaço Azul*.

Portanto, a *Gravidade* navegava em formação com duas gotas posicionadas a alguns milhares de metros de distância. O contraste entre o tamanho dos dois tipos de nave era absurdo. Se alguém recuasse o bastante para ver toda a dimensão da *Gravidade*, as gotas seriam invisíveis. E se alguém se aproximasse o bastante de uma gota para observá-la, a superfície lisa refletiria nitidamente a imagem da *Gravidade*.

A *Gravidade* foi construída cerca de uma década depois da *Espaço Azul*. Exceto pela antena de ondas gravitacionais, ela não era muito mais avançada. Os sistemas de propulsão, por exemplo, eram só ligeiramente mais potentes que os da *Espaço Azul*. A confiança da *Gravidade* no sucesso da caçada se devia à sua extrema vantagem em matéria de reservas de combustível.

Ainda assim, com base na velocidade e aceleração atual das naves, a *Gravidade* levaria cinquenta anos para alcançar a *Espaço Azul*.

ERA DA DISSUASÃO, ANO 61

PORTADOR DA ESPADA

Cheng Xin olhou para sua estrela do alto de uma árvore gigantesca. Tinha sido ela o motivo de irem acordá-la.

Durante a breve existência do Projeto Nosso Destino nas Estrelas, ao todo quinze indivíduos adquiriram dezessete estrelas. Com exceção de Cheng Xin, todos os outros proprietários se perderam na história, e foi impossível encontrar herdeiros legítimos. A Grande Ravina agiu como uma peneira colossal, e muitas pessoas não conseguiram atravessá-la. Agora, Cheng Xin era a única pessoa com direito de propriedade sobre uma estrela.

Embora a humanidade ainda não tivesse começado a tentar alcançar nenhuma estrela fora do Sistema Solar, o ritmo acelerado do progresso tecnológico permitira que estrelas a menos de trezentos anos-luz da Terra deixassem de ter um valor meramente simbólico. Descobriu-se que a DX3906, a estrela de Cheng Xin, na verdade tinha planetas. Dos dois já encontrados, um parecia muito semelhante à Terra em termos de massa, órbita e análise espectrográfica da atmosfera. Como resultado, o valor da estrela subiu a proporções estratosféricas. Todos ficaram surpresos quando se revelou que a estrela já tinha dona.

A ONU e a Frota do Sistema Solar queriam retomar a posse da DX3906, mas a única maneira legal de fazer isso seria um acordo com a proprietária para transferir a escritura. Por esse motivo, Cheng Xin foi despertada de seu sono após 264 anos de hibernação.

A primeira coisa que ela descobriu ao sair da hibernação foi o seguinte: como ela imaginara, não havia absolutamente nenhuma novidade a respeito do Programa Escadaria. Os trissolarianos não tinham interceptado a sonda, e ninguém fazia a menor ideia do paradeiro dela. O Programa Escadaria fora esquecido pela história, e o cérebro de Tianming se perdera na vastidão do espaço. Mas aquele homem, que se fundira ao vazio, havia deixado um mundo real, sólido, para sua amada, um mundo composto por uma estrela e dois planetas.

Uma astrônoma com ph.D. chamada “艾” AA* havia descoberto os planetas que orbitavam a DX3906. Para a tese de doutorado, ela desenvolvera uma técnica nova que usava uma estrela como lente gravitacional na observação de outra.

Para Cheng Xin, AA parecia um pássaro cheio de vida voando à sua volta sem parar. AA disse a Cheng Xin que conhecia pessoas como ela, que tinham vindo do passado — as chamadas “pessoas da Era Comum”, em referência ao calendário antigo —, já que seu orientador no doutorado era um físico da mesma época. Por sua familiaridade com pessoas da Era Comum, ela havia sido chamada pela Agência de Desenvolvimento Espacial da ONU para atuar como oficial de ligação junto a Cheng Xin, seu primeiro emprego depois do doutorado.

O pedido da ONU e da frota de abrir mão da estrela gerou um problema para Cheng Xin. Ela se sentia culpada por ser proprietária de um mundo inteiro, mas a angustiava pensar em vender um presente que alguém lhe dera por amor. Ela lhes propôs abrir mão de qualquer direito de posse sobre a DX3906 e manter a escritura somente como lembrança, mas lhes disseram que seria impossível. A lei proibia que autoridades recebessem uma propriedade tão valiosa sem oferecer compensação ao proprietário original, então insistiram em um contrato de compra e venda. Cheng Xin se recusou.

Depois de muita reflexão, ela fez uma nova proposta: venderia os dois planetas, mas continuaria dona da estrela. Também assinaria um

acordo com a ONU e a frota para conceder à humanidade o direito de usar a energia produzida pela estrela. Os advogados por fim chegaram à conclusão de que a proposta era aceitável.

AA disse a Cheng Xin que, como só estava vendendo os planetas, o valor oferecido pela ONU seria muito menor. Ainda assim, era uma quantia astronômica, e ela precisaria estabelecer uma empresa para administrá-la devidamente.

— Você quer a minha ajuda para administrar sua empresa? — perguntou AA.

Cheng Xin aceitou, e AA ligou imediatamente para a Agência de Desenvolvimento Espacial da ONU e pediu demissão.

— Agora eu trabalho para você — disse ela —, então gostaria de conversar sobre seus interesses. Você está louca?! Entre todas as alternativas, você escolheu a *pior*. Podia ter vendido a estrela e os planetas, e teria se tornado uma das pessoas mais ricas do universo! Ou podia ter se recusado a vender e manter o Sistema Solar inteiro: a proteção que a lei dá à propriedade privada é absoluta, e ninguém poderia tirá-lo de você. E depois você poderia entrar em hibernação e acordar só quando fosse possível voar até a DX3906. E aí poderia ir para lá! Tanto espaço! O oceano, os continentes... você pode fazer o que quiser, claro, mas deveria me levar junto...

— Já me decidi — disse Cheng Xin. — Quase três séculos nos separam. Não espero que nos entendamos logo de cara.

— Tudo bem. — AA suspirou. — Mas você deveria rever sua ideia de dever e consciência. O dever te fez abrir mão dos planetas, e a consciência fez guardar para si a estrela. E o dever também te fez abrir mão da produção de energia da estrela. Você é como meu orientador do doutorado, uma daquelas pessoas do passado afligidas pelo conflito entre dois ideais. Mas, na nossa época, a consciência e o dever não são ideais: qualquer um dos dois em excesso é considerado uma doença

mental chamada distúrbio de personalidade por pressão social. Você precisa se tratar.

Apesar do brilho das luzes na cidade abaixo, Cheng Xin encontrou facilmente a DX3906. O ar estava muito mais limpo do que no século XXI. Ela parou de observar o céu noturno e prestou atenção à realidade à sua volta: ela e AA pareciam duas formigas em cima de uma árvore de Natal acesa e estavam cercadas por uma floresta de árvores de Natal. Edifícios iluminados pendiam dos galhos como folhas. Mas aquela cidade gigantesca era construída sobre a terra, não debaixo. Graças à paz da Era da Dissuasão, a segunda fase cavernícola da humanidade havia chegado ao fim.

Elas caminharam pelo galho até a ponta. Cada ramo da árvore era uma avenida movimentada cheia de janelas flutuantes translúcidas abarrotadas de informações. Aquilo fazia a rua parecer um rio multicolorido. De vez em quando, uma ou duas janelas se afastavam do trânsito na pista e as acompanhavam por um tempo e, como Cheng Xin e AA não demonstravam interesse, voltavam para a correnteza. Todos os prédios naquela rua-galho estavam pendurados abaixo delas. Como aquele era o galho mais alto, o céu estrelado se estendia bem acima das duas. Se estivessem caminhando por um dos galhos inferiores, ficariam cercadas pelas construções luminosas penduradas no galho acima e se sentiriam como insetos minúsculos voando por uma floresta idílica onde cada folha e fruta cintilava e brilhava.

Cheng Xin olhou para os pedestres na rua: uma mulher, duas mulheres, um grupo de mulheres, outra mulher, três mulheres — eram todas mulheres, todas belas. Vestidas com roupas bonitas e brilhantes, pareciam ninfas naquela floresta mágica. De vez em quando, passavam por pessoas mais velhas, cuja beleza permanecia imune à idade. Ao

chegarem ao fim do galho, observando o mar de luzes abaixo, Cheng Xin fez a pergunta que a intrigava há dias.

— Onde estão os homens? — Nos poucos dias que se passaram desde a reanimação, ela não havia visto um homem sequer.

— Como assim? Tem homem em todo canto. — AA apontou para as pessoas em volta delas. — Ali: está vendo o homem apoiado na balaustrada? E tem três ali. E dois vindo na nossa direção.

Cheng Xin olhou. Os indivíduos que AA indicou tinham um lindo rosto liso, cabelos longos que caíam sobre os ombros, corpo esbelto e macio — como se seus ossos fossem feitos de banana. Os movimentos eram graciosos e sutis, e suas vozes, que a brisa levava até ela, eram delicadas e ternas... No século de Cheng Xin, aquelas pessoas teriam sido consideradas ultrafemininas.

Após alguns instantes, ela finalmente compreendeu. Já fazia muito tempo que a tendência era óbvia. A década de 1980 provavelmente havia sido o último período em que a masculinidade nos termos tradicionais era considerada um ideal. Depois, a sociedade e a moda começaram a dar preferência a homens que apresentassem qualidades tipicamente femininas. Cheng Xin se lembrou dos astros do pop orientais que à primeira vista ela achava que pareciam meninas bonitas. A Grande Ravina interrompeu essa tendência na evolução da sociedade humana, mas o meio século de paz e tranquilidade proporcionado pela Era da Dissuasão a acelerou.

— Pessoas da Era Comum costumam ter dificuldade para distinguir homens e mulheres, no começo — disse AA. — Mas vou te ensinar um truque. Preste atenção à maneira como as pessoas olham para você. Uma beleza clássica como a sua é muito atraente.

Cheng Xin a encarou, um pouco corada.

— Não, não! — AA riu. — Eu sou mesmo mulher, e não gosto de você nesse sentido. Mas, juro, não vejo nada bonito nos homens da sua era.

Grosseiros, selvagens, sujos... é como se não tivessem evoluído. Você vai se acostumar e apreciar esta era de beleza.

Quase três séculos antes, quando Cheng Xin havia se preparado para a hibernação, ela imaginara as inúmeras dificuldades que enfrentaria no futuro, mas aquilo a pegou de surpresa. Ela se perguntou como seria passar o resto da vida naquele mundo feminino... e ficou melancólica. Olhou para cima e procurou sua estrela.

— Você está pensando nele de novo, não é? — AA pegou-a pelos ombros. — Mesmo se ele não tivesse ido para o espaço, se tivesse passado o resto da vida com você, os netos dos seus netos já estariam mortos hoje. Esta é uma nova era; uma nova vida. Esqueça o passado!

Cheng Xin tentou seguir o conselho de AA e se obrigou a voltar ao presente. Fazia só alguns dias que ela havia chegado, e tinha acabado de assimilar muito por alto a história dos últimos três séculos. O que mais a chocara havia sido o equilíbrio estratégico entre os humanos e os trissolarianos como resultado da dissuasão por floresta sombria.

Um pensamento lhe ocorreu de repente: *Um mundo dedicado à feminilidade... mas em que isso afeta a dissuasão?*

Cheng Xin e AA voltaram pelo galho. De novo elas foram seguidas por algumas janelas flutuantes de informações, e dessa vez uma delas chamou a atenção de Cheng Xin. A janela exibiu um homem, nitidamente um homem do passado: mal-ajambrado, esquelético, cabelo bagunçado, parado ao lado de uma lápide preta. O homem e a lápide estavam mergulhados em sombras, mas os olhos dele pareciam brilhar com uma luz refletida de algum lugar. Uma linha de texto surgiu na parte de baixo da tela:

Na época dele, um assassino seria condenado à morte.

Cheng Xin achou que o rosto do homem lhe era familiar, mas, antes que conseguisse ver direito, a imagem desapareceu. No lugar dela veio uma mulher de meia-idade — bom, pelo menos Cheng Xin achava que

fosse uma mulher. Com roupas formais sem brilho, que para Cheng Xin lembravam trajes de políticos, ela estava no meio de um discurso. O texto de antes era parte das legendas da fala dela.

A janela pareceu perceber o interesse de Cheng Xin. Expandiu-se e começou a reproduzir o áudio junto com o vídeo. A voz da política era bonita e delicada, como se as palavras estivessem unidas por fios de algodão-doce. Mas o conteúdo do discurso era assustador.

— Por que a pena de morte? Resposta: porque ele matou. Mas essa é apenas uma das opções corretas.

“Outra resposta correta seria: porque ele matou pouco. Matar uma pessoa é assassinato; matar algumas pessoas ou dezenas também; então o assassinato de milhares ou dezenas de milhares deveria ser punido com a morte mil vezes. E se for mais do que isso? Centenas de milhares? Pena de morte, não é? No entanto, aqueles entre vocês que conhecem um pouco de história estão começando a hesitar.

“E se ele matou milhões? Garanto que alguém que tenha feito isso jamais seria considerado assassino. Na verdade, talvez ninguém sequer considere que essa pessoa tenha agido contra a lei. Se vocês não acreditam em mim, é só estudarem a história! Quando alguém mata milhões de pessoas, é considerado um ‘grande’ homem, um herói.

“E se esse sujeito destruísse um mundo inteiro e matasse todos os seres vivos de lá... ele seria aclamado como salvador!”

— Estão falando de Luo Ji — disse AA. — Querem que ele seja julgado.

— Por quê?

— É complicado. Mas, basicamente, é por causa daquele mundo, do mundo cuja localização ele anunciou para o universo, e que acabou sendo destruído. Não sabemos se existia vida naquele mundo... É possível. Então estão acusando ele de supostamente ter cometido mundicídio, o crime mais grave previsto pela nossa legislação.

— Ei, você deve ser Cheng Xin!

Ela levou um susto com a voz. Vinha da janela flutuante à sua frente. A política na tela olhava para Cheng Xin, o rosto cheio de alegria e surpresa, como se estivesse vendo uma velha amiga.

— Você é a proprietária daquele mundo distante! Como um raio de esperança, você trouxe a beleza de sua era até nós. Sendo a única humana de todos os tempos a possuir um mundo inteiro, você também salvará este. Todos acreditamos em você. Ah, desculpe, eu devia me apresentar...

AA chutou a janela e a desligou. Cheng Xin ficou absolutamente pasma com o nível tecnológico da era. Ela não fazia ideia de como sua imagem fora transmitida à oradora, nem de como a oradora conseguira distingui-la dentre os bilhões de pessoas que assistiam ao seu discurso.

AA acelerou o passo para ficar na frente de Cheng Xin e passou a andar de costas enquanto elas conversavam.

— Você teria destruído um mundo para criar esta forma de dissuasão? E, mais importante, se o inimigo não fosse dissuadido, você apertaria o botão para garantir a destruição de dois mundos?

— Essa pergunta é inútil. Eu jamais me colocaria nessa situação.

AA parou e segurou os ombros de Cheng Xin. Passou alguns instantes encarando-a.

— Sério? Não?

— Claro que não. Não consigo pensar em nenhum destino mais pavoroso do que ficar nessa situação. Muito pior que morrer.

Ela não entendeu por que AA parecia tão séria, mas AA assentiu.

— Isso me deixa mais tranquila... Que tal conversarmos mais amanhã? Você está cansada e precisa repousar. A recuperação completa pós-hibernação leva uma semana.

Na manhã seguinte, Cheng Xin recebeu uma ligação de AA.

Ela surgiu na tela e parecia entusiasmada.

— Quero te fazer uma surpresa, vou te levar a um lugar legal. Suba. O carro está no topo da árvore.

Cheng Xin subiu e viu um carro voador com a porta aberta. Ela entrou, mas não viu AA. A porta deslizante se fechou sem fazer barulho, e o banco se moldou em volta do seu corpo, acomodando-a com a firmeza de uma mão. O carro decolou com leveza e se fundiu ao fluxo do trânsito da cidade-floresta.

Ainda era cedo, e feixes cintilantes de luz do sol, quase paralelos ao solo, penetravam o carro à medida que ele atravessava a floresta. Aos poucos, as árvores gigantes escassearam até sumirem de vez. Sob o céu azul, Cheng Xin via apenas planícies e bosques, um mosaico verde inebriante.

Depois do início da Era da Dissuasão, a maior parte das indústrias pesadas fora transferida para o espaço em órbita, e a ecologia natural da Terra se recuperou. A superfície do planeta agora se aproximava da que existia nos tempos pré-Revolução Industrial. Devido a uma diminuição da população e ao aumento da produção alimentícia industrializada, parte considerável da terra cultivável pôde permanecer desocupada e voltar ao estado natural. O planeta Terra estava se transformando em um parque gigantesco.

Esse mundo bonito parecia irreal para Cheng Xin. Embora tivesse sido reanimada da hibernação, a sensação era de que aquilo tudo era um sonho.

Meia hora depois, o carro pousou e a porta se abriu automaticamente. Cheng Xin saiu, e o carro flutuou e foi embora. Quando a turbulência das turbinas passou, o silêncio reinou absoluto, interrompido de tempos em tempos por cantos de pássaros distantes. Cheng Xin olhou à volta e se viu no meio de um conjunto de edifícios abandonados. Pareciam prédios residenciais da Era Comum. A metade de baixo de cada um estava coberta de trepadeiras.

Aquela imagem do passado cheia de vida verde em uma nova era deu a Cheng Xin a noção de realidade de que ela estava sentindo falta.

Ela chamou AA, mas foi uma voz masculina que respondeu.

— Oi.

Ela se virou e viu um homem na varanda coberta de trepadeiras do segundo andar de um prédio. Ele não era como os homens bonitos e suaves daquela época, mas como os homens do passado. Cheng Xin achou que devia estar sonhando de novo, uma continuação de seu pesadelo da Era Comum.

Era Thomas Wade. Ele usava um casaco de couro preto, mas parecia um pouco mais velho do que ela se lembrava. Talvez tivesse entrado em hibernação depois de Cheng Xin, ou talvez tivesse despertado antes dela, ou as duas coisas.

Os olhos de Cheng Xin se concentraram na mão direita de Wade. A mão, coberta por uma luva de couro preta, segurava uma arma antiga da Era Comum apontada para ela.

— Estas balas foram projetadas para funcionar debaixo d'água — disse Wade. — Feitas para durar bastante tempo. Mas já faz mais de duzentos e setenta anos. Quem sabe se vão funcionar? — Aquele sorriso familiar, que ele exibia quando se deliciava com o desespero alheio, apareceu em seu rosto.

Um clarão. Uma explosão. Cheng Xin sentiu o golpe forte no ombro esquerdo, e a força a jogou contra a parede em ruínas atrás dela. A trepadeira densa abafou grande parte do barulho do tiro. Pássaros continuavam a chilrear ao longe.

— Não posso usar uma arma moderna — disse Wade. — Todos os disparos são registrados automaticamente nos bancos de dados públicos de segurança hoje em dia. — Ele falava com o mesmo tom de voz sereno que havia usado para tratar de questões de rotina com ela.

— Por quê? — Cheng Xin não sentiu dor. Seu ombro esquerdo parecia dormente, como se não fizesse parte de seu corpo.

— Quero ser o Portador da Espada. Você é minha concorrente, e vai ganhar. Não tenho ressentimentos contra você. Acredite se quiser, estou me sentindo péssimo agora.

— Você matou Vadimov? — perguntou ela. Saía sangue do canto de sua boca.

— Matei. O Programa Escadaria precisava dele. E agora meu novo plano não precisa de você. Como ele, você também é muito boa, mas está no meu caminho. Tenho que seguir em frente, não posso pensar nas consequências.

Outro tiro. A bala atravessou o lado esquerdo do abdome de Cheng Xin. Ela ainda não sentia dor, mas a dormência não permitiu que continuasse de pé. Ela deslizou pela parede, deixando um rastro vívido de sangue na trepadeira às suas costas.

Wade apertou o gatilho de novo. Finalmente, os quase três séculos de existência afetaram a arma, que não emitiu nenhum ruído. Wade puxou o ferrolho para tirar o cartucho defeituoso da câmara e voltou a apontá-la para Cheng Xin.

O braço direito dele explodiu. Uma nuvem de fumaça branca subiu no ar, e o antebraço direito de Wade não existia mais. Pedacos queimados de osso e carne caíram sobre as folhas verdes diante dele, mas a arma, ilesa, caiu ao chão na frente do prédio. Wade não se mexeu. Deu uma olhada no que restava de seu braço direito e então olhou para cima. Uma viatura policial descia em sua direção.

À medida que a viatura se aproximava do solo, alguns policiais armados saltaram para fora e caíram no mato denso que tremulava sob a turbulência das turbinas. Pareciam mulheres esbeltas e ágeis.

A última pessoa a sair da viatura foi AA. Cheng Xin estava enxergando tudo borrado, mas conseguiu ver o rosto cheio de lágrimas dela e ouvir sua explicação entre os soluços.

— ... forjou uma ligação minha...

Ela foi tomada por uma onda violenta de dor e perdeu os sentidos.

Quando acordou, viu que estava dentro de um carro voador. Uma película a envolvia com firmeza. Não sentia dor, não sentia nem a presença do próprio corpo. Sua consciência começou a se esvaír de novo. Com uma voz fraca que ninguém mais conseguiu escutar, ela perguntou:

— O que é um Portador da Espada?

* A grafia deste nome combina caracteres chineses e letras latinas: “艾” é o sobrenome e se pronuncia “Ai”.

TRECHO DE *UM PASSADO ALÉM DO TEMPO*

O FANTASMA DAS BARREIRAS: O PORTADOR DA ESPADA

Sem sombra de dúvida, a dissuasão por floresta sombria que Luo Ji criou contra Trissolaris foi uma grande conquista, mas o Projeto Barreiras que a originou foi considerado uma ação infantil ridícula. A humanidade, como uma criança que acaba de entrar na sociedade, havia gritado contra o universo sinistro, aterrorizada e confusa. Quando Luo Ji transferiu para a ONU e a Frota do Sistema Solar o controle sobre o sistema de dissuasão, todos acharam que o Projeto Barreiras, um pedaço lendário da história, estava encerrado.

As pessoas voltaram a atenção para a dissuasão propriamente dita, e assim se criou um novo campo de pesquisa: a teoria dos jogos de dissuasão.

Os principais elementos da dissuasão eram os seguintes: o dissuasor e o dissuadido (na dissuasão por floresta sombria, a humanidade e Trissolaris); a ameaça (o envio da localização de Trissolaris a fim de garantir a destruição dos dois mundos); o controlador (a pessoa ou organização em posse do dispositivo de transmissão); e a meta (obrigar Trissolaris a abandonar o plano de invasão e compartilhar tecnologia com a humanidade).

Quando o resultado da dissuasão é a completa destruição tanto do dissuasor quanto do dissuadido, diz-se que o sistema se encontra em

estado de dissuasão absoluta.

Em comparação com outros tipos de dissuasão, a dissuasão absoluta se distingue pelo fato de que, caso ela fracasse, a execução da ameaça não salvaria o dissuasor.

Portanto, o fator crucial para o sucesso da dissuasão absoluta era uma certeza quase total por parte do dissuadido de que a ameaça será cumprida se o dissuadido frustrar os objetivos do dissuasor. Essa probabilidade, também chamada grau de dissuasão, é um parâmetro importante na teoria dos jogos de dissuasão. O grau de dissuasão precisa ser superior a oitenta por cento para que o dissuasor tenha sucesso.

Mas as pessoas logo descobriram um fato desalentador: se a autoridade para executar a ameaça na dissuasão por floresta sombria coubesse à humanidade como um todo, então o grau de dissuasão seria quase zero.

É difícil pedir à humanidade para adotar uma medida que causaria a destruição de dois mundos: a decisão violaria princípios e valores morais arraigados. Com as condições específicas da dissuasão por floresta sombria, a tarefa era ainda mais complicada. Se a dissuasão fracassasse, a humanidade só sobreviveria por mais uma geração. De certa forma, ninguém seria afetado pessoalmente. Mas, caso a dissuasão não tivesse sucesso e a ameaça de transmissão fosse executada, a destruição poderia chegar a qualquer momento, uma situação muito pior do que se a ameaça não fosse executada. Portanto, caso a dissuasão fracassasse, seria fácil prever a reação da humanidade como um todo.

Mas era impossível prever a reação de um indivíduo.

O sucesso da dissuasão por floresta sombria se fundamentava na imprevisibilidade de Luo Ji como indivíduo. Se a dissuasão fracassasse, as ações dele seriam orientadas por sua própria personalidade e psicologia. Mesmo se ele agisse de forma racional, talvez seus próprios

interesses não combinassem perfeitamente com os da humanidade. No início da Era da Dissuasão, os dois mundos analisaram cuidadosamente a personalidade de Luo Ji e elaboraram modelos matemáticos detalhados. Teóricos humanos e trissolarianos dos jogos de dissuasão chegaram a conclusões incrivelmente semelhantes: dependendo do estado mental de Luo Ji no momento do fracasso da dissuasão, o grau de dissuasão de Luo Ji variava de 91,9 a 98,4 por cento. Trissolaris não queria apostar nisso.

É claro que uma análise tão cuidadosa não foi possível logo após a criação da dissuasão por floresta sombria. Mas a humanidade chegou depressa a essa conclusão de forma intuitiva, e a ONU e a Frota do Sistema Solar devolveram a Luo Ji a autoridade de ativar o sistema de dissuasão como se fosse uma batata quente. O processo todo, desde que Luo Ji transferiu a autoridade até recebê-la de volta, levou um total de dezoito horas. Mas isso teria sido tempo suficiente para que as gotas destruíssem o círculo de bombas nucleares ao redor do Sol e privassem a humanidade da capacidade de transmitir a localização dos mundos. A inação dos trissolarianos nesse período é considerada por muitos o maior erro estratégico deles na guerra, e a humanidade, suando frio, pôde respirar fundo.

Desde então, o poder de ativar o sistema de dissuasão por floresta sombria sempre coubera a Luo Ji. Primeiro, a mão dele segurava o gatilho para detonar o círculo solar de bombas nucleares e, depois, passou a segurar o gatilho da transmissão de ondas gravitacionais.

A dissuasão por floresta sombria pairou sobre o mundo como a Espada de Dâmocles, e Luo Ji era o fio de cabelo que sustentava a espada. Portanto, ele veio a ser chamado de Portador da Espada.

No fim das contas, o Projeto Barreiras não acabou relegado à história. A humanidade não conseguiria fugir do fantasma das Barreiras.

Embora o Projeto Barreiras fosse uma anomalia sem precedentes na história da humanidade, tanto a dissuasão por floresta sombria quanto o Portador da Espada tinham precursores. A garantia de destruição mútua praticada pela Otan e pelo Pacto de Varsóvia durante a Guerra Fria era um exemplo de dissuasão absoluta. Em 1974, a União Soviética iniciou o Sistema Perímetro (em russo, Система Периметр), ou “Mão Morta”. A intenção era assegurar que a União Soviética tivesse capacidade viável de retaliação caso um primeiro ataque liderado pelos americanos eliminasse o governo soviético e os centros do alto-comando militar. Ele se baseava em um sistema de monitoramento que coletava sinais de explosões nucleares dentro do território da União Soviética; todos os dados eram transmitidos a um computador central, que os interpretava e decidia lançar ou não o arsenal nuclear.

O núcleo do sistema era uma sala de controle subterrânea secreta. Se o sistema determinasse a necessidade de contra-ataque, o operador do turno deveria iniciá-lo.

Em 2009, um oficial que havia trabalhado nessa sala décadas antes contou a um repórter que, na época, era um tenente de vinte e cinco anos recém-saído da Academia Militar de Frunze. Se o sistema determinasse a necessidade de ataque, ele seria a última etapa antes da destruição total do mundo. Naquele momento, era provável que a União Soviética e o Leste Europeu estivessem mergulhados em um mar de chamas, e todos que ele amava na superfície certamente estariam mortos. Se ele apertasse o botão, a América do Norte também se tornaria um inferno na Terra em meia hora, e o inverno nuclear subsequente extinguiria a humanidade. O destino da civilização humana repousaria em suas mãos.

Mais tarde, ele ouviu muitas vezes esta pergunta: se o momento realmente chegasse, você teria apertado o botão?

O primeiro Portador da Espada da história respondeu: *Não sei*.

A humanidade esperava que houvesse um final feliz para a dissuasão por floresta sombria, assim como na garantia de destruição mútua do século XX.

O tempo passou nesse equilíbrio estranho. Fazia sessenta anos que a dissuasão estava em vigor, e Luo Ji, agora centenário, ainda detinha o gatilho que iniciaria a transmissão. E sua imagem em meio ao povo também havia se transformado gradualmente.

Os gaviões que queriam adotar a linha dura contra Trissolaris não gostavam dele. Perto do início da Era da Dissuasão, exigiram a imposição de condições severas a Trissolaris, com o objetivo de desarmar completamente os trissolarianos. Algumas das propostas eram absurdas. Por exemplo, uma das ideias era o programa de “reassentamento nu”, que obrigaria todos os trissolarianos a serem desidratados e transportados por naves cargueiras até a Nuvem de Oort, onde então seriam recolhidos por naves humanas e trazidos ao Sistema Solar para serem armazenados em desidratatórios em Marte ou na Lua. Depois, se os trissolarianos atendessem a certas condições, seriam reidratados em lotes reduzidos.

As pombas também não gostavam de Luo Ji. A maior preocupação delas era se a estrela 187J3X1, cuja localização tinha sido anunciada por ele, possuía planetas dotados de vida e civilização. Nenhum astrônomo dos dois mundos foi capaz de oferecer uma resposta definitiva a essa questão; era impossível provar qualquer das hipóteses. Mas era certo que Luo Ji podia ser considerado suspeito de haver cometido mundicídio. As pombas acreditavam que, para que a humanidade e os trissolarianos pudessem coexistir em paz, os alicerces dessa existência deviam ser direitos “humanos” universais — em outras palavras, o reconhecimento de que todos os seres civilizados do universo tinham direitos fundamentais invioláveis. Para que esse ideal pudesse se realizar, Luo Ji precisava ser julgado.

Luo Ji ignorava a todos. Ele manteve o gatilho do sistema de transmissão de ondas gravitacionais e permaneceu silenciosamente no posto de Portador da Espada por meio século.

A humanidade descobriu que qualquer medida em relação aos trissolarianos precisava levar em consideração o Portador da Espada. Sem sua anuência, nenhuma medida humana teria efeito em Trissolaris. Assim, o Portador da Espada se tornou um poderoso ditador, de maneira muito semelhante ao que acontecera com as Barreiras.

Com o tempo, Luo Ji passou a ser visto como um monstro irracional e um déspota mundicida.

As pessoas se deram conta de que a Era da Dissuasão era um período estranho. Por um lado, a sociedade humana tinha se elevado a patamares inéditos de civilização: os direitos humanos e a democracia eram supremos no mundo todo. Por outro, o sistema inteiro existia à sombra de um ditador. Especialistas acreditavam que, embora normalmente a ciência e a tecnologia contribuíssem para a eliminação do totalitarismo, também podiam dar origem a um novo totalitarismo em caso de crises que ameaçavam a existência da civilização. Em Estados totalitários tradicionais, o ditador só podia exercer seu controle por intermediários, o que resultava em incerteza e pouca eficiência. Portanto, nunca na história da humanidade houve uma sociedade totalitária absoluta. Mas a tecnologia possibilitou o surgimento desse supertotalitarismo, e tanto as Barreiras quanto o Portador da Espada eram exemplos inquietantes disso. A combinação de supertecnologia e supercrise poderia devolver a humanidade à Idade das Trevas.

Mas a maioria das pessoas também acreditava na necessidade da dissuasão. Quando os sófons desbloquearam o progresso da tecnologia humana e os trissolarianos começaram a transferir conhecimento aos seres humanos, a ciência da Terra passou a avançar a grandes saltos. No entanto, em comparação com Trissolaris, a Terra ainda estava

atrasada por uma ou duas eras tecnológicas. Desativar o sistema de dissuasão só seria considerado quando os dois mundos se encontrassem em níveis aproximados de tecnologia.

Havia outra opção: transferir o controle do sistema de dissuasão a uma inteligência artificial. Essa alternativa havia sido considerada seriamente, e muito esforço foi dedicado ao estudo de sua viabilidade. A maior vantagem era o grau de dissuasão extremamente alto. Mas, no fim das contas, ela não foi adotada. A ideia de entregar o destino de dois mundos a uma máquina era assustadora. Simulações demonstraram que inteligências artificiais tendiam a tomar decisões erradas diante das condições complexas de dissuasão — o que não era surpresa, visto que um discernimento apropriado exigia mais do que raciocínio lógico. Além do mais, a transição de ditadura humana para ditadura mecânica não teria tranquilizado ninguém, e em termos de política era pior. Por fim, os sófons poderiam interferir com os processos de raciocínio da inteligência artificial. Embora jamais se tenha descoberto qualquer indício de interferência nesse sentido, a mera possibilidade tornava a opção inconcebível.

O meio-termo seria mudar o Portador da Espada. Mesmo sem levar em consideração as questões acima, Luo Ji já era um centenário. Sua capacidade de raciocínio e sua saúde psicológica estavam cada vez mais incertas, e as pessoas começavam a se angustiar com o fato de que o destino de dois mundos repousava em suas mãos.

ERA DA DISSUASÃO, ANO 61

O PORTADOR DA ESPADA

A recuperação de Cheng Xin foi rápida. Os médicos disseram que, mesmo se ela tivesse sido atingida por todas as dez balas de sete milímetros da arma, e mesmo se seu coração tivesse sido destruído, a medicina moderna seria capaz de revivê-la e deixá-la nova em folha — mas, se o cérebro fosse atingido, a situação seria outra.

A polícia disse que o último caso de assassinato no mundo acontecera vinte e oito anos antes, e fazia quase quarenta anos desde o último assassinato naquela cidade. A polícia não tinha muita prática com o trabalho de prevenção e investigação de homicídios, motivo pelo qual Wade quase fora bem-sucedido. Outro candidato ao posto de Portador da Espada havia alertado a polícia. Mas o concorrente de Wade não ofereceu nenhuma prova, só a suspeita da intenção de Wade com base em certa sensibilidade que não costumava ser levada em conta na era atual. A polícia, incerta quanto à acusação, perdeu muito tempo. Só agiu quando descobriu que Wade havia forjado uma ligação de AA.

Muita gente foi ver Cheng Xin no hospital: autoridades do governo, da ONU e da Frota do Sistema Solar; pessoas comuns; e, claro, AA e seus amigos. A essa altura, Cheng Xin já conseguia distinguir os homens das mulheres sem dificuldade, e estava se acostumando à aparência completamente feminina dos homens modernos, percebendo neles uma elegância que os de sua época não tinham. Ainda assim, não os achava atraentes.